

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE LETRAS



**O lisboeta e a sua percepção sobre o lixo na cidade: uma  
análise cultural**

**Andreza Pinto Nascimento**

Dissertação

Mestrado em Cultura e Comunicação

2016



UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE LETRAS



**O lisboeta e a sua percepção sobre o lixo na cidade:  
uma análise cultural**

**Andrezza Pinto Nascimento**

Tese orientada pela Prof.<sup>a</sup> Doutora Ana Cristina Ferreira Mendes,  
especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em  
Cultura e Comunicação.

2016

“A Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e a Universidade de Lisboa têm licença não exclusiva para arquivar e tornar acessível, nomeadamente através do seu repositório institucional, esta dissertação/tese, no todo ou em parte, em suporte digital, para acesso mundial. A Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e a Universidade de Lisboa estão autorizadas a arquivar e, sem alterar o conteúdo, converter a tese ou dissertação entregue, para qualquer formato de ficheiro, meio ou suporte, nomeadamente através da sua digitalização, para efeitos de preservação e acesso”.

Nascimento, Andrezza Pinto.

O lisboeta e a sua percepção sobre o lixo na cidade: uma análise cultural / Andrezza Pinto Nascimento; orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Ana Cristina Ferreira Mendes. Lisboa, 2016.

126f.

Dissertação (Mestrado de Cultura e Comunicação) –  
Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa

1. Análise cultural.
2. Percepção ambiental.
3. Representação cultural.
4. Limpeza urbana

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecer parece tão óbvio depois de tanta ajuda recebida no decorrer do desenvolvimento deste trabalho, porém fica difícil mensurar em palavras o que a conclusão desta etapa acadêmica significa para esta eterna curiosa estudante. Viver em outro continente é uma experiência libertadora e muitas vezes assustadora. É preciso conviver com a saudade, a solidão, e a tristeza de perder tanto momentos importantes ao lado das pessoas que mais amamos. Tudo é questão de escolha, de fato, mas deixando de lado as armadilhas da distância, morar em outro país transforma, realiza e solidifica as pessoas, principalmente aquelas que tem ambições profissionais desaprisionadas do comodismo da nação-lar.

Quero deixar aqui registrado os meus mais sinceros agradecimentos aos meus amados pais, que não medem esforços em me apoiar na minha busca incansável por realizações pessoais, ainda que lamentem minha ausência diária. Meu muito obrigada ao meu namorado Roman Paiusco, pessoa fundamental na decisão de me fazer criar coragem e buscar em terras lusas a qualificação acadêmica já há muito sonhada. Ao meu irmão, que mesmo com as nossas diferenças, tenho certeza que torce pelo meu sucesso.

Às minhas amigas, as de longe e longa data e as conquistadas no novo lar chamado Portugal. À cidade de Lisboa, que me encantou desde o primeiro dia que aqui cheguei e que sua história me inspirou para elaborar esta dissertação.

À minha professora orientadora Ana Mendes, profissional exemplar na arte de ensinar, que mesmo tendo conhecido ao final do meu processo, foi de uma atenção e dedicação intocáveis.

Aos entrevistados, que mesmo sem conhecimentos prévios, tiveram a generosidade e paciência de despendem do seu tempo, em bibliotecas, cafés, parques, centros sociais, para expor suas ideias e percepções que muito contribuíram para este trabalho.



“Somos todos herdeiros de vícios e preconceitos seculares que por estarem estratificados na alma, transferem-se com facilidade para os atos da presente vida.”

Francisco Cândido Xavier



## **RESUMO**

NASCIMENTO, Andrezza Pinto. O lisboeta e a sua percepção sobre o lixo na cidade: uma análise cultural. 2016. 126 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2016.

O presente estudo tem por finalidade realizar uma análise cultural para identificar qual é a percepção ambiental elaborada pelo lisboeta sobre o lixo na cidade de Lisboa e avaliar se há influência histórica para tal resultado, além de averiguar quais são as representações culturais formadas por esta população estudada sobre o lixo e sobre o trabalhador desta área. Esta é uma pesquisa de carácter exploratório, que utilizou como técnica o estudo de caso. Para tanto, foram realizadas entrevistas narrativas com quatorze informantes, separados por grupos de género, idade e escolaridade. Desse modo, se tornou possível perceber que o comportamento e os hábitos dos lisboetas tem relação direta com os fatores históricos de sua sociedade e que esta correlação tem reflexos no nível de desenvolvimento do sistema de limpeza urbana local e nacional, em comparação a outros países da União Europeia.

**Palavras-chave:** Análise cultural. Representação cultural. Limpeza urbana. Percepção ambiental.



## **ABSTRACT**

NASCIMENTO, Andrezza Pinto. Lisbon's inhabitants and their perception about the urban waste inside the city: a cultural analysis. 2016. 126 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2016.

The present study aims to perform a cultural analysis to identify which is the environmental perception developed by Lisbon's inhabitants about waste in their city and if there is an historical influence to such a result. In addition, we intend to ascertain the cultural representations formed by this studied population about the garbage and the workers of this area. This is an exploratory research, which used the technique of case study. Therefore, we conducted narratives interviews with fourteen informants, separated by gender, age and education groups. It was possible to realize that the behavior and habits of the inhabitants of Lisbon are directly related to the historical factors of their society and this correlation has reflexes in the development level of local and national urban cleaning system, when compared with other countries of the European Union.

**Keywords:** Cultural analysis. Cultural representation. Urban cleaning. Environmental awareness.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - “Ágoa Vai”, Henri L'Evêque, 1814 .....	36
Figura 2 - “Varredor”, Manuel Godinho, 1809 .....	40
Figura 3 - “O carrinho de Lama”, Henri L'Evêque, Henri, 1814 .....	40
Figura 4 - “Carroça de lixo”, António Passaporte, 1939 .....	41
Figura 5 - “Condutor de Hipomóveis”, António Passaporte, 1940 .....	41
Figura 6 - “O cantoneiro de limpeza”, António Passaporte, 1940 .....	42

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Grupo etário.....	60
Tabela 2 - Grupo de gênero .....	63
Tabela 3 - Grupo de escolaridade .....	64

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	15
2	A SOCIEDADE DO CONSUMO E O LIXO.....	19
2.1	O Lixo e a Limpeza Urbana Através dos Tempos .....	23
3	LISBOA E A HISTÓRIA DA SUA LIMPEZA .....	31
4	CULTURA DE MEIO AMBIENTE.....	45
5	METODOLOGIA .....	53
6	O LISBOETA E SEU LIXO: ANÁLISE DOS DADOS .....	59
7	CONCLUSÕES.....	75
	REFERÊNCIAS .....	83
	APÊNDICE A - Entrevista nº 1 – realizada com Joaquim no dia 06/06/2016.....	88
	APÊNDICE B - Entrevista nº 2 – realizada com Ana Lemos no dia 07/06/2016.....	90
	APÊNDICE C - entrevista nº 3 – realizada com Elsa no dia 07/06/2016 .....	93
	APÊNDICE D - Entrevista nº 4 – realizada com Alice no dia 08/06/2016.....	96
	APÊNDICE E - Entrevista nº 5 – realizada com Olinda no dia 08/06/2016.....	99
	APÊNDICE F - Entrevista nº 6 – realizada com Maria Farias no dia 08/06/2016.....	101
	APÊNDICE G - Entrevista nº 7 – realizada com Pedro no dia 18/07/2016.....	104
	APÊNDICE H - Entrevista nº 8 – realizada com Inês no dia 19/07/2016.....	107
	APÊNDICE I - Entrevista nº 9 – realizada com Marco no dia 21/07/2016 .....	110
	APÊNDICE J - Entrevista nº 10 – realizada com Maria João no dia 21/07/2016.....	113
	APÊNDICE K - Entrevista nº 11 – realizada com Manuel no dia 26/07/2016.....	116
	APÊNDICE L - Entrevista nº 12 – realizada com João Rosário no dia 27/07/2016.....	119
	APÊNDICE M - Entrevista nº 13 – realizada com Pedro Pina no dia 27/07/2016 .....	122
	APÊNDICE N - Entrevista nº 14 – realizada com André no dia 28/07/2016 .....	125



## 1 INTRODUÇÃO

Os objetivos empíricos desta pesquisa são de verificar qual é a percepção ambiental elaborada pelo lisboeta sobre o lixo em relação à cidade de Lisboa e se há influência histórica para tal resultado. Busca-se ainda entender se o lisboeta preocupa-se com a destinação dos seus resíduos, ou com quem trabalha com isto. Intenta-se também perceber se este grupo tem consciência dos impactos positivos e negativos que seus comportamentos e hábitos podem causar no meio ambiente citadino em que vivem, além de averiguar quais são as representações culturais formadas por esta população estudada sobre o lixo e sobre o trabalhador desta área.

A sociedade contemporânea é a sociedade do conhecimento, da informação, da tecnologia sem fronteiras. A globalização continua a modificar constantemente o contexto social, político, cultural, econômico e ambiental da humanidade. Na evolução humana, o aumento populacional é evidente e, em paralelo a isso, houve um exponencial desenvolvimento intelectual e tecnológico que veio acompanhado pela produção do excesso e da abundância. Nas práticas da humanidade, por mais simples que possam ser, o lixo é produzido. Não só o corpo, em sua forma biológica, gera dejetos (como fezes, urina e secreções), mas os resíduos são produzidos também na preparação de alimentos para sua sobrevivência, tais como cascas, sementes ou ossos.

O processo de mudança caracterizado pela globalização faz com que a sociedade moderna seja caracterizada pela sua modificação contínua, veloz e permanente, como indica Hall (2005), e é pontualmente diferenciada da tradicional por esta razão. Tal constatação reforça a ideia de que a produção de lixo acompanha proporcionalmente essa mudança. Quanto mais rápido é o processo de adquirir um bem material, mais facilmente será a troca dos obsoletos pelos novos e o descarte se torna uma ação automática por parte dos seres humanos.

A cultura de um povo ou comunidade reflete a forma de uso do ambiente, os costumes e os hábitos de consumo. No ambiente urbano atual tais comportamentos implicam na produção exacerbada de resíduos e a forma com que esse lixo é tratado ou disposto na natureza gera intensas agressões ao contexto urbanístico, além de afetar regiões não urbanas.

Este trabalho partiu da premissa de que o processo de tratamento do lixo municipal em Portugal, por se encontrar desfasado de níveis verificados em outros países da União

Europeia, revela padrões de comportamento e hábitos muito particulares de seus cidadãos, cuja análise cultural nos permitirá compreender melhor os fenômenos de percepção urbana, identidade cultural e representações culturais da população da cidade de Lisboa. Baseamo-nos nas conclusões apontadas em notícias divulgadas nos próprios veículos de comunicação portugueses, especificamente no *Jornal de Notícias*, que afirma que “Portugal continua longe da média europeia no que concerne ao tratamento do lixo municipal” (SANTIGO, 2015). A notícia clarifica que “[...] Em 2013, se na UE [União Europeia] 43% do lixo municipal foi reciclado ou destinado à compostagem, Portugal ficou-se pelos 26%”. Partimos para a análise da herança histórica do lixo na capital portuguesa, a legislação que norteia esta questão, as pessoas que realizaram e ainda realizam a limpeza urbana no município e como os cidadãos de Lisboa identificam e interagem com o trabalhador e avaliam suas atividades.

A dissertação que se apresenta é o resultado de um processo de aprendizagem não só no campo da cultura e da comunicação, como é o propósito do curso em que é desenvolvido, mas também no entendimento acerca da percepção da população em relação à sua cidade e ao resultado de suas ações que culminam na produção do seu lixo. Em complemento a este percurso, apresentam-se fragmentos históricos para construção do mosaico de possibilidade da cena urbana lisboeta, em relação estreita com uma análise da cultura nas crenças e atitudes de seus habitantes, buscando-se elencar as representações simbólicas que estes indivíduos constroem para se inter-relacionarem com o seu ambiente e os resíduos da urbe.

A primeira parte do trabalho discorre sobre a discussão de conceitos de globalização e sociedade do consumo. No subitem que se segue, expõem-se a história do lixo e da limpeza urbana no mundo, enquanto o capítulo seguinte fornece informações sobre a parte histórica respeitante ao lixo na cidade de Lisboa. Mais adiante, desenvolve-se conceitos de cultura, tradição inventada, percepção ambiental, identidade nacional e a relação entre cultura e meio ambiente. A metodologia é apresentada na sequência, e busca explicar a escolha pela capital portuguesa e o método de coleta de dados para verificar as hipóteses levantadas. A intenção do rico cruzamento de narrativas com o referencial bibliográfico é identificar os elos que podem unir as representações culturais e as práticas habituais em relação ao lixo. Com este propósito, o penúltimo item apresenta a análise de dados das entrevistas realizadas como estudo de caso, já encaminhando o leitor para o último capítulo, que encerra o trabalho, apresentando as conclusões alcançadas.

Convém sublinhar de pronto que o estudo foi desenvolvido em Portugal, todavia a nacionalidade da investigadora é brasileira. Esta situação motivou inicialmente a pesquisa, na

sequência da sua formação nas áreas de Comunicação Social e Gestão Ambiental, ainda no país de origem, fazendo com que os dados levantados fossem exaustivamente verificados, dando destaque para a questão histórica, urbanística e de legislação, posto que este contato aprofundado com este contexto se deu pela primeira vez. Tal permitiu, contudo, paralelos com pesquisas anteriormente encetadas pela investigadora no escopo de comunicação e educação ambiental.

A problematização que serve de suporte ao presente estudo, no qual se propõe produzir uma reflexão centrada na correlação entre os lisboetas e seu lixo e como isso se reflete na sua percepção do ambiente, nas suas narrativas culturais e ações no cotidiano, cimentou-se, fundamentalmente, em pesquisas realizadas por Harvey (1989) e Giddens (1991), para referenciar a modernidade, Hall (2005), embasando as questões de cultura nacional e identidade cultural, Bauman (2007), sobre a sociedade líquido-moderna, Faria (2001), fundamentando as representações coletivas, Eigenheer (2003), em torno do contexto histórico da limpeza urbana através dos tempos, bem como por autores portugueses sobre a história do lixo em Lisboa, como França (1987), Fonseca (2014), Castelo-Branco (1969) e Rodrigues (1997).

Esta dissertação está formatada seguindo as normas ditadas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), com o objetivo de realizar a publicação da mesma no Brasil. Pelo mesmo motivo, a vertente brasileira do português, em sua versão posterior ao acordo ortográfico, será utilizada no texto.



## 2 A SOCIEDADE DO CONSUMO E O LIXO

A sociedade atual caracteriza-se por ser moderna. Associa-se a modernidade a um estilo, costume ou organização social na Europa, a partir do século XVII, e que posteriormente, pela sua influência, propagou-se mundialmente. Giddens (1991, p. 6) fundamenta esta ideia enfatizando que o ritmo e o alcance da mudança imposta pela era moderna são extremos e, “à medida em que áreas diferentes do globo são postas em interconexão umas com as outras, ondas de transformação social atingem virtualmente toda a superfície da Terra”. As sociedades modernas diferenciam-se das tradicionais por estas mudanças incessantes, mas não só. As práticas sociais são altamente reflexivas e passam por frequentes análises e reformulações advindas das “informações recebidas sobre aquelas próprias práticas, alterando, assim, constitutivamente, seu caráter” (GIDDENS, 1991, p. 37).

Além de moderno, o mundo está globalizado. Esta afirmação já foi por incansáveis vezes empregada; no entanto, entender de fato o que é a globalização não é tarefa de todo simples. Muitos são os estudiosos que afirmam que a globalização é um fenômeno da modernidade, pois estaria ligada às interdependências econômicas, sociais e políticas entre as pessoas ao redor do mundo, além dos avanços tecnológicos e científicos resultantes de algumas poucas centenas de anos. Para Giddens (1991, p. 63) “a modernidade é inerentemente globalizante”, uma vez que possui características de deslocamento e flexibilidade e aponta que o sentido de sociedade deveria sair do campo de ideia “limitada”, para assumir uma perspectiva de “vida social ordenada ao longo do tempo e do espaço” (ibid, 1991, p. 64).

O conceito do distanciamento tempo-espaço foi desenvolvido por Harvey (1989), que argumenta que a grande depressão que assolou a Inglaterra em 1846-1847, em função da crise financeira e monetária que desestabilizou as ideias sobre o propósito e a função do dinheiro na vida social, colocou à prova toda a questão de superacumulação do mundo então capitalista, ou seja, “criou uma crise de representação, e que esta proveio de um reajuste radical do sentido de tempo e espaço na vida econômica, política e cultural” (HARVEY, 1989, p. 237).

O dinheiro, de acordo com o estudioso, era o agente unificador da Europa na época, e a ampla expansão do comércio e do investimento exterior após 1850 levou as principais forças capitalistas para a trilha do globalismo.

Novos sistemas de crédito e novas formas corporativas de organização e de distribuição (as grandes lojas de departamentos), associados com inovações técnicas e organizacionais no nível da produção (por exemplo, a crescente fragmentação, especialização e desabilitação na divisão do trabalho), ajudaram a acelerar a circulação do capital em mercado de massa (HARVEY, 1989, p. 240).

A partir disso, entende-se que diferentes épocas temporais lidam de maneiras distintas com coordenadas de tempo-espaço. Em sua obra, Harvey faz um contraste da ordem temporal e espacial racional das artes com as coordenadas de tempo e espaço fragmentadas de movimentos modernistas do final do século XIX e começo do século XX. Ele traz essas novas relações demonstradas em eventos como o cubismo praticado por Picasso e Braque, e a teoria da relatividade de Albert Einstein.

Para Hall (2005), a globalização é o fortalecimento das relações sociais em proporção mundial. A partir dos anos 1970, a abrangência em relação ao ritmo da integralização global cresceu substancialmente, fazendo com que os fluxos e vínculos entre as nações fossem acelerados. Contudo, o que sugere Steger (2006) é que tais inovações recentes seriam apenas uma parte da explicação que envolve as formas contemporâneas da globalização.

A “fase primitiva” caracteriza-se pelo contato de grupos de caçadores que, em períodos anteriores a 12.000 anos, ocorria ao acaso. Tal interação social muda radicalmente com o descobrimento e utilização da agricultura como forma de produzir seu próprio alimento. Com um consequente aumento populacional pelo provimento de comida, as tribos nômades iniciaram seu processo de fixação que resultou no “estabelecimento de aldeias permanentes e à construção de cidades fortificadas” (STEGER, 2006, p. 29). O autor ainda destaca invenções como a transformação de metais em ferramentas e os complexos canais de irrigação como descobertas fulcrais para que o caminho do desenvolvimento humano prosperasse.

Avançando para o período pré-moderno (3.500 a.C.–1.500 d. C.), “estímulos tecnológicos” como a invenção da roda, permitindo o transporte mais eficiente de pessoas e mercadorias, e a criação da escrita, que possibilitou o desenvolvimento da comunicação e as trocas culturais, levaram a humanidade e sua globalização para um novo caminho. No período moderno (1500-1750), as forças europeias centraram “seus desejos expansionistas para o ocidente, à procura de um novo e frutuoso caminho marítimo para a Índia” (STEGER, 2006, p. 36). Com isso, revoluções como a imprensa mecanizada, tecnologias marítimas e de

navegação avançadas fizeram com que os mercadores representassem o fortalecimento da globalização da modernidade, incorporando valores como o individualismo e a acumulação sem limites. Tais características continuam visíveis na atualidade e, portanto, não podemos considerar a globalização como “um processo isolado mas um conjunto de processos que operam simultânea e desigualmente a vários níveis e em várias dimensões” (STEGER, 2006, p. 42).

Nesse sistema destaca-se a globalização econômica, que se estabelece pelas inter-relações dos mercados nacionais. Porém, essa correlação não foi benéfica para todos, já que a desigualdade financeira entre os países cresce “a um ritmo acelerado” (STEGER, 2006). De igual importância tem-se a globalização cultural, que nada mais seria para o estudioso do que uma intensificação dos fluxos culturais pelo mundo. Conforme elucida o autor, as culturas mundiais não podem ser vistas como fadadas ao desaparecimento, pois as “particularidades locais” ainda desempenham funções importantes.

Nos últimos dois séculos, as evoluções da sociedade cresceram proporcionalmente com a produção de mercadorias. Porém, para que esses artigos, que agora podiam ser fabricadas com mais intensidade, pudessem ser consumidos com mais facilidade, foi necessário que mais compradores surgissem. Dessa forma a classe produtiva teve a sua qualidade de vida melhorada, teoria defendida por Laborit (1971). Quanto mais a tecnologia e a ciência se desenvolviam, mais a população se viu capaz de prosperar, nascendo daí a sociedade do consumo.

A sociedade consumista é apresentada por Featherstone (1995), que constata que há uma ampliação da produção e venda de mercadorias, do uso de produtos como forma de inclusão e exclusão social e do consumo causando satisfação física e prazeres estéticos. Tal consumismo vem acompanhado de alguns prejuízos. Ao passo que se tem um alargamento mercadológico, o sistema industrial global convive com um paradoxo estrutural do crescimento, segundo Baudrillard (2008). Isso significa dizer que os sistemas capitalistas se mantêm por meio da produção de riqueza e pobreza e estão em constante alteração de valores de bens. Portanto, para este autor, existe uma hierarquia de consumo que enquadra o indivíduo que tem mais poder aquisitivo, como tendo uma posição de destaque na sociedade, e chama tal fenômeno de “campo social estruturado”, onde tais indícios transitam de um grupo elitizado para as demais categorias. Bens que outrora eram gratuitos e passaram a ser itens raros e com acesso somente à elite tornam-se objetos de desejo das classes menos favorecidas. É exatamente neste momento que a relação de tempo-espço com o dinheiro, tal

como referida na teoria de Harvey (1989), ganha sentido. Para exemplificar esta ideia tem-se os mercados imobiliários que valorizam ou desvalorizam espaços geográficos (espaço) de acordo com o tempo (mercado financeiro diário), passando pelo desenvolvimento das comunicações e do transporte, que provocaram o encolhimento de tempo e de espaço físicos entre as pessoas mundo a fora.

É cabível destacar que a globalização, conforme nos elucida Azevedo (2012, p. 151), não teve sua evolução apenas como um sistema mundial de produção e comércio, “mas sobretudo como uma forma excessiva do capitalismo”, gerando o afastamento da economia das outras instituições, como a política (governo, órgãos e partidos políticos) e a social (igrejas e escolas). O capitalismo, portanto, alimenta-se da produção e do retorno financeiro. O consumo é um dos fatores para o aumento da disparidade social contemporânea. Na verdade, é possível evidenciar que o sistema capitalista desencadeia um desequilíbrio econômico, uma vez que os empresários e investidores, que já possuem grande poder de compra, continuam a elevar seu patrimônio em passos bem mais acelerados do que o trabalhador de classe média.

O estudo da globalização, como é conhecida atualmente, nas suas mais diversas vertentes, e de acordo com os autores acima citados, é relativamente atual, não tendo mais que algumas décadas. Existe ainda uma outra dimensão da globalização que passou a ser analisada com atenção há cerca de um século: a questão ecológica. A palavra “ecologia” foi introduzida nas discussões mundiais, trazida por Haeckel, figura de referência do cientismo positivista, em consonância com os possíveis impactos que as poluições geradas pelas indústrias poderiam causar na espécie humana (LABORIT, 1971). O lucro precisou ser repensado para que não diminuísse, e soluções ainda necessitavam ser encontradas para que o perigo real da poluição não afetasse gravemente a coletividade social. Foi a partir deste momento que o ser humano se parece ter dado conta da existência de ecossistemas e de um patrimônio ecológico que deve ser preservado, e de que a sobrevivência de todos os seres vivos está intimamente ligada e é interdependente, desde o vírus e as bactérias até a espécie humana.

Seguindo a teorização de Bauman (2007), podemos também afirmar que vivemos atualmente um período de “modernidade líquida”<sup>1</sup>, onde a esfera de atuação dos seus membros muda tanto que não há tempo para solidificação de comportamentos ou permanência no curso de suas ações. Esta vertente da existência repleta de reinícios faz com

---

<sup>1</sup> BAUMAN, Zygmunt (2007). *Vida Líquida*, Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro

que o descarte indolor e irracional fique cada vez mais latente ao ser humano. Como conclui Bauman (2007, p. 111), “a sociedade de consumo não é nada além de uma sociedade do excesso e da fartura — e portanto da redundância e do lixo farto”. Assim que os valores atribuídos a certos bens se modificam, este é automaticamente reduzido ao rejeito social.

Na atualidade, é certo que os governos e a sociedade civil organizada já unem esforços na busca por meios que garantam que os cidadãos possam exercer seus direitos, e, também, objetivam o relacionamento sustentável entre as indústrias e o meio ambiente, no sentido de não o prejudicar com as suas ações processuais ou de produção. Contudo, de acordo com o que observa Bauman, o ser humano não quer pensar ou se preocupar com a finitude das coisas, não quer ver e nem sentir, e é esta relação de ameaça que faz com o que o tema lixo seja alvo de breve e superficial discussão social. No cenário mundial, mais limitados ainda estão os debates a respeito das pessoas que tratam o lixo e o seu papel na comunidade.

Para que se possa iniciar a discussão sobre o lixo propriamente dito, foi necessário buscar na história fatos que puderam guiar-nos até a situação alarmante no século XXI, que integram o conteúdo da próxima seção da presente dissertação.

## **2.1 O Lixo e a Limpeza Urbana Através dos Tempos**

Elementos da natureza como a água, o ar, o clima, os minerais e as rochas, (elementos abióticos) são essenciais para a vida humana, para os animais e plantas (coeficientes bióticos). Neste sentido, tudo o que não for primordial à sobrevivência da humanidade é interpretado como desnecessário e, portanto, rejeitável. O ato de desfazer-se das coisas que perturbam ou atrapalham o desenvolvimento da raça humana já ocorre há muito tempo. A poluição visual, por exemplo, era nítida desde os primórdios, em alturas em que os humanos queimavam os restos de animais que caçavam, não somente para se livrarem do cheiro fétido de putrefação dos organismos, mas também para erradicar da vista o que não lhe convinha mais ter por perto.

Comunidades primitivas desenvolveram-se com a ideia de que a natureza existia apenas para satisfazer as necessidades humanas (PIMENTA, 2014, p. 18). Com o passar do

tempo, o ser humano passou a fixar-se em aldeias e criou práticas como a agricultura e a pecuária, conforme nos apresenta Eigenheer (2003, p. 16),

É certo que os problemas com dejetos e lixo não eram tão complexos enquanto o homem vivia em grupos nômades. O problema se dá com a fixação em aldeias, mas principalmente em cidades, que começam a ser formadas por volta de 4.000 a.C.

Entretanto, o dejetos orgânico sobrando destes exercícios de cultivo era utilizado como adubo, fazendo com que o ciclo produtivo fosse, de certa forma, sustentável (EIGENHEER, 2003). Referimo-nos à antiguidade, mas se buscarmos referências mais recentes, veremos que tal equilíbrio não mais ocorre.

Sociedades antigas foram responsáveis por nos deixar algumas heranças no que diz respeito a limpeza urbana. Conforme elucidada Eigenheer (2009), os Sumérios conheciam a irrigação e possuíam locais de banho nas casas. Os sucessores dos babilônicos foram os Assírios, que desenvolveram sistemas de captação de água. Desde 3.000 a.C. os Egípcios já utilizavam sistemas de irrigação no Egito e os Gregos conheciam a canalização de água, a captação de águas servidas (urina e fezes) e a adubação com fezes humanas e animais. Os Romanos eram célebres no abastecimento de água e, a partir do século II a.C., construíram locais de banho públicos. Foram eles os responsáveis pelo desenvolvimento e conservação de uma infraestrutura de ruas e estradas.

Para que possa-se entender de onde vem o sentido que atualmente se dá à palavra “cidade”, é preciso regressar na origem do verbete que gerou o atual conceito. Para tal, buscase a explicação de Le Goff (1998) que nos informa que para se designar um local como cidade, usava-se, basicamente, o seu termo do latim “civitas” e “cité”. Somente mais tarde que a palavra “Ville” toma sentido urbano, pois era utilizada antes para indicar “um estabelecimento rural importante” (LE GOFF, 1998, p. 12). O mesmo autor clarifica que “villa” é um “domínio com um prédio principal que pertence ao senhor”. Portanto, quando os franceses passam a dizer “la ville” marca-se bem a transferência do poder do campo para a cidade. “O termo ‘villa’ esse se aplicará à aldeia nascente a partir dos séculos IX e X” (ibid, 1998, p. 12). Para ter-se uma noção numérica, o autor informa que a população do Ocidente residente das cidades era inferior a 20% no ano de 1300. O autor nos indica ainda, que “[...] a ‘desruralização’ da cidade é um fenômeno do século XIX” (LE GOFF, 1998, p. 32).

Com a formação dos centros urbanos, a limpeza das urbes tornou-se algo complexo para se gerenciar. A convivência próxima e diária dentro de uma aldeia (posteriormente cidade) fez com que o odor passasse a ser um problema sério a ser tratado. Reafirmamos assim que, o meio ambiente não era neste momento lembrado, mas sim o conforto e a comodidade humana.

Na Idade Média tem-se como destaque as cidades francesas e italianas. Para Eigenheer (2009, p. 47), “muitas casas dispunham de áreas livres para onde se podiam destinar as águas servidas e resíduos sólidos”. Como afirma Le Goff (1998, p.10), “[...] a Idade Média não foi um período de imundície”, já que a higiene corporal fora motivo de cuidados, tanto na vida privada como, mais tarde, em estabelecimentos públicos, como as saunas. O estudioso descreve que ao lado das regiões das termas, onde as pessoas se lavavam, “sentava-se às mesas das tavernas, onde se discutia” (ibid, 1988, p. 10).

Eigenheer (2009), no entanto, fala sobre a criação de animais dentro de um perímetro urbano, e como isso começava a ser fator de desorganização social e ambiental. Para deixar a situação ainda pior, era costume em muitas cidades europeias, nos séculos XIV e XV, despejar dejetos humanos e animais em frente às residências. A partir do século XIV, algumas ações de saúde pública podem ser consideradas como grandes avanços que culminaram numa maior preocupação em relação a limpeza urbana. Como fato histórico que abalou as certezas que as ciências médicas consideravam aceitas por mais de dois mil anos, Sennett (2003, p. 213) evoca a obra de William Harvey, de 1628, sobre a circulação do sangue e respiração, afirmando que tal façanha científica “deu partida numa revolução que mudou toda a compreensão do corpo – sua estrutura, seu estado de saúde e sua relação com a alma – dando origem a uma nova imagem modelo”. Este fragmento histórico sobre a compreensão do corpo coincidiu, ainda segundo Sennett, com o advento do capitalismo moderno, uma vez que contribuiu “para o nascimento de uma grande transformação social: o individualismo. O homem moderno é, acima de tudo, um ser humano móvel”. Sennett (2003) aponta que foi Adam Smith<sup>2</sup>, em sua obra *A riqueza das nações*, o primeiro que reconheceu as descobertas de Harvey e escreveu sobre a economia de livre mercado. Ele “imaginou um mercado livre, de trabalho e mercadorias, operando de modo parecido à circulação do sangue e capaz de produzir idênticas consequências.” (SENNETT (2003, p. 214).

---

<sup>2</sup> Smith, Adam. *A riqueza das nações*. Nova Cultura, 1988. Disponível em <http://www.cefetsp.br/edu/eso/valerio/riquezanasoes.html>.

Apesar de a ideia de capitalismo começar a ganhar forma, ainda nestes séculos tem-se o feudalismo, que significa “um sistema de produção para uso” (SWEEZY, 1972, p. 22). Começa então a ocorrer o período de transição entre o sistema feudal para o o capitalismo mercantil. Na Inglaterra eclode a Revolução Industrial, entre os anos de 1750 a 1850, onde “o moderno crescimento econômico realmente começou” (DEANE, 1973, p. 9).

O filósofo alemão Karl Marx foi um dos precursores, no século XIX, na sociologia da ideia de capitalismo, com o lançamento da obra polêmica *O Capital*, em 1867. Para ele, o comunismo venceria o capitalismo e libertaria os trabalhadores da exploração dos empresários. Giddens (1910, p. 16) afirma que:

[...] com o declínio do feudalismo, a produção agrária baseada no domínio feudal local é substituída pela produção para mercados de escopo nacional e internacional, em termos dos quais não apenas uma variedade indefinida de bens materiais mas também a força de trabalho humano tornam-se mercadoria.

Com o auxílio das tais medidas de saúde pública que resultaram em uma melhoria na qualidade de vida da população da época, o crescimento populacional acelerado teve início. Com ele, “o incremento das necessidades de alimentos, madeira e fibra exerceu uma enorme pressão nos ecossistemas do planeta” (STEGGER, 2006, p. 89). Na afixação da era industrial, despontam as questões de poluição climática, advindas dos processos industriais e a aniquilação de espécies animais, com as derrubadas de árvores e destruições de florestas para fim comercial.

Muitas são as consequências causadas pelas sociedades do consumo ao seu meio ambiente, “o nascimento das indústrias, dos transportes, das comunicações e da urbanização, aspectos essenciais desta evolução, foi feito com vista à obtenção de vantagens imediatas”, não se levando em consideração os efeitos e consequências a longo prazo de tais ações (LABORIT, 1971, p. 125).

Como nos informa Giddens (1991, p.13), os fundadores clássicos da sociologia como Marx, Durkheim e Weber, mesmo ponderando sobre as consequências dos aspectos degradantes que a era industrial moderna poderia causar ao ser humano, como a submissão ao trabalho maçante e repetitivo, não foram capazes de prever “que o desenvolvimento das ‘forças de produção’ teria um potencial destrutivo de larga escala em relação ao meio

ambiente material”. Portanto, nas tradições do pensamento incorporado na sociologia, a preocupação ecológica parece nunca ter tido muita relevância.

Os processos biológicos, sociais, agrícolas, industriais, comerciais, prisionais, entre outros, quase que em sua totalidade, geram dejetos. Assim como a ecologia não fora tratada com a importância devida por pensadores à época, o mesmo ocorreu com o lixo e sua destinação, que só passou a ser pensado há menos de um século. Na realidade, se seguirmos o pensamento de Sachs (2002, p. 48), a preocupação dos políticos para com o meio ambiente e a sua constante degradação teve como ponto marcante a Conferência de Estocolmo em 1972, colocando o tema na agenda internacional. No entanto, a autora deste trabalho acredita ser relevante destacar outra importante referência histórica neste âmbito – o Clube de Roma, de 1968.

As discussões promovidas pelo grupo de pensadores, políticos, economistas, educadores e estudiosos de diversas nacionalidades da época, que se uniam para debater temas centrais em relação ao meio ambiente e raça humana, alguns anos depois, em 1972, inspiraram a elaboração da obra *The limits to growth (Limites do crescimento)*, de Donella Meadows, Dennis L. Meadows, Jørgen Randers e William W. Behrens III. Conforme nos relata o livro, os encontros analisavam o presente e o futuro do ser humano no planeta tendo como intenção “examinar a complexidade de problemas que estão incomodando os homens de todas as nações”. Estes problemas são a seguir elencados:

[...] a pobreza no meio da abundância; degradação do meio ambiente; perda de confiança nas instituições; expansão urbana descontrolada; a insegurança do emprego; alienação da juventude; rejeição dos valores tradicionais e inflação e outras perturbações monetárias e econômicas.

Continuam os autores:

Estas peças aparentemente divergentes da “problemática mundo”, como o Clube de Roma chama, têm três características em comum: eles ocorrem, em algum grau em todas as sociedades, eles contêm elementos técnicos, sociais, econômicos e políticos e, o mais importante de tudo, eles interagem (MEADOWS et al., 1972, p. 10).

No livro, os autores buscaram simular, através de um programa informático, as consequências das interações entre a Terra e os seres humanos. Afirmaram que a raça humana está crescendo aceleradamente no âmbito populacional, ocupação territorial, produção, consumo, desperdício, entre outros aspectos, sem dar-se conta se o meio ambiente suportará

tais mudanças. O resultado foi alarmante e chamou a atenção das autoridades governamentais ao redor do globo para formulação de leis e práticas que pudessem impedir tal esgotamento de recursos<sup>3</sup>.

O segundo ponto destacado é a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente Humano, comumente chamada de Conferência de Estocolmo, que ocorreu em 1972 na capital sueca. Esta foi a primeira Conferência global voltada para pensar instrumentos jurídicos que pudessem preservar o meio ambiente, sendo este evento decisivo para o surgimento de políticas de gerenciamento ambiental, voltando a atenção das nações às questões ambientais<sup>4</sup>.

Nesse sentido, tantos os pessimistas como os criadores da obra “*Limites do crescimento*”, que previam a catástrofe total do planeta pela escassez de recursos naturais, como os representantes de países que previam a abundância e defendiam que a prioridade deveria ser dada para a aceleração do crescimento até que países em desenvolvimento atingissem o mesmo nível econômico dos desenvolvidos, ganharam uma visão mais equilibrada, como aponta Sachs (2002, p. 53)

o objetivo deveria ser o do estabelecimento de um aproveitamento racional e ecologicamente sustentável da natureza em benefício das populações locais, levando-as a incorporar a preocupação com a conservação da biodiversidade aos seus próprios interesses, como um componente de estratégia de desenvolvimento.

Assim como o Clube de Roma, a Conferência de Estocolmo ocorreu em ambiente europeu. Não se quer dizer que somente nestes locais do globo havia a discussão ou a preocupação com tais questões à época, mas esses marcos históricos fulcrais na alternância da visão em relação ao caminho de desenvolvimento que a humanidade tomou sobre seus recursos naturais devem ser ressaltados. Tanto isso é verdade que as discussões referentes ao desenvolvimento sustentável migraram para o Brasil, duas décadas depois, para também historicamente ficarem marcadas. Fala-se, especificamente, da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, também conhecida como Eco-92, RIO-92 ou ainda “Cúpula da Terra”, que ocorreu no Rio de Janeiro, em 1992.

Para Sachs (2002: 67) “a biodiversidade necessita ser protegida para garantir os direitos das futuras gerações”. Este autor defende que as pessoas são complexas e os mais

---

<sup>3</sup> MEADOWS et al. *The Limits of Growth*. New York, 1972.

<sup>4</sup> BRASIL, Senado Federal. *Revista de audiências públicas do Senado Federal*. Ano 3, nº 11, 2012.

atuantes produtos da natureza, e explica que tal atuação é “a capacidade de alterar significativamente o meio ambiente para melhor ou para pior” (ibid. 2002, p. 69).

Voltando para o cenário europeu, busca-se então, a partir deste ponto, adentrar nas questões centrais deste estudo, no sentido de pormenorizar o tema lixo e limpeza urbana na cidade de Lisboa.



### 3 LISBOA E A HISTÓRIA DA SUA LIMPEZA

Após discorrer-se brevemente sobre pontos históricos do cenário global da limpeza urbana, voltamo-nos para um contexto mais atual e local, especificamente na realidade europeia. Foca-se, neste momento, a cidade de Lisboa, na relação diária entre os lisboetas e o lixo. Convém, nesta altura, esclarecer sobre o termo “lisboeta”, para fim de contextualizá-lo no trabalho. Afinal, quem nasce na cidade de Lisboa pode ser caracterizado como “lisboeta”? Segundo o dicionário de Bluteau (1712, p. 153), do século XVIII, quem é natural de Lisboa é lisbonense. No entanto, percebe-se, na literatura e no cotidiano urbano, uma outra questão referente à nomenclatura deste cidadão. Não se sabe ao certo como de “lisbonense” consagrou-se o nome “lisboeta” para os originários deste local. Mais complexa é a situação, pois ainda existe a palavra “alfacinha”, igualmente utilizada como sinônimo para designar as pessoas que nascem na capital portuguesa.

Conforme nos anuncia Artur Inez, diretor literário da obra *Alfacinhas: os lisboetas do passado e do presente*, de Souza (s. d., p. 9)

[...] povo “alfacinha”, assim chamado por gostar de alface, segundo Pinheiro Chagas, o que não me parece explicação definitiva e convincente do vocabulário, já usado pelo teólogo espanhol Francisco de Monçon no século XVII e mais tarde por Garrett.

O alfacinha, segundo a obra iconográfica da Câmara Municipal de Lisboa (1979, p. 12), é um “produto híbrido, resultante de cruzamentos diversos e de diversas etnias”. Buscando a etimologia da palavra no *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Machado (1991), encontra-se os mais variados significados para os vocábulos analisados. Lisboa é indicado como sendo uma “variedade de alface”. “Lisbonense” é um adjetivo “relativo a Lisboa, próprio de Lisboa; lisboeta”, ou ainda “natural ou habitante de Lisboa”. (p. 595). “Alfacinha”, pelo mesmo autor, é a “alcunha dada aos naturais de Lisboa” (p. 190). Mesquita (1994), por exemplo, utiliza as duas terminologias para falar a respeito das pessoas que são oriundas da capital portuguesa. Sob o ponto de vista idiossincrático, os lisboetas e/ou alfacinhas são descritos por autores como Mesquita (1994) como indivíduos ligados à religião, ao patriotismo, às tradições e aos valores familiares. Após o esclarecimento em relação a nomenclatura que faz referência às pessoas naturais de Lisboa, será então adotado neste estudo a designação “lisboeta”.

Neste momento cabe sintetizar a história da capital portuguesa para que possamos contextualizá-la no decorrer deste estudo. Ressalta-se que o faremos de maneira breve contando com o auxílio de uma obra de referência elaborada e organizada por diversos profissionais do Gabinete de Estudos Olisiponenses, no ano de 2009, intitulada *História de Lisboa: Tempos fortes*.

“A História de Lisboa confunde-se com a História de Portugal” (GARCIA, 2009). É com esta afirmação que daremos início a um conciso relato sobre a história da cidade. Lisboa, na longa duração da sua existência, sofreu a ação de muitos atores em diversos contextos, não podendo ser descrita somente por limites geográficos, mas fundamentada, também, por aspectos políticos, religiosos e econômicos.

Lisboa medieval tem, na sua gênese, o império romano e o cristianismo. Foi dominada pelos muçulmanos até 1147, ano da reconquista cristã, quando D. Afonso Henriques a integrou no recém-formado reino de Portugal, pondo término a uma dominação de 433 anos (714-1147). Sofreu com as incontáveis mortes causadas pela Peste Negra de 1348 e, em 1383, com a morte de D. Fernando, assistiu a diversas “convulsões” (SILVA, 2008: 13). Ainda para este pesquisador, Lisboa no século XII tinha uma superfície de 40 hectares. No último quartel do século XIV aponta para um novo alargamento da muralha, o que faz aumentar a área da cidade para 104 hectares (mais de seis vezes o tamanho de uma cidade islâmica), o que para Silva (2008) não condiz com a realidade da época, uma vez que, em 1142, a cidade já possuía três periferias que se instalavam nos arredores da Cerca Velha de Lisboa. O mesmo autor destaca ainda que mesmo as muralhas romanas, erguidas tardiamente no século IV, não abarcavam em seu interior todos os edifícios da urbe. Silva ressalta que a questão “muralha” é ponto crucial para determinar não só a realidade física, mas a imaginária da divisão entre o mundo rural do urbano. “A muralha separava o espaço urbano do não-urbano, ‘opunha’ a cidade ao campo, distinguindo-a, ao mesmo tempo que forjava a consciência urbana” (SILVA, 2008, p. 21). Ao contrário do que isso possa parecer, este autor evidencia o papel acolhedor, e só de exclusão do mundo rural, mas da muralha sendo construção acolhedora de seus habitantes, uma vez que em caso de guerra, era em seu refúgio que os cidadãos do espaço campesino podiam se sentir protegidos.

É conveniente para este trabalho destacar a implantação geográfica de Lisboa, a qual é famosamente conhecida. A cidade ergueu-se e expandiu-se sobre sete colinas para se defender de agressores e invasores e acompanhar o movimento do seu porto. Não se tem a intenção de despende demasiado tempo a pesquisar este tema, visto o seu caráter lendário com grande

referência em Roma, mas salientar que foi o Frei Nicolau de Oliveira que as referiu pela primeira vez em sua obra intitulada *Livro das Grandezas de Lisboa*, de 1620. Colina de S. Jorge, atualmente pode ser representada pela Mouraria; Colina de São Vicente, onde encontra-se hoje Alfama; Colina de Sant’Ana é conhecida na atualidade como Largo da Anunciada; Colina de Santo André é representada nos dias de hoje pela Graça; Colina das Chagas, no momento atual localiza-se o Carmo; Colina da Santa Catarina, representado pelo Camões; Colina de S. Roque é identificada modernamente como o Bairro Alto.

Para Silva (2008), o papel de intermediário do porto da cidade se firma durante o século XIV e se afirma como mercado internacional. Seguindo em sua história, Fonseca (2010, p. 79) corrobora com esta ideia de expansão naval quando diz que “a Lisboa quinhentista foi, em boa parte, produto das viagens marítimas” e essas navegações trouxeram alterações no plano demográfico, aumentando consideravelmente a população em decorrência do tráfico pelo mar. Por esta razão vemos no seu trajeto uma Lisboa renascentista que alcançou enorme projeção europeia em função dos seus êxitos de navegações, chegando a ser a maior cidade ibérica.

Em 1755 ocorre a maior catástrofe pela qual a cidade já passou – o terremoto – e, após este evento cataclísmico, Lisboa foi reerguendo-se, tornando-se a primeira cidade europeia a urbanizar-se de acordo com um modelo racionalista do iluminismo. Todavia, tempos conturbados ainda estavam longe de findar, como a Guerra Civil causada pelas tentativas de implantar o liberalismo em 1832, o fim da monarquia em 1910, seguida pelo autoritarismo do Estado Novo em 1926. A tão sonhada democracia portuguesa finalmente surgiu na madrugada de 25 de abril de 1974, quando os militares do Movimento das Forças Armadas tomaram o poder efetuando um golpe de estado.

Chegando em dias mais atuais, em 1976 temos o pedido do governo português para aderir ao Conselho da Europa. Em 28 de março de 1977 solicitou formalmente sua integração à Comunidade Econômica Europeia, onde em 1986 assinou o tratado de entrada. A partir destes acontecimentos de “reencontro” do país com a Europa, segundo Garcia (2009), Lisboa evoluiu arquitetônica e urbanisticamente, valorizou seu patrimônio cultural e histórico, alterou sua moeda para o Euro em 2001 e vive hoje, apesar de possíveis crises econômicas decorrentes de fatores internacionais, dias de paz.

Muito material bibliográfico pode ser encontrado quando o tema em questão é a capital de Portugal. Arquitetura e urbanismo, artes, política, história, muitos são os títulos que tratam de Lisboa em acervos cuidadosamente catalogados. Todavia, cai consideravelmente o número de autores que falam sobre a limpeza urbana, o lixo e as pessoas que trabalharam com isso durante os séculos passados.

A questão da higiene pública de Lisboa coloca-se desde sempre. Contudo, não é assunto enormemente destacado, principalmente nos séculos que antecedem o XIX. No reinado de D. João III, no ano de 1552, os meios ligados ao saneamento da cidade já eram muito relevantes. Brandão (1990, p. 23) refere a existência de quatro “homens que andam com suas carretas pela cidade limpando da lama e demais sujidades”. Menciona ainda a existência de “dois homens andam pela cidade apanhando alva (excremento) de cão” (BRANDÃO, 1990, p. 198). Em relação às mulheres, destaca mil “negras que andam pela cidade com canastra (calhandreiras), limpando a cidade” (ibid., 1990, p. 213).

Salienta-se novamente o período quinhentista da capital, pois com o ápice das viagens náuticas tem-se a chegada dos estrangeiros e em destaque os negros advindos da África, que desempenhavam diversas funções dentro das casas dos seus senhores, mas também no município. Fonseca (2010) relata que os escravos efetuavam serviços de limpeza da cidade.

A partir deste novo ritmo que a cidade estava ganhando, uma das consequências que os descobrimentos trouxeram para uma Lisboa pouco preparada foi a desorganização, falta de alimento e de água e as doenças. Castelo-Branco (1969, p. 125), ao mencionar os arredores da cidade e a preferência pelas quintas de recreio por parte dos seus habitantes, afirma: “Lisboa crescia, o trânsito aumentava e atmosfera citadina tornava-se, sem exagero, pestilenta, devido à falta de higiene”.

Com referência aos abastecimentos da cidade, Castelo-Branco (1969) dedica um capítulo inteiro ao grave problema da água. Esta vinha de alguns chafarizes e poços espalhados por Lisboa, todavia eram pouquíssimos. Destaca ainda que, além da escassez, por vezes a água existente não era potável, ficando cara e disputada para os lisboetas. Os ricos e nobres não teriam tal problema atingindo-os de maneira tão severa, visto que muitos palácios e casas ricas possuíam cisternas. O autor ainda aponta que uma das causas para a quase inexistência de soluções seriam as dificuldades técnicas, que tornavam as obras exacerbadamente caras e as disputas políticas daqueles tempos.

Ainda em relação à água, Rodrigues (1997, p. 52) descreve que o abastecimento de água era insuficiente e, ao tratar da limpeza urbana, enfatiza a “inexistência de uma rede capaz de garantir o regular abastecimento de água e o escoamento dos lixos urbanos, situação agravada pela crítica falta de higiene privada dos residentes”. Ela concorda com outros autores ao dizer que a água era rara e cara. Como marco relevante da arquitetura para a resolução de grande parte do problema do abastecimento de água à cidade está a construção do Aqueduto das Águas Livres, que teve início em 1731 e foi concluído em 1799, segundo o endereço eletrônico da Empresa Portuguesa das Águas Livres (EPAL)<sup>5</sup>. Ainda segundo a história desta edificação, em termos gerais, o trajeto escolhido coincidia com o percurso do antigo aqueduto romano e sua construção só ocorreu graças a um imposto denominado Real de Água, lançado sobre bens essenciais como o azeite, o vinho e a carne.

Os séculos vão avançando e o aumento demográfico na capital exigia um desenvolvimento urbano condizente, o que ocorreu de forma mais lenta, o que se comprova a própria construção do Aqueduto anteriormente citado, que levou 68 anos para ser concluído. Após o terremoto de 1755, que arrasou a cidade, tudo precisou ser reconstruído. Para destacar a questão de higiene em Lisboa após o abalo sísmico, temos o seguinte trecho: “a água faltava muitas vezes, os lixos amontoavam-se” (CHANTAL, 1986, p. 54). A autora relata que logo na sequência do tremor que abalou a capital portuguesa, alguns projetos surgiram para a sua reconstrução, dentre eles o do arquiteto Eugénio dos Santos que considerou a possibilidade de se deixar espaço para umas ruelas entre as casas, para que fosse viável a vazão do lixo. Entretanto, em função da economia e da urgência em sua reconstrução, uma grande simplicidade foi imposta às construções.

Em relação aos esgotos na cidade de Lisboa, em suas obras de reconstrução após o sismo que destruiu a cidade, França (1987, p. 170) destaca que estes “eram previstos nas instruções do decreto de 12 de Junho de 1758”, mas que tal “se revelara demasiadamente dispendioso”, e por esta razão “a maior parte das ruas centrais não puderam ter, então, canalizações convenientes”. Este autor nos assegura que os detritos se amontoavam nas ruas, pelo dificultado escoamento dos resíduos.

Novamente temos em realce o papel fundamental dos escravos na manutenção dos resíduos humanos em Lisboa, pois o novo bairro da Baixa possuía esgotos, mas eram as

---

<sup>5</sup> EPAL. Aqueduto das Águas Livres. Disponível em: <http://www.epal.pt/EPAL/menu/museu-da-%C3%A1gua/exposi%C3%A7%C3%A3o-permanente-patrim%C3%B3nio-associado/aqueduto-das-%C3%A1guas-livres>

negras que transportavam as águas impuras da cozinha e dos quartos para jogá-las ao rio, advindas dos locais mais afastados do centro. “As bacias e os jarros despejavam-se vulgarmente pela janela a fora, gritando-se apenas: água vai” (CHANTAL, 1986, p. 243).



Figura 1 - “Água Vai”, Henri L'Evêque, 1814

Restos das peixarias, matadouros e dejetos humanos eram atirados para ruas próximas ao rio Tejo, por todas as freguesias, conforme Rodrigues (1997) nos relata. Esta autora faz também alusão às negras que transportavam os dejetos para o rio.

Ao apresentar o papel da casa como cultura material e as práticas sociais da vida privada dos lisboetas no período entre 1740 a 1830, Madureira (1992) dedica uma parte de sua obra a analisar as casas a partir de sua arquitetura, seu imobiliário e das classes sociais de seus residentes. Menciona alguns itens de higiene, referenciando a circulação do ar como um novo dispositivo à qualidade de vida e saúde da população. Seus estudos ainda citam a cozinha como um aposento de risco para a saúde, mas pouco debatida no período setecentista, por se tratar de uma área reservada aos criados e, portanto, tais “normas de higiene não se destinarem a fronteiras sociais tão remotas” (MADUREIRA, 1992, p. 215). Esta obra não tem, todavia, qualquer citação sobre a higiene nos banheiros, tratamento da água ou lixo.

Além de França (1987), Fonseca (2014, p. 177) também destaca um trecho do Decreto sobre a proibição da colocação de lixo em vários locais da cidade, de 6 de julho de 1775<sup>6</sup>, que refere:

[...] haviam pessoas tão grosseiras e de tanta rusticidade, que deitavam nesses locais imundíces, com uma barbaridade contrária à policia universal de todas as cidades e povos civis da Europa. Além disso depositavam aí lenha, carvão, caixas de açúcar, barris de farinha, couros, solas, atanados, madeiras, arcos de tanoaria e muitos outros géneros de grande peso e volume.

Pode-se perceber que o lixo, neste momento, foi utilizado pelos lisboetas como forma de oposição, de reivindicação ao governo. A Lisboa nos anos Oitocentos foi descrita da seguinte forma, em relação à limpeza urbana

a maior parte das ruas nunca eram varridas, outras raras vezes o eram. O lixo era junto em montinhos por um grupo numeroso de indivíduos ligados à Câmara, mas ficava sem ser recolhido tanto tempo que se voltava a espalhar, antes que parte dele chegasse a ser retirados, pelo que a sujidade das vias públicas nem por breves momentos era debelada. [...] Deitava-se durante a noite, e até de dia, toda a espécie de imundícies das casas para as ruas (RODRIGUES, 1997, p. 53).

Em edital de 1 de abril de 1818, ficou proibido que se lançassem em Lisboa os despejos e lixos para a rua, sendo afixadas multas, segundo Madureira (1990, p. 47). O período oitocentista integra-se numa época de uma Europa preocupada principalmente com a produção de mercadorias e em que o capitalismo industrial já ganha força nos anos seguintes à Revolução Industrial. Em Portugal, segue-se o mesmo caminho, pois, conforme nos aponta Serrão (1976), em 1812 já existiam maquinismos na indústria têxtil em Lisboa, demonstrando que a cidade acompanhava as tendências mundiais e despertava para a industrialização. Ainda nos informa que, entre os anos de 1840 e 1926, a indústria portuguesa se desenvolve, com ênfase nas regiões de Lisboa e do Porto.

Um detalhado trabalho de descrição sobre a capital portuguesa no século XIX é o da Exposição Iconográfica de 1978-1979, realizada pela Câmara Municipal de Lisboa. Esta obra nos diz que a cidade era “suja, desordenada e malcheirosa que encantava os estrangeiros que nos visitavam pela sua beleza e pitoresco e os decepcionava pelo aspecto caótico das suas ruas

---

<sup>6</sup> AML, Livro 18º de consultas, decretos e avisos de D. José I, decreto de 6 de julho de 1775, f. 190.

e o atraso em que vivia a sua população”, e acrescenta ainda que nas ruas eram lançados todo o tipo de detritos, formando “verdadeiras lixeiras” (MOITA, 1979).

Podemos destacar que os avanços na higiene e cuidados sanitários tiveram influência decisiva no aumento da população portuguesa entre os anos de 1864 a 1960. Esta informação se concretiza através do artigo de João Cosme, para a *Revista da Faculdade de Letras*, em 2006. O autor apresenta as diversas leis que embasam normas severas para a proteção de salubridade na construção habitacional, tais como cuidados com os esgotos, ventilação em prédios públicos e higiene alimentar.

Segundo nos informa um documento online<sup>7</sup> do Arquivo Municipal de Lisboa, a 2ª Repartição de Higiene Urbana foi constituída em 1938 com a recém-criada Direção dos Serviços de Salubridade (DSS). O departamento era dividido entre: serviço de vistorias sanitárias, serviço de cemitérios e uma secção de expediente e contabilidade. A Direção dos Serviços de Salubridade e Edificações Urbanas (DSSEU) foi a responsável pela limpeza urbana até 1968. No ano seguinte é definitivamente extinta e cria-se a Direção dos Serviços de Salubridade e Transportes (DSST). Após uma reestruturação aprovada pela Assembleia Municipal de 15 de dezembro de 1988, nasce a Direção Municipal de Infraestruturas e Saneamento (DMIS,) e o Departamento de Higiene Urbana e Resíduos Sólidos (DHURS).

No ano de 2002, com uma nova reestruturação de serviços, o Departamento de Higiene Urbana e Resíduos Sólidos passa a pertencer à Direção Municipal de Ambiente Urbano (DMAU). Em 2011 muda o nome para Departamento de Higiene Urbana (DHU). Uma nova mudança estrutural ocorreu em 2015, quando DMAU foi extinta, tendo suas competências assumidas pelas Direções Municipais, a Direção Municipal de Estrutura Verde, do Ambiente e Energia e a Direção Municipal de Higiene Urbana.

Para que se possa entender como a limpeza da urbe evoluiu na capital portuguesa, é preciso traçar em paralelo o desenvolvimento urbanístico da cidade. Conforme nos aponta a página virtual<sup>8</sup> da Câmara Municipal de Lisboa, na década de 40 do século XX são abertas novas estradas para vias de acesso, são aprovados novos projetos de urbanização e o aeroporto de Lisboa é inaugurado em 1942. A década de 1950 coincide com a formulação da Área

---

<sup>7</sup> Informações recebidas pela Repartição de Higiene Urbana em: <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt>  
<sup>8</sup> <http://www.cm-lisboa.pt/municipio/historia/historial-da-limpeza-urbana>

Metropolitana de Lisboa<sup>9</sup>. Tal expansão para a margem Sul do rio foi facilitada em 1966, pela inauguração da Ponte sobre o Tejo.

Portanto, o crescimento da área construída da cidade e das vias a percorrer gerou uma modificação na estrutura econômica e no modo de vida da população residente e flutuante. Com uma possível mudança na mentalidade de moradores e governantes lisboetas, os processos associados à manutenção de níveis aceitáveis de salubridade também sofreram alteração. Fica claro até este ponto que, a partir do século XIX, a cidade de Lisboa desenvolveu-se, tanto urbanística como socialmente, e de forma mais acelerada. Atrelado a isto, existe o crescente desenrolar do comércio em função do capitalismo, da globalização e novas formas de consumo.

Tracemos neste momento uma equação simplista para elucidar um problema: + pessoas + consumo = + produtos + descarte = + resíduos. É nesta configuração que cada vez mais tais “restos” ganham espaço e relevância pública devido à sua crescente quantidade e aos impactos ambientais que causam ao solo, à água, ao ar, entre outros.

O lixo passa a ser assunto mais frequentemente debatido no mundo e também em Lisboa. Acompanhando as crescentes preocupações mundiais com o meio ambiente, e não mais somente na comodidade humana, a correta gestão de resíduos ganhou forma de lei em Lisboa pelo Decreto-Lei n.º 239/97, de 9 de setembro<sup>10</sup>, criminalizando a falta de cuidados ao tratar do lixo. Mas afinal quem foram e quem são as pessoas que trabalham com o lixo nesta cidade?

No ano de 1522, “apenas quatro homens estavam encarregados” de limpar a cidade (PIRES, 1995, p. 4) e somente no século XVIII dois decretos (1738 e 1746) fizeram uma mudança significativa nos serviços de limpeza do município, pois determinavam que “nenhum morador lance ou mande lançar águas ou lixos nas ruas, nem de dia, nem de noite”. Como exemplo de uma representação visual do trabalhador do lixo temos a figura abaixo, de 1809, intitulada “Varredor”. Trata-se de uma figura aquarelada, presente na coleção de estampas chamada “Ruas de Lisboa”, de Manuel Godinho, e está ilustrando a obra iconográfica *O Povo de Lisboa* (1979). Visualiza-se aqui um dos primeiros contatos com um profissional da limpeza urbana na capital portuguesa.

---

<sup>9</sup> De acordo com a Lei 10/2003 de 13 de maio, atualmente a Área Metropolitana de Lisboa abrange os seguintes concelhos: Alcochete, Almada, Amadora, Azambuja, Barreiro, Cascais, Lisboa, Loures, Mafra, Moita, Montijo, Odivelas, Oeiras, Palmela, Seixal, Sesimbra, Setúbal, Sintra e Vila Franca de Xira.

<sup>10</sup> Decreto-Lei n.º 239/97, de 9 de setembro. Disponível em <http://www.ces.uc.pt/aigaion/attachments/IDL23997.pdf-0d7c5faede699fadac64c14debfc02a8.pdf>.



Figura 2 - “Varredor”, Manuel Godinho, 1809

Os escrivães de pena longa, assim eram chamados os varredores, segundo nos aponta Moita (1979, n. p.), que “utilizavam instrumentos rudimentares, vassouras de esparto com cabo alto e em carroção em forma de caixa quadrangular, para onde eram atirados a esmo, todos os detritos, incluindo cães e gatos mortos”. Conforme nos apresenta a obra *Costumes of Portugal*, de L'Evêque (1814), vê-se como os resíduos eram deslocados por uma carroça de tração animal, ou seja, puxada por bois.



Figura 3 - “O carrinho de Lama”, Henri L'Evêque, Henri, 1814

Ao passar de mais de um século, é possível verificar que a evolução dos transportes que faziam a limpeza urbana na cidade de Lisboa praticamente não ocorreu, fato que se percebe ao analisar a fotografia que se segue, do fotógrafo António Passaporte, de 1939, disponibilizada pelo Arquivo Municipal de Lisboa. A utilização dos animais ainda ocorria, a

condução era feita por apenas um homem, e a quantidade que era transportada também não teve aumento considerável.



Figura 4 - “Carroça de lixo”, António Passaporte, 1939

Já avançando no século XX, segundo informações obtidas através da página na internet da Câmara Municipal de Lisboa, em meados dos anos 1930, eram 1360 os trabalhadores no serviço da Limpeza, número considerado insuficiente. Trinta eram os veículos e 439 hipomóveis, ou seja, veículos de tração animal com um condutor.



Figura 5 - “Condutor de Hipomóveis”, António Passaporte, 1940

Em 1959, a cidade estava dividida em doze Postos de Limpeza e já eram 1430 os funcionários que recolhiam o lixo e varriam as ruas de Lisboa, todos eles homens. Somente

em 1967 foram contratados os primeiros auxiliares de limpeza do sexo feminino, num total de 200.



Figura 6 - “O cantoneiro de limpeza”, António Passaporte, 1940

Ao comparar-se os profissionais no decorrer de mais de um século, com base nas figuras 2 e 6, nota-se progressos consideráveis. Na primeira temos o varredor utilizando apenas uma vassoura como instrumento de trabalho, ficando, portanto, subentendido que os detritos coletados eram apenas amontoados à espera de que alguém passasse para recolhê-los, ou a sujeira era apenas varrida visualmente, sendo somente espalhada. A não utilização de um uniforme demonstra também a rudimentaridade da atividade de limpeza da urbe praticada no início do XIX.

Após todos os avanços políticos, sociais e econômicos ocorridos em Lisboa, a profissionalização das práticas de organização e coleta de resíduos aparecem sob forma de aperfeiçoamento de ferramentas no exercício da higienização, ou seja, através do uso de carrinhos e coletadores, e da adoção de indumentária como forma de identificação e proteção pessoal. Em informações numéricas trazidas pela obra “*Limpeza urbana em Lisboa*”<sup>11</sup> da Câmara Municipal de Lisboa (CML), em 1989 eram 1.760 funcionários e 39 postos de trabalho. Em publicação mais atual intitulada *Guia do Bom Cidadão Ecológico*, do Departamento de Higiene Urbana e Resíduos Sólidos, são apontados 1.550 funcionários para a remoção do lixo domésticos, em 37 postos e subpostos de limpeza (PIRES, 1995, p. 7). Faz-se oportuno esclarecer sobre a nomenclatura oficial da profissão na cidade de Lisboa, que

<sup>11</sup> LISBOA, Câmara Municipal. *Limpeza urbana em Lisboa*. Lisboa: Direção dos Serviços de Salubridade e Transportes, 1989, p. 12.

segundo consta no último edital de concurso público da CML aberto em 2014, o posto de trabalho destinado para estes trabalhadores intitula-se “Assistente Operacional (Cantoneiro de Limpeza)”<sup>12</sup>. Contudo, vulgarmente a população ainda reconhece estes operários como “senhores do lixo” ou “homens do lixo”.

De acordo com a correspondência eletrônica respondida pela técnica superior do Núcleo de Comunicação e Responsabilidade Ambiental da Câmara Municipal de Lisboa, Manuela Caramona, no dia 27 de maio de 2016, atualmente são 831 funcionários ligados direta ou indiretamente à limpeza. Até 2014 a CML detinha a responsabilidade de limpar a urbe, no cômputo geral dos seus meios, tanto operacionais como de contratação pública de recursos humanos. A partir de 2015 a Lei n.º 85/2015, de 7 de agosto, aprovou a reorganização administrativa da cidade e transferiu para as Juntas de Freguesia da cidade um conjunto de competências até então a cargo do município (como a manutenção e limpeza dos espaços públicos) e uma parte das admissões destes trabalhadores está desde então a cargo das Juntas de Freguesia.

Segundo informação fornecida pela Câmara a esta pesquisadora, através de correspondência digital, a média salarial dos cantoneiros é de 600 a 700 euros por mês. Eles possuem um sindicato chamado de STML (Sindicato dos Trabalhadores do Município de Lisboa), que está encarregado por zelar por seus direitos junto ao governo.

Em relação à evolução de limpeza da urbe em Lisboa, também foco do presente trabalho, dados trazidos pela obra *Cadernos de recursos em educação ambiental* indicam que, na década de 50, a coleta de resíduos diária por habitante era de cerca de 300 gramas, passando para 750 gramas nos anos de 1980 e atingindo 1,5 kg no início do século XX (TRINDADE, 2007, p. 70-71).

Segundo o Plano de Ação do Município de Lisboa (2015), em 2014, as autarquias de Lisboa recolheram 529 quilos de resíduos por pessoa, naquele ano. O dado a seguir vai ao encontro do que foi enfatizado pelo *Jornal de Negócios* publicado em 2015, que foi destacado no início deste trabalho, ao aferir que o Portugal está muito longe das médias europeias em se tratando de limpeza urbana e, se Lisboa for o foco, a situação é ainda pior:

A capitação de resíduos é bastante elevada, quando comparada com a média nacional e europeia. Tendo como referência o ano de 2011, a produção per capita no município era de 552 kg/hab.ano, não atingindo a média nacional,

---

<sup>12</sup> No Brasil, a palavra cantoneiro não é utilizada para designar o trabalhador de limpeza urbana. Os termos usados são “lixeiro” e “gari”.

em linha com a média dos Estados Membros da União Europeia (500kg/hab. ano) (LISBOA, 2015, p. 7).

De acordo com bases de dados oficiais do país<sup>13</sup> atualizada em 2014, a recolha de resíduos de forma seletiva foi de 112.4 quilos por habitante. Cabe destacar que houve avanço neste quesito, visto que os números apontam que em 2002 o total de resíduos recolhidos de maneira seletiva foi de 38.1 quilos por pessoa, conforme se pode averiguar no gráfico abaixo.

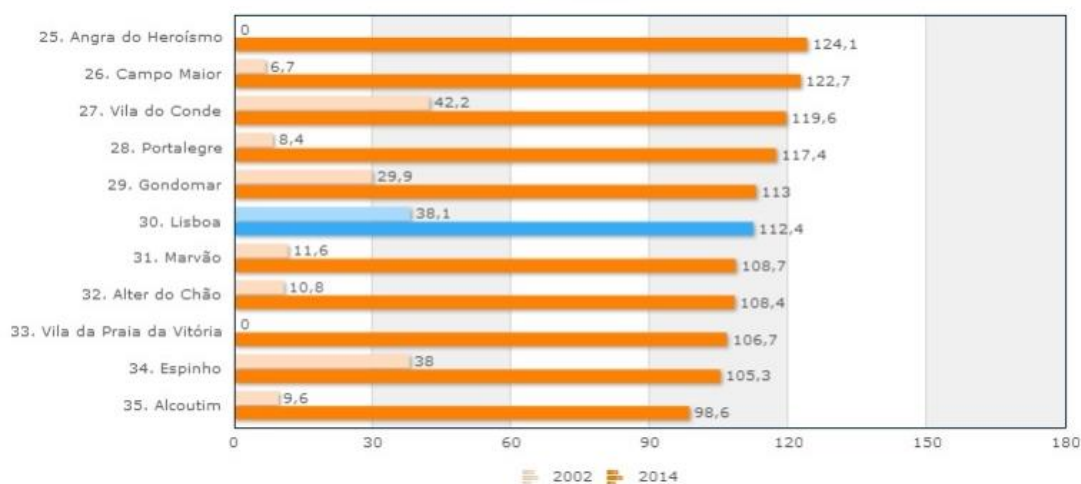


Gráfico 1 - Resíduos urbanos recolhidos seletivamente (kg/hab.)

Quando fala-se de pessoas inseridas em um grupo profissional, referimo-nos a uma parcela da população, que, por sua vez, está enquadrada em uma sociedade. Viver em sociedade significar fazer parte de uma cultura. Para desenvolver questões referentes à cultura, é fundamental buscar-se embasamento teórico, o que é elencado no capítulo a seguir.

<sup>13</sup>

Base de Dados Portugal Contemporâneo, da Fundação Francisco Manuel dos Santos (PORDATA).

#### 4 CULTURA DE MEIO AMBIENTE

Cada ser humano é diferente um do outro e poderia ser considerado como um fruto do meio em que vive. O conhecimento está na cultura e a cultura no conhecimento. É o que nos afirma Morin (1998, p. 28) ao defender que este saber “pode ser legitimamente concebido como o produto de interações bio-antropo-sócio-culturais”. Portanto, a consciência em aprender e a estruturação do ser humano dependem também não só de sua ligação com seu meio cultural, mas também ambiental. Para entender cultura, faz-se indispensável buscar definições quanto ao seu significado. Não adentraremos nos seus inúmeros conceitos e ideias, que perpassam as décadas, debates, desdobramentos e adaptações conceituais, mas restringiremos nossa abordagem identificando algumas convicções que poderão auxiliar na compreensão sobre tal significado.

A palavra “cultura” foi projetada dentro de um grupo de conceitos que incluía “expressões como ‘cultivo’, ‘lavoura’, ‘criação’ – todos significando aperfeiçoamentos, seja na prevenção de um prejuízo ou na interrupção e reversão da deterioração” (HALL, 2007, p. 72). Na verdade, a cultura também já foi tratada por alguns como sinônimo de civilização, ou como um processo de evolução humana rumo à ordem e ao melhoramento. Portanto, em uma concepção do Iluminismo, indicada por Faria (2001, p. 41), a cultura “é um processo secular para o desenvolvimento social”.

Em sua obra *A interpretação das culturas*, Geertz (1978) fala sobre a cultura como um sistema de símbolos e de significações partilhados por membros de um grupo humano, e tais sentidos estão intrínsecos nas pessoas como atores sociais. Para o autor “tornar-se humano é tornar-se individual, e nós nos tornamos individuais sob a direção dos padrões culturais, sistemas de significados criados historicamente em termos dos quais damos forma, ordem, objetivo e direção às nossas vidas” (GEERTZ, 1978, p. 64). A construção simbólica de um significado, assim como sua disseminação e articulação são entendidos como cultura por Steger (2006).

Para Tavares (2002, p. 47), “a cultura não é transmitida geneticamente, mas socialmente através da aprendizagem [...] é o mecanismo adaptativo por excelência da espécie humana, responsável por sua sobrevivência, desenvolvimento e evolução”. A cultura, portanto, não nasce com os seres humanos, mas vai se formando a partir do trato diário, das relações interpessoais. Pode-se, então, pensar em cultura como uma totalidade da experiência humana, tal como afirma Williams (1958, p. 93) ao dizer que utilizamos a palavra cultura “to

mean a whole way of life”. Em concordância com Faria (2001, p. 40), adota-se neste trabalho o significado preferencial do termo como sendo a “cultura enquanto conceito que se refere à textura de uma sociedade, e à maneira como a linguagem, os símbolos, os significados, as crenças e os valores organizam as práticas sociais”.

Vivendo sob relações sociais, um indivíduo possui uma identidade. Como nos aponta Hall (2005), foram identificados três concepções de identidade: o sujeito do Iluminismo, como sendo a pessoa humana unificada e o centro sendo essencialmente o eu; o sujeito sociológico, onde o núcleo interior não era autônomo, mas formado pelo vínculo com as outras pessoas que fazem a mediação sobre valores e símbolos; e o sujeito pós-moderno, que não tem uma identidade fixa, onde esta é transformada permanentemente. Portanto, para o autor, assim como a cultura, “a identidade é definida historicamente, e não biologicamente” (HALL, 2005, p. 13). Isso significa elucidar que uma identidade não é completa e inviolável, e que o indivíduo é confrontado repetidamente por uma multiplicidade de identidades possíveis. Após discorrer sobre os conceitos de sujeito e identidade, cabe enquadrar o ser humano em uma cultura nacional, tendo em vista que ele nasce em algum lugar.

Ao destacar, por exemplo, que uma pessoa é portuguesa, não significa que isso refira-se a uma identificação ligada aos seus genes, mas é algo que pensa-se fazer parte de uma natureza essencial. Na realidade “identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação” (HALL, 2005, p. 48). Seguindo o pensamento trazido pelo autor, uma nação não é somente uma instituição política, mas algo que cria sentidos, ou seja, “um sistema de representação cultural”, que converteu-se em uma característica-chave da industrialização. Assim como no caso do sujeito, as identidades nacionais já foram centradas, e, atualmente são deslocadas por processos de globalização.

As culturas nacionais, além de suas entidades culturais, também são compostas por símbolos e representações. Para Hall (2005, p. 50) “uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos”, isto é, se produz sentido para a nação, com os quais os indivíduos podem se identificar, então cria identidades. O sentido pode ser absorvido pela pessoa através de uma narrativa cultura nacional, contada por meio da literatura, mídia e cultura popular. Elas apresentam “estórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou representam as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação” (HALL, 2005, p. 52).

Como uma outra possibilidade de estratégia discursiva da cultura nacional, Hall (2005) cita a invenção da tradição, ou “tradição inventada” (HOBSBAWM; RANGER, 1983). Antes de adentrar nesta conceitualização, cabe ressaltar, primeiramente, o que é entendido por tradição. Assim como dito nos objetivos da nossa investigação, busca-se realizar uma análise cultural. O significado preferencial deste exercício de descodificação de sentidos será o de análise de cultura como sendo a identificação de “representações coletivas” (FARIA, 2001, p. 40), que incluem “as crenças religiosas, os valores morais, os símbolos e as ideias partilhadas pelo grupo”.

Ora, se na cultura temos elementos representativos grupais, que incluem crenças, valores e pensamentos, a prática de tais fundamentos se traduz na tradição. Seguindo o que nos aponta Fortuna (2012, p. 24), a tradição perpassa nas ações sociais humanas. Ela é interpretada como a “reprodução cultural de padrões comportamentais e modos de pensamento e ação”. De acordo com Giddens (1991, p. 38) “a tradição não é inteiramente estática, porque ela tem que ser reinventada a cada nova geração conforme esta assume sua herança cultural dos precedentes”.

Para Hobsbawm e Ranger (1983), o objetivo e a característica da tradição é a invariabilidade. A teoria das tradições inventadas, para os mesmos autores,

[...] includes both ‘traditions’ actually invented, constructed and formally instituted and those emerging in a less easily traceable manner withing a brief and dateable period – a matter of a few years perhaps – and establishing themselves with great rapidity” (HOBSBAWM; RANGER, 1983, p. 1).

Assim sendo, “tradição inventada” é um conjunto de práticas de natureza ritual e simbólica que buscam propor valores e normas de comportamento por meio da repetição, com a qual, de forma automática, implica continuidade com um passado histórico adequado.

Na maioria das vezes, tais tradições parecem ficar mais claras se forem construídas e estruturadas por um único iniciador, ou mais facilmente seria de encontrar suas origens processuais se forem cerimoniais oficialmente instituídos ou planejados, uma vez que devem ter sido documentados. Ainda para Hobsbawm e Ranger (1983, p. 13), as tradições inventadas passaram a ter mais ocorrência nos últimos 200 anos, e não envolvem sociedades tradicionais, mas as modernas. Para verificar se o lixo ou o processo de limpeza urbana de uma cidade é ou não uma tradição inventada, embasa-se no enquadramento apontado pelos autores, em que clarificam que “as tradições inventadas depois da Revolução Industrial... (são) aquelas cujo

propósito principal é a socialização, a inculcação de ideias, sistemas de valores e padrões de comportamento” (HOBSBAWM; RANGER, 1983, p. 9).

Além disso, destacam que as tradições inventadas tentam utilizar a história como legitimadora das ações e como critério de coesão grupal. A partir do exposto, pretende-se aqui refletir que a questão lixo e limpeza da urbe não se encaixa no conceito de tradição inventada, uma vez que se trata de uma convenção ou rotina. Para os últimos autores, a maior diferença entre a teoria da invenção de tradição e redes de convenções é a falta de função simbólica e de ritual destas práticas. Conforme nos esclarecem os estudiosos, “é evidente que qualquer prática social que tenha de ser muito repetida tenda, por conveniência e para maior eficiência, a gerar um certo número de convenções e rotinas, formalizadas de direito ou de fato, com o fim de facilitar a transmissão do costume” (HOBSBAWM; RANGER, 1983, p. 3). Isso significa dizer que o fato de pensar a limpeza do lixo como um hábito que o ser humano instituiu nos últimos anos não faz desta ação uma tradição inventada, já que suas justificativas são técnicas e não ideológicas. Portanto, as redes de conveniência ou rotina

são criadas para facilitar operações práticas imediatamente definíveis e podem ser prontamente modificadas ou abandonadas de acordo com as transformações das necessidades práticas, permitindo sempre que exista a inércia, que qualquer costume adquire com o tempo, e a resistência às inovações por parte das pessoas que adotaram esse costume. O mesmo acontece com as “regras” reconhecidas dos jogos ou de outros padrões de interação social, ou com qualquer outra norma de origem pragmática (HOBSBAWM; RANGER, 1983, p. 3).

Entende-se, desta maneira, que a elaboração de uma legislação ambiental, a adoção de um padrão de comportamento estabelecido pelas pessoas e as convenções adotadas nas últimas décadas não criam cimento teórico suficiente para embasar o tratamento do lixo como uma tradição inventada.

Mas então, como a cultura se relaciona com o meio ambiente? Entende-se que é no meio ambiente que a própria vida está. É onde ocorre o encontro entre a natureza e o ser humano, e, portanto, natureza e cultura, uma vez entendido sobre o conceito de Williams (1958) de que a cultura é uma totalidade da experiência humana. Mergulhados nesta “trama” ambiental de relacionamento entre a cultura e o meio ambiente que se constroem identidades e relações humanas. A maneira como o ser humano percebe seu ambiente reflete em como ele vai lidar com ele. A percepção torna-se, neste caso, fundamental na construção de um entendimento sobre a condição humana e o ambiente no qual vive.

Percepção, segundo o *Dicionário Temático de Psicologia* (1991, p. 198), é uma “conduta psicológica complexa através da qual o indivíduo organiza as suas sensações e toma conhecimento do real”, ou seja, é quando o sujeito se aproxima do objeto e, geralmente, só é sensível ao que lhe interessa diretamente ou que tenham significado para ele. Conforme nos afirma Morin (2000, p. 20), “[t]odas as percepções são, ao mesmo tempo, traduções e reconstruções cerebrais com base em estímulos ou sinais captados e codificados pelos sentidos”. A percepção ocorre individualmente e é influenciada pelos valores, emoções, objetivos, expectativas e outros estados mentais de cada pessoa.

Fazendo a convergência entre a percepção humana e o meio ambiente, estudiosos se voltaram para o conceito de percepção ambiental, que, para Macedo (2000), tem base nas diferentes maneiras sensitivas que os seres humanos captam, percebem e se sensibilizam pelos eventos, manifestações dos fatos, fenômenos e mecanismos ambientais observados no local percorrido. Para este autor, esta vertente científica foi de fundamental importância no despertar para a conscientização do sujeito em relação às realidades ambientais observadas. A compreensão da interação do ser humano com a natureza deve ocorrer por meio do conhecimento, sendo necessário o desenvolvimento de um aprendizado que englobe elementos de caráter científico, ético e estético, em que essa interação favoreça a conscientização ambiental, estimulando práticas relativas à conservação da natureza. Da mesma maneira que a percepção de qualquer objeto é percebida de forma particular e singular pelo indivíduo, como citou Morin, o grau de percepção do ambiente também varia entre os atores, uma vez que dependem de seu estado psicológico, envolvimento pessoal, valorização e importância atribuídos à questão em foco e do nível de conhecimento acerca da natureza (MACEDO, 2000).

Inserido num contexto citadino, ou melhor, enfocando a uma realidade mais delimitativa de ambiente, tem-se a percepção urbana, que é compreendida como uma “prática cultural que concretiza certa compreensão da cidade”. Tem como suporte o uso urbano e a “imagem física da praça, do quarteirão, da rua, entendidos como fragmentos habituais” (FERRARA, 1993, p. 18). Para a autora, a percepção urbana é uma das etapas do processo que engloba a compreensão da imagem da urbe como fonte de informação sobre a cidade. As características físicas, em uma escala macro, incorporam denotações de todas as microlinguagens:

a urbanização, a arquitetura, a tecnologia decorrente do processo de industrialização, o desenho industrial dos equipamentos, a programação

visual, a publicidade, a associação dos veículos de comunicação de massa. Ruas, avenidas, praças, monumentos, edificações, configuram-se como uma realidade sócio que informa sobre seu próprio objeto: o contexto urbano (FERRARA, 1993, p. 19)

Ainda de acordo com Ferrara, a maneira como a cidade se transforma decorre do uso urbano escrito pelo seu usuário, e o “significado do espaço é o desenvolvimento daquela recepção” (ibid, 1993, p. 19). Trazendo a teoria para a prática, a forma como o lisboeta percebe, recebe e interage com a cidade, modifica-a cotidianamente. Cada cidadão percebe Lisboa de pontos de vista e de experiências individuais, e recebe dela informações que lhe fazem agir culturalmente. O estudo da percepção ambiental é primordial para que se possa compreender melhor as inter-relações entre o indivíduo e o ambiente. O ambiente natural, assim como os ambientes construídos, são percebidos segundo os valores e as vivências individuais dos sujeitos, onde são atribuídos valores e significados em um determinado grau de importância em suas vidas. Independente de classe social, o indivíduo urbano busca viver em um ambiente saudável, que favoreça a sua qualidade de vida. No entanto, observar um cenário urbano implica perceber que o uso, as crenças e os hábitos do cidadão cidadão têm promovido alterações ambientais e impactos significativos no ecossistema urbano. Não é raro, neste sentido, verificar o lixo formando partes da paisagem urbanística atual.

Utilizamos a questão do lixo como forma de exemplificar tais conceitos: um plástico é colocado no lixo. Para muitas pessoas no mundo moderno, este é considerado dejetivo, sem mais utilização. Esse é o significado que foi percebido, internalizado e reproduzido pelo indivíduo. Todavia, existem outras pessoas que, por possuírem conhecimentos técnicos e profissionais em relação ao tema, qualificam o mesmo plástico como uma fonte de renda, que ainda não findou seu ciclo de vida e deve ser coletado e reciclado, para ser reutilizado. Portanto, o comportamento humano é motivado por suas necessidades, tais como as fisiológicas, e também da sua interação com o meio. Tudo que o ser humano já viveu e está vivendo é que determina o seu comportamento perante a sociedade, e inserido neste contexto social se tem a cultura de um determinado período.

A forma como as pessoas enxergam o seu ambiente natural, em sua grande parte, depende do seu meio cultural. Se uma reflexão for feita através da religião, por exemplo, verifica-se que indivíduos que seguem o budismo, hinduísmo, e outros, que tem como base não causar danos aos seres vivos seja ele qual for, tendem a perceber com mais “clareza” o

delicado equilíbrio que deve haver entre o desejo humano e as necessidades ecológicas. Caso uma comparação seja feita com o antropocentrismo de religiões como a judaico-cristã, em que o homem através de sua consciência é um ser superior aos outros seres vivos, nota-se que estes “fiéis” enxergam a natureza como uma supridora de ambições humanas. Colocar a raça humana no centro do universo pode ser entendido como um dos reflexos de crenças e valores do capitalismo, conforme nos lembra Sennett (2003, p. 213), ao aferir que o capitalismo moderno transformou a formação social fazendo nascer o individualismo humano. É como se a felicidade plena fosse possível somente através do consumo ilimitado (BAUMAN, 2007).

Conforme saliente Steger (2006), foi no século XXI que finalmente se percebeu o verdadeiro impacto da inter-relação entre os seres humanos habitantes do mesmo planeta, visto que respiram o mesmo ar, dividem o mesmo clima e por vezes bebem da mesma água. Este autor nos assegura que a degradação ambiental era localizada, mas com a explosão da Revolução Industrial ganhou força e se propagou. As consequências são refletidas nos dias de hoje, como o aquecimento global, a poluição do ar e dos recursos hídricos e a produção exponencialmente crescente de lixo, sendo este último um motivador deste trabalho.

Com a intenção de compreender melhor os fenômenos de percepção ambiental e urbana, cultura nacional e representações culturais concebidas pelos lisboetas, busca-se realizar uma análise cultural. Para tal, apresenta-se a seguir a metodologia que cimentou esta pesquisa.



## 5 METODOLOGIA

As ciências sociais englobam diversas disciplinas que se entrecruzam com as humanidades e dentre elas estão os estudos da cultura e da comunicação. “Comunicar é sobretudo significar, através de qualquer meio” (SANTOS, 1992, p. 10). Tal processo é feito por meio de sinais sonoros, visuais e sensoriais. Para pesquisar, analisar e entender temas abrangidos por tais saberes, existem metodologias de pesquisas específicas. No âmbito desta investigação utiliza-se a pesquisa exploratória com vertente qualitativa, cujas características serão mais adiante esmiuçadas.

Na evolução da raça humana como sociedade, houve mudanças físicas, psíquicas, culturais e comunicacionais estudadas no campo da antropologia, sociologia, psicologia, entre outras. Partindo do pressuposto de que a história de uma cidade está entranhada na cultura dos seus cidadãos, manifestando-se por meio das representações culturais, que incluem “crenças religiosas, os valores morais, os símbolos e as ideias partilhadas pelo grupo” (FARIA, 2001, p. 41), é objetivo deste trabalho mapear as origens socioculturais da relação entre os lisboetas e o meio ambiente, com particular enfoque no lixo e na limpeza urbana.

A comunicação e o lixo parecem, em um primeiro momento, distantes. Contudo, assim como no ato de comunicar existe um emissor, uma mensagem, um meio e um receptor, podemos extrapolar, embora em termos simplistas, que no lixo existe a produção de um produto, seu consumo e a sua destinação final. Tais processos possuem similaridades e tem em comum a necessidade de contar com a presença antropológica para ocorrer.

No fito de alcançar a intento acima referido, adota-se como objeto de pesquisa a cidade mais a oeste de Portugal, Lisboa. Sua superfície territorial é de 100,1 km<sup>2</sup> e é formada por 24 freguesias<sup>14</sup>. Conforme apresentado em uma publicação da Câmara Municipal de Lisboa<sup>15</sup>, autarquia que administra o município, a população residente da capital portuguesa é de 547.733 habitantes dentro de seus limites administrativos.

Além da questão histórica anteriormente apresentada, optou-se pela escolha deste município devido à sua relevância enquanto eixo político e econômico português, pois, como a mesma fonte revela, é a capital de um país com 10,5 milhões de habitantes e centro de uma

---

<sup>14</sup> Fundação Francisco Manuel dos Santos - Pordata: Base de Dados Portugal Contemporâneo. Lisboa: FFMS, 2009.

<sup>15</sup> CALEIA, Nuno; RAMIRES, Andreia (Coord.). A economia de Lisboa em número. Câmara Municipal de Lisboa, 2015.

região metropolitana com 2,8 milhões de pessoas. Foi a partir desta realidade que se restringiu o estudo somente à cidade de Lisboa, de forma a permitir a viabilidade espacial, temporal e financeira da investigação. Além disso, levou-se em consideração sua disposição geográfica privilegiada, costada pelo rio Tejo, recurso hídrico que lhe possibilitou crescimento e desenvolvimento econômico, inicialmente pelas navegações, e depois pelo mercado de exportação. Segundo dados do ano 2015, a cidade de Lisboa possui um tecido empresarial não financeiro composto por 93.076 empresas, representando 8,8% da estrutura empresarial do país, empregando 560.719 pessoas (CALEIA; RAMIRES, 2015, p. 20).

Tendo em conta que este estudo busca realizar uma análise cultural da relação entre os lisboetas, o lixo e os trabalhadores de limpeza urbana, emprega-se uma pesquisa social. Conforme nos orienta Bauer e Gaskell (2002, p. 21), através de uma pesquisa social “estamos interessados na maneira como as pessoas espontaneamente se expressam e falam sobre o que é importante para elas e como elas pensam sobre suas ações e as dos outros”.

Nesta dissertação, seguiu-se o caminho da pesquisa exploratória, que para Lakatos e Marconi (2008) tem por escopo a formulação de questões que conduzam à identificação de suposições e aproximem a investigação ao ambiente ou ao evento analisado ou ao esclarecimento de definidas reflexões. Nesta mesma ideia, Gil (2008, p. 41) comenta que o objetivo fulcral deste tipo de pesquisa é “o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições”. A vertente de pesquisa, por conseguinte, é a qualitativa, que, para Godoy (1995, p. 62), necessita ter as seguintes características essenciais: ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental; possuir um caráter descritivo; priorizar o significado que as pessoas dão às coisas e a vida como preocupação do investigador; e um enfoque indutivo. Dentre as três possibilidades de abordagem qualitativa apresentadas por este autor para obtenção de dados, optou-se neste trabalho o estudo de caso, ao entender que esta modalidade tem o objetivo de examinar detalhadamente um ambiente, um sujeito ou uma situação particular.

Com intenção de receber dados pessoais e subjetivos, usa-se como técnica de coleta de dados a chamada “entrevista em profundidade”. Segundo Richardson (1999, p. 207), este processo propicia uma interação pessoal da investigação com o entrevistado e “proporciona as melhores possibilidades de penetrar na mente, vida e definição dos indivíduos”. Lakatos e Marconi (2008) corroboram que as entrevistas ensejam o alcance de informações mais exatas e relevantes sobre determinado tema, apreciações estas que ordinariamente não se encontram em fontes documentais. Duarte (2006, p. 62) ressalva que a entrevista em profundidade

[...] procura a intensidade das respostas, não-quantificação ou representação estatística. A entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher as respostas a partir da experiência subjetiva da fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer.

Assim, entende-se que a maior flexibilização desta técnica permite que o assunto seja explorado em sua amplitude, e, por isso, contribui contundentemente para sua análise. Referente aos tipos de entrevistas qualitativas, estas podem ser divididas em abertas e semi-abertas, segundo Duarte (2006). Estas subdivisões possibilitam maior maleabilidade na sondagem do tema. Neste caso utiliza-se a forma semi-aberta, pois segue um roteiro de temas-chave que norteiam o objetivo da pesquisa.

No que diz respeito à amostra em entrevistas em profundidade, segundo o último autor, o que realmente importa é a capacidade que as fontes têm de fornecerem informações pertinentes ao assunto abordado, não tendo relevância, por isso, um amplo volume de entrevistados para obtenção do resultado pretendido. No processo de amostragem, Duarte (2006) destaca que em estudos qualitativos é comum a utilização de amostra não-probabilística, onde a pesquisa escolhe seus entrevistados segundo seus critérios. Mattar (1996) complementa estas conclusões sobre as técnicas de seleção quando diz que a investigação deve levar em conta a acessibilidade aos elementos da população, a disponibilidade ou não de ter os elementos da população em um rol, a representatividade desejada ou necessária, bem como a disponibilidade de tempo, recursos financeiros e humanos. Ainda para complementar teoricamente sobre pesquisas qualitativas, busca-se a teorização de Bauer e Gaskell (2002, p. 70) que nos dizem que “devido ao fato de o número de entrevistados ser necessariamente pequeno, o pesquisador deve usar seu imaginário social científico para montar a seleção dos respondentes”.

Sobre as amostras não-probabilísticas tem-se a seleção por conveniência e a intencional. Para Duarte (2006), a escolha por conveniência é sustentada pela aptidão das fontes para com o estudo, já com a seleção intencional, os entrevistados são eleitos de acordo com os critérios individuais de quem realiza a pesquisa. Desta forma é pertinente destacar que o objetivo do referido estudo não é atingir uma conclusão total sobre o tema, meta que seria irrealista, mas sim elencar elementos que possam contribuir com significância para a assimilação do mesmo.

Uma vez entendido que na seleção intencional as fontes são escolhidas, ao passo que, por conveniência, a entrevista fica dependente de as fontes estarem próximas ou disponíveis, para o trabalho em questão seleciona-se a intencional, visto que esta técnica é a mais compatível com a finalidade do estudo. Conforme mencionado, a pesquisa dá-se por meio de entrevista em profundidade, orientada por perguntas-guia, a fim de causar estímulos nos entrevistados, na tentativa de captação de informação significativa. Desta forma, conforme o quadro abaixo, as perguntas são elencadas em quesitos específicos, para que, posteriormente, possam responder aos objetivos desta pesquisa, que são: verificar qual é a percepção ambiental do lisboeta do lixo em relação a cidade e se há influência histórica para tal resultado; entender se o lisboeta preocupa-se com a destinação dos seus resíduos, ou com quem trabalha com isto; e averiguar quais são as representações culturais formadas por este grupo estudado sobre o lixo e pelo trabalhador desta área.

TEMAS	OBJETIVOS	PERGUNTAS
Identificação pessoal dos entrevistados	Entender como se identificam os entrevistados;  Perceber a importância (ou não) conferida às origens históricas;	1 - Qual o seu nome completo? 2 - Quantos anos tem? 3 - Onde nasceu? 4 - Onde nasceram os seus pais? 5 - Para você, existe uma maneira lisboeta de ser? 6 - Sente-se como um(a) lisboeta?
Percurso individual / escolaridade	Conhecer a história do entrevistado, em particular sobre sua formação e profissão;	7 - Qual é a sua profissão? 8 - Qual é a sua atividade profissional atualmente?
Tema X Biografia	Verificar como o entrevistado percebe o tópico e como isso tem relação em seu cotidiano;	9 - Para si, o que quer dizer “lixo”? 10 - Costuma ver muito lixo espalhado pela sua freguesia? E pela cidade? 11 - Considera Lisboa uma cidade limpa? Se sim, conte-me a razão. 12 - Para si, pensar no que fazer com os seus resíduos é uma preocupação constante ou é algo de que não se lembra durante o dia e faz de maneira automática? 13 - Na sua casa, costuma separar o lixo: papel, orgânico, embalagens, metal?
Foco central do tema	Entender se o lisboeta possui um perfil comportamental definido em relação a limpeza urbana;	14 - Já vivenciou uma situação, entre amigos, familiares ou desconhecidos, que poderia deixar a cidade suja? Pode descrevê-la? 15 - Como avalia sua postura em relação ao lixo?
Aspectos histórico-culturais	Avaliar de que formas o comportamento do lisboeta é afetado pela sua história ou pelas suas tradições culturais;  Verificar a relação entre os entrevistados com o profissional do lixo, em termos de convivência no mesmo ambiente citadino;	16 - Pensa que o assunto “lixo” é discutido suficientemente nas escolas, na televisão, pelo governo? 17 - A sua atitude em relação a limpeza urbana mudou com o passar dos anos? 18 - A forma como lida com o lixo poderia ser enquadrada da mesma forma que seus pais e avós tratam os resíduos? 19 - Qual a sua opinião sobre as pessoas que trabalham com o lixo? 20 - Como acredita que elas sejam tratadas pela população?

TEMAS	OBJETIVOS	PERGUNTAS
Tópicos genéricos	Analisar a opinião dos entrevistados em relação aos aspectos mais gerais da pesquisa.	21 - Como respondem pela limpeza urbana na cidade de Lisboa as pessoas que executam esta função? Já teve alguma experiência relacionado com isso? Conte-me qual foi, se a resposta for sim. 22 - Já viajou para fora de Lisboa ou Portugal? Se sim, para onde? 23 - Se pensar no lixo de outras cidades portuguesas, ou cidades de outros países, pensa que Lisboa está melhor ou pior no que respeita ao tratamento do lixo, ao fazer uma comparação? Pode explicar como?

Quadro 1 - Perguntas da entrevista em profundidade

Pelas razões apresentadas pelos autores, a investigação que aqui se apresenta busca características sociodemográficas para enquadrar entrevistados que sejam aptos a responder as questões levantadas. Foram, portanto, selecionados conforme as seguintes categorias:

<b>Gênero</b>	Verificar se a diferença entre homem e mulher interfere na relação com o lixo; <sup>16</sup>
<b>Idade</b>	Identificar eventuais mudanças de visão/percepção em relação à limpeza da urbe em resultado das diferentes épocas históricas vividas pelos entrevistados. Neste escopo anseia-se aferir se o contexto histórico é fator determinante no comportamento narrado pelos entrevistados;
<b>Escolaridade</b>	Investigar se em diferentes níveis de instrução educacional há diferenças discrepantes no quesito higiene urbana, ou seja, correlacionar a formação formal com o comportamento cívico.

Quadro 2 - Categorização para escolha de entrevistados

Em termos empíricos, foram realizadas quatorze entrevistas no período de 06 de junho a 28 de julho de 2016 e com amostragem de sete homens e sete mulheres, com idades que variam de 24 a 86 anos. Para que os resultados viessem de uma forma equilibrada e não tendenciosa, foram entrevistados três homens com idades de 25 a 30 anos e duas mulheres, com idade de 24 a 30 anos. Na faixa etária dos adultos, ou seja, de 31 a 60 anos, duas mulheres enquadraram-se na faixa dos 31 aos 34 anos e três foram os homens entrevistados na faixa etária de 34 a 59 anos. Na terceira idade, foram entrevistadas três senhoras de idades entre 83 a 86 anos e um senhor com 61 anos.

Para que não houvesse discrepâncias nos níveis de escolaridade e que as percepções fossem colhidas de forma neutra, foram questionados indivíduos das mais diversas profissões:

<sup>16</sup> Destaca-se que foi refletido sobre os indivíduos transexuais no enquadramento de gêneros, no entanto, não foram encontrados para responder ao questionário. Ressalta-se ainda que a orientação sexual também não foi fator decisivo na hora de escolher entrevistados para responder a entrevista.

estudante de mestrado, jornalistas, informático, donas de casa aposentadas, comerciante aposentada, gestor financeiro, engenheiro ambiental, assistente de marketing, contabilista aposentada e assistente operacional (cantoneiro de limpeza).

Lembra-se que as entrevistas foram gravadas com a autorização prévia dos pesquisados, para que pudessem ser transcritas de maneira mais detalhada e para que o entrevistador pudesse focar totalmente sua atenção na narrativa dos depoimentos. As transcrições encontram-se nos apêndices.

O objetivo da escolha destes aspectos metodológicos para a elaboração deste estudo não é vislumbrar atos, comportamento ou análises psicossociais a respeito dos entrevistados, posto que tal finalidade é de maior interesse nas áreas da psicologia, sociologia e afins. A intenção é identificar, na narrativa dos entrevistados, os elos que podem unir as indagações levantadas e verificar se a hipótese gerada pela observação da investigação é comprovada ou refutada. É precisamente na riqueza do cruzamento de narrativas com o referencial bibliográfico que se posiciona a presente investigação, procurando recolher e articular contributos substanciais na procura de produção de novas sínteses.

Busca-se, portanto, fazer emergir o processo experiencial individual de lisboetas em relação ao seu lixo, que somente será possível por meio da entrevista em profundidade, técnica que permite a obtenção de dados pessoais e profundos, e porque “não há experiência humana que não possa ser expressa na forma de uma narrativa” (JOVCHELOVICH; BAUER, 2003, p. 91). Desta maneira, conforme nos apontam os autores, a entrevista narrativa é de profundidade e possui características específicas. Esta tem a função de estimular e encorajar o entrevistado (informante) a fazer emergir a história de sua vida entrecruzada no contexto social. Portanto, reafirma-se que o real intento deste trabalho é de buscar no que foi narrado, palavras e expressões, que possam validar, não de designação fatalista ou determinista, mas como um indicador com elevado poder explicativo a respeito da problematização assinalada.

## 6 O LISBOETA E SEU LIXO: ANÁLISE DOS DADOS

A origem dos entrevistados foi destacada como um dado importante e delimitador, já que buscava-se pessoas nascidas na cidade de Lisboa. De um universo de quatorze entrevistas realizadas, divididas entre sete homens e sete mulheres, doze pessoas nasceram em Lisboa. Cabe destacar, no entanto, que as outras duas pessoas que nasceram fora do município moram na capital portuguesa por quase toda a vida, tendo vindo para a metrópole em questão ainda criança ou adolescente. É o caso das senhoras Maria Farias (85 anos, que nasceu em Sonim e veio para Lisboa com 15 anos) e Olinda Antunes Tomaz Henriques (de 83 anos, veio do distrito de Leiria ainda jovem e vive em Lisboa há 53 anos). Acredita-se que, por terem residido por tantos anos na cidade, podem contribuir com narrativas históricas contundentes para este trabalho. Ressalta-se ainda que as informações das idosas foram coletadas no Centro Social Penha da França, sob a autorização do Diretor Técnico António Ilhicas, que indicou a dificuldade de encontrar no local pessoas da terceira idade que sejam originalmente lisboetas, visto que as que ainda são têm dificuldades de fala ou não se dispuseram a falar para a pesquisa.

Ainda no contexto histórico dos pesquisados, questionou-se a origem familiar dos entrevistados e averiguou-se que uma minoria tem pais (pelo menos mãe ou pai) nascidos na capital de Portugal, totalizando 35,7%. Entre as localidades indicadas no território nacional ressalta-se Coimbra, Beja, Leiria, Guarda, Pombal, entre outras. No âmbito internacional, há uma entrevistada que tem pai originário de Angola. Tal constatação só reafirma a intensa corrente migratória que a cidade de Lisboa possui desde os primórdios da sua história, mas principalmente como destacado anteriormente, pelas viagens marítimas que possibilitaram a entrada de imigrantes e pela construção de estradas viabilizando novas vias de acesso ao município.

Para buscar uma identidade lisboeta, é necessário pedir emprestado os conceitos defendidos por Hall, quando afirma que identidades nacionais devem oferecer “tanto a condição de membro do estado-nação político quanto uma identificação com a cultura nacional” (HALL, 2005, p. 58). Fica claro, dentro de algumas citações de informantes, que a questão da exaltação e pertencimento tem relação direta com a identificação com a cultura nacional. Muitos dos entrevistados usam a palavra “orgulho” para descrever o sentimento ao serem questionados sobre se sentem-se lisboetas. Salienta-se, no entanto, que os entrevistados

que não cresceram ou não vivem em Lisboa não demonstram tal sentimento, como é o caso de Joaquim (61 anos), quando afirma que tem “que ser [lisboeta], pois não tenho outra referência”, ou na resposta de Ana Lemos (31 anos) “[com] esse lado lisboeta não me identifico, uma certa arrogância de se portar”, trazendo exatamente a questão de significados e identificação simbólica individual.

Ainda nas narrativas dos pesquisados, existem características específicas (que poderão ser encaradas como estereótipos, mas não deixam de constituir fortes representações culturais) para enquadrar uma pessoa como lisboeta: modo de falar, a receptividade para com os estrangeiros e turistas, a valorização das tradições em especial as festas populares (como os Santos Populares e romarias), maior tolerância com as diversidades se comparado ao jeito conservador de outras regiões do país e maneira de ser mais despreocupada. Obviamente que particularidades negativas também foram elencadas: pessimismo e o descrédito com o que é desconhecido e certo egoísmo no sentido de pensar mais em si próprio do que com o coletivo. Ressalta-se, ainda, a questão religiosa, que está muito presente na história da cidade.

No que abrange às categorias sociodemográficas, elabora-se quadros comparativos para elencar as diferentes percepções dos entrevistados com relação ao tema global. No sentido de melhor visualizar a opinião dos informantes no quesito limpeza da cidade em comparação com outras localidades, tem-se os seguintes resultados:

<b>Grupo etário</b>	<b>Lisboa suja</b>	<b>Lisboa limpa/equilibrado</b>
Até 30 anos	3 (60%)	2 (40%)
De 31 a 60 anos	0	5 (100%)
De 61 ou mais	3 (75%)	1 (25%)

Tabela 1 - Grupo etário

Conforme foi elencado na metodologia, a ideia de separar os respondentes em grupos por idade tem como propósito identificar eventuais mudanças de percepção em relação à limpeza da urbe em resultado das diferentes épocas históricas vividas pelos entrevistados. Neste escopo anseia-se aferir se o contexto histórico é fator determinante no comportamento narrado pelos entrevistados. É possível entender, a partir da comparação, que entre os jovens, 60% dos entrevistados pensam que a cidade de Lisboa é mais suja se comparada a outras cidades/países, como destaca Inês (24 anos): “não é limpa, tanto por essa situação dos lixos, como os hábitos das pessoas. Elas andam na rua e tenho visto situações que colocam tudo no chão, papel, cigarro, latas, embalagens. É uma cidade com hábitos sujos. As ruas não estão

limpas, não se pode sentar nas calçadas, por exemplo. Principalmente zonas do centro como a da Baixa, onde deveria ser ainda mais limpa por causa do grande número de turistas, não é”; ou de Pedro (28 anos): “na Baixa de Lisboa, mesmo com a grande quantidade de estrangeiros e turistas, é tudo muito sujo. Não porque eles sujam os locais, mas também porque a própria população não cuida. É como receber uma pessoa em sua casa, e ela estar imunda. Acho que é assim que deveria ser em Lisboa. O português quer mostrar que tem um país organizado, mas assim fica difícil, com essa mentalidade fica difícil”. Já os outros 40% acreditam que a capital portuguesa não pode ser considerada uma cidade suja, como responde João (26 anos): “Em geral eu considero que Lisboa é limpa”. Outro informante declara que Lisboa não está abaixo do esperado no quesito limpeza em comparação a outras localidades, como indica Pedro Pina (28 anos): “não estamos muito longe em relação ao ideal europeu, sei que temos mais atrasos, mas não que possa ser enquadrado como mais sujo”.

Na faixa dos adultos, ou seja, dos lisboetas com idade entre os 31 até os 60 anos, a totalidade dos sujeitos entrevistados acredita que o município não pode ser considerado sujo, se for nivelado com outras cidades ou países. Cabe destacar nesta sessão a opinião de Manuel Bento (59 anos), que foi coletada em um bar localizado na freguesia de São Vicente, no dia 27 de julho. Ele é funcionário da Câmara de Lisboa e há 10 anos trabalha como assistente operacional, mais precisamente, como cantoneiro. Dentre muitas informações relevantes, ele destaca seu orgulho em ser lisboeta e como, mesmo recolhendo 12 toneladas de lixo todas as noites, “para aquilo que temos: material obsoleto, falta de pessoal, apesar de ver muita sujeira, ainda considero a cidade limpa”.

Entre os idosos, pessoas com mais de 61 anos, 75% dos entrevistados enxergam a cidade como mais suja que outras localidades ou do que já foi há anos atrás. A narrativa destas pessoas traz consigo uma densa bagagem de memórias sobre a própria história do lixo na capital, como é o caso de Maria Farias (85 anos): “Lisboa hoje é mais suja do que antes. Há 10 ou 15 anos não se via tanto lixo nas ruas”. Outra idosa que afirma que a cidade anda mais suja nos dias de hoje é Alice (86 anos), que garante que “há tempos atrás não era comum ver roupas espalhadas ruas, e agora roupas e calçados são colocados em qualquer lugar. Antes não era assim, mas agora tem muito”. A única informante representante da terceira idade que defende que Lisboa está melhor do que um dia já é Olinda (83 anos), que exemplifica sua opinião: “por acaso a zona onde vivo, na Penha de França, já andou mais suja do que anda agora. Antes as pessoas não ligavam a mínima para as fezes dos cachorros nas calçadas, por exemplo, mas agora já levam sacos consigo para limpar depois”.

Verifica-se que em termos de faixas etárias, a maior discrepância consiste na visão dos lisboetas com mais de 30 anos e menos de 60. Acredita-se que tal fenômeno possa ser o resultado de um período de transitividade pelo qual passaram as pessoas que cresceram nas décadas de 60 e 70, período em que ocorreram as maiores transformações no cenário científico e político sobre o meio ambiente, conforme elencado no item sobre a limpeza urbana através dos tempos. Assim, tais habitantes viram, na sua infância ou juventude, a cidade passar por grandes transformações processuais no aspecto da higiene urbana e tratamento do lixo. É provável que tenham atravessado tais etapas de vida sem qualquer tipo de preocupação relacionado a este tema, sendo para eles uma grande mudança comportamental e de hábitos ter de começar a separar os resíduos dentro de casa já na fase adulta, passando a ser sensibilizados sobre os dejetos que não poderiam mais ser jogados na rua.

É o que ressalta Marco Santos (34 anos): “para mim não é uma coisa natural pensar em separar e reciclar o meu lixo. Na última década penso eu, há um incentivo maior para sensibilizar as pessoas para este tema, mas ainda é um processo. Houve uma melhoria, mas ainda não é uma preocupação constante por parte dos lisboetas ou dos portugueses numa maneira geral”. O engenheiro ambiental André (38 anos) também salienta este esforço na prática cotidiana, mesmo por ele, que teve formação acadêmica focada na área de meio ambiente: “por vezes tenho que me lembrar que a reciclagem é importante para o não aumento de espaço ocupado em aterro desnecessariamente, e também para a tentativa de redução de depreciação de recursos naturais, quando são possíveis de aproveitar os materiais reciclados. Resumindo, preocupo-me, mas sem fundamentalismos nem cegueiras”. É óbvio que não se pode generalizar a situação a todas as pessoas desta idade dentro de espaço geográfico de Lisboa, trata-se, tão-somente, de uma tipificação do processo que pode ser assim esquematicamente sintetizado e analisado.

Outra categoria analisada foi a narrativa dos entrevistados nos diferentes gêneros. Como já referido em nota de rodapé, a pesquisa refletiu sobre os indivíduos transexuais no enquadramento de gêneros, no entanto, não houve uma busca específica por parte desta pesquisadora por estas fontes para responder ao questionário. Ressalta-se ainda que a orientação sexual também não foi fator decisivo na escolha dos pesquisados para responder a entrevista, visto que entende-se que a opinião sobre o tema deste estudo independe da opção sexual dos informantes.

Busca-se, então, verificar se a diferença entre homem e mulher interfere na relação com o lixo e com a limpeza da urbe. Pelo que se pode analisar na tabela a seguir, entre o sexo feminino 57,2% das entrevistadas consideram Lisboa como uma cidade mais suja em comparação com cidades de outros municípios ou países. Já na divisão masculina, apenas 28,6% opinam que a capital de Portugal é mais suja, ou menos cuidada que outros locais. Os relatos permitem associar, a partir destes números, que as mulheres têm uma percepção urbana divergente dos homens ao passo que é possível entender que percebem o lixo no ambiente com mais sagacidade que o sexo masculino.

<b>Grupo de Gênero</b>	<b>Lisboa suja</b>	<b>Lisboa limpa/equilibrado</b>
Feminino	4 (57,2%)	3 (42,8%)
Masculino	2 (28,6%)	5 (71,4%)

Tabela 2 - Grupo de Gênero

Em um último enquadramento dos entrevistados, tem-se a escolaridade. O objetivo deste agrupamento é investigar se em diferentes níveis de instrução educacional há diferenças importantes no quesito lixo e higiene urbana, isto é, correlacionar a formação formal com o comportamento cívico. Convém sublinhar que não foi questionado especificamente o nível de escolaridade de forma a não causar nenhum tipo de constrangimento por parte dos entrevistados. Foi possível perceber se os respondentes tinham ou não cursado o ensino superior após questionar sobre a profissão. Exemplifica-se o caso das três idosas, que indicaram ser aposentadas atualmente, caso de Olinda e Maria Farias, que foram donas de casa e Alice, que contou ter sido dona de bar (comerciante) durante sua vida. Após responderem tais questões, todas informaram não terem frequentado universidades.

Da mesma forma aconteceu com o informático Marco, o assistente operacional Manuel e o motorista Pedro, que não se importaram em aferir que não haviam passado por cursos superiores para exercer suas profissões. No caso de Inês (estudante de mestrado), João Rosário (gestor financeiro), Pedro Pina (jornalista), Ana Lemos (jornalista), Elsa (jornalista), Maria João (pós-graduada em marketing) e André (engenheiro de ambiente), suas profissões exigem formação acadêmica formal para exercício. No caso de Joaquim, que preferiu não informar sua profissão, não foi possível enquadrá-lo em nenhuma das duas divisões de escolaridade. Nota-se que os lisboetas que frequentaram o ensino superior possuem uma percepção “positiva” sobre o assunto lixo e limpeza urbana em Lisboa, visto que 71,4%

afirmaram que a cidade pode ser considerada limpa se comparada com outras localidades, ou pelo menos em pé de igualdade.

Faz-se necessário nomear a opinião das duas pessoas que possuem formação acadêmica e que destacaram Lisboa como um município sujo. Uma foi a visão da jornalista Elsa (30 anos) e a outra foi da estudante de mestrado Inês (24 anos). Ambas citaram a freguesia<sup>17</sup> da Graça como exemplo para criar uma representação simbólica de que a cidade, em sua totalidade é suja. As duas viveram neste local e talvez por esta razão desenvolveram uma percepção urbana que gerou nelas uma identificação negativa com o município de uma maneira geral. “Eu nem gostava de caminhar com meu cachorro pela rua, de tão nojento que as vezes estava (Graça). E não tem relação com a idade dos moradores, ali também vivem muitos jovens e que fazem o mesmo. Onde vivo hoje é o oposto. Em Amadora é impecável. Talvez as pessoas que vivem na Graça tenham um pouco menos de formação, não sei. Acho que essa cultura de individualismo do lisboeta, principalmente o residente da Graça, existe”, afirma a jornalista.

Na mesma medida tem-se a descrição da estudante: “vejo muito lixo pela cidade, por exemplo, na Graça, onde morei por mais de um ano, no largo da graça mais especificamente, onde existem três contentores para o local inteiro, é raro não se ver o lixo transbordar para fora, em finais de semana, feriados, é mesmo nojento”.

Vislumbra-se, portanto, que percepção urbana não tem relação direta com a formação acadêmica dos entrevistados, e sim com o processo que engloba a compreensão da imagem da urbe como fonte de informação sobre a cidade. Ou seja, a imagem simbólica formada por elas processou-se como uma informação de sujidade em uma visão holística do local.

<b>Grupo de escolaridade</b>	<b>Lisboa suja</b>	<b>Lisboa limpa/equilibrado</b>
Sem ensino superior	3 (50%)	3 (50%)
Com ensino superior	2 (28,6%)	5 (71,4%)
Não quis informar	0	1 (100%)

Tabela 3 - Grupo de escolaridade

Para aferir se o lisboeta possui um perfil comportamental definido no que diz respeito à limpeza urbana, foram feitas perguntas direcionadas para o próprio entrevistado no que tange sua conduta pessoal em relação à sua preocupação com a separação de resíduos em casa

<sup>17</sup> No Brasil o termo “freguesia” não é utilizado para este fim. Bairro é o vocábulo brasileiro para se referir a uma delimitação específico dentro do município.

e sua postura diária relativamente ao lixo. Dos 14 lisboetas questionados, oito (57,1%) afirmam separar seus resíduos domésticos de maneira adequada, indicando que possuem lixeiras específicas para lixo orgânico, plásticos, metal e que os vidros despejam nos ecopontos próximos de suas residências. Os outros seis (42,9%) alegam fazer uma separação mínima, como a orgânica de todo o resto. É o caso de Pedro (28 anos) que relata que “agora mais ou menos. Cartões e vidros isso eu não misturo. No mais acaba indo tudo para o mesmo lugar”.

Joaquim (61 anos) destaca que separa “mentalmente sim, se tivesse quintal poderia fazer reciclagem orgânica. ‘Se der, deu, se não der, não deu’, quando eu acho (lixeira) eu ponho o lixo no lugar correto”. Olinda (83 anos) também descreve a separação residual em sua casa: “não necessariamente separo. Tenho apenas um lixo na cozinha onde coloco a sujeira. Mas ali não misturo uma garrafa de azeite, por exemplo. Quando compro uma coisa que vem em caixa, eu separo para colocar na lixeira especial, na rua”.

Tal constatação numérica dos que não separam (42,9%) fica muito próxima da informação indicada pelo entrevistado Manuel, que trabalha como cantoneiro. Segundo o profissional: “eu diria que 50% da população faz reciclagem. As pessoas que não fazem realmente não estão nada preocupadas com o destino do seu resíduo. Vejo sim muito lixo espalhado no chão e muita sujeira”.

Como forma de verificar o perfil comportamental das pessoas que nasceram (vivem em Lisboa há muitas décadas), os entrevistados foram indagados a contar sobre fatos que já presenciaram, com parentes, amigos e desconhecidos, que pudesse ter colaborado negativamente para a limpeza da cidade de Lisboa e se a postura deles poderia ser comparada com a de seus pais e avós sobre o tema.

A intenção é avaliar de que forma o comportamento e os hábitos do lisboeta são afetados pelas suas histórias, tradições culturais ou convenções. Em grande ênfase está a questão dos cigarros e as bitucas (“beata” em português de Portugal), que são citadas pelos entrevistados como seguida e repetidamente jogados no chão. Intenta-se perceber tal “objeto” poderia ilustrar um símbolo de representação coletiva do que é o lixo para o lisboeta, ou seja, este é um signo, uma ideia partilhada pelo grupo (FARIA, 2001) do que é, nos dias atuais, um ato moral inadequado de tal prática. É o caso de Elsa que diz: “como eu fumo, sempre vejo meus amigos colocarem as bitucas de cigarro no chão e isso me incomoda”; do relato de Ana Lemos ao contar sobre as “bitucas de cigarro. Já vi um amigo atirar o maço de tabaco pelo

vidro do carro e o obriguei a voltar para pegar de volta”; do motorista Pedro garantindo que “todos os dias as pessoas fumam e jogam as bitucas no chão, comem uma bala e o papel vai para o chão”; do informático Marco Santos: “todos os dias que estou no trânsito e vejo motoristas jogarem papéis e bitucas de cigarro pela janela do carro. Acredito que isso tem haver também com uma questão de civismo e respeito com o seu próximo. Eu não fumo, mas não sinto que faltam lixeiras espalhadas pela cidade, por isso acho revoltante quando um fumador joga sua bituca no chão, sendo que é algo fácil juntá-lo e depositá-lo num local próprio”; do cantoneiro Manuel ao referir que “não há preocupação com o próximo ou com quem vem limpar. Bitucas de cigarro, por exemplo, mesmo tendo cinzeiros, vai tudo para o chão”; do gestor financeiro João Rosário quando reforça que “a situação mais recorrente entre amigos e familiares é a questão da bituca de cigarro ser jogada no chão”; e do jornalista Pedro Pina “com pessoas mais próximas existe a questão dos cigarros”.

Convém aqui citar a Lei n.º 109/2015, de 26 de agosto<sup>18</sup> como um possível agente “incentivador” de tal prática. Este projeto de lei, muito recente deve-se frisar, traz a questão da proibição do fumo dentro de locais fechados. É inegável que tal esforço da autarquia em prol da saúde dos seus cidadãos é louvável, mas há que se pensar que, no impedimento de fumar no interior de estabelecimentos, a população fumadora o faça do lado de fora, na rua ao ar livre. Como alguns locais não disponibilizam cinzeiros da mesma forma que o fazem dentro do seu comércio, a tendência é que este produto, ao findar, seja destinado incorretamente.

O passado histórico do lixo na cidade de Lisboa foi trazido à tona pela narrativa das duas representantes da terceira idade. No caso de Maria Farias, de 85 anos, ela lembra como funcionava o recolhimento do lixo há mais de 50 anos: “Logo que vim morar aqui, com 15 anos, não havia separação nenhuma de lixo, ia tudo para o mesmo saco. As pessoas colocavam tudo dentro de um balde com tampa, as vezes forravam o recipiente com jornal e era assim que ficava à espera de alguém recolher, em frente às portas. Mesmo desta forma rudimentar, havia menos lixo e um pouco mais de cuidado”. Outro relato é o de Alice, de 83 anos, que nasceu na Graça e foi criada na “província”, regressando à capital assim que casou: “em relação a como meus pais faziam eu não lembro, pois eu era muito criança quando sai de Lisboa. O que eu sei é que há 50 anos atrás o lixo não era recolhido como é hoje. As pessoas

---

18 Artigo 3.º: O disposto no presente capítulo visa estabelecer limitações ao consumo de tabaco em recintos fechados destinados a utilização coletiva de forma a garantir a proteção da exposição ao fumo ambiental do tabaco. Disponível na Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa em: [http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei\\_mostra\\_articulado.php?tabela=leis&nid=2490&pagina=1&ficha=1](http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?tabela=leis&nid=2490&pagina=1&ficha=1)

colocavam as sujeiras em um saquinho (que custava dinheiro) ou num balde e deixava na frente da porta e vinha alguém buscar, até às 8:00 da manhã. Não existiam as lixeiras”.

O cantoneiro Manuel, de 59 anos, destaca que “antigamente havia as chamadas montureiras, ou seja, as pessoas apenas acumulavam tudo nas ruas e depois vinha o caminhão e recolhia. O problema é que havia o problema de ratos e insetos. Naquela altura, as condições não eram boas. Hoje existem processos e fábricas de reciclagem e incineração, o que facilita e melhora a qualidade de vida dos habitantes”. Contrariamente ao que se poderia pensar, as pessoas que tiveram de alterar seu comportamento e hábito frente às mudanças ocorridas nos processos de limpeza da urbe no município não demonstraram qualquer dificuldade ou contestação para adaptação. Maria Farias inclusive afirmou que desde que começou a ouvir falar em reciclagem passou a fazê-lo em sua residência. Olinda, mesmo alegando não separar de maneira exemplar, afirma que toma alguns cuidados que antes não tinha, como não misturar o vidro e o papel cartão com o lixo orgânico, e que “tudo que aprendi sobre separação de lixo foi vendo televisão”. A jornalista Ana Lemos corrobora esta situação, quando anuncia que sua avó “com 80 anos mudou seus hábitos por iniciativa própria e passou a separar o lixo. Ninguém precisou dizer-lhe nada e por acaso nem sei como foi que ela começou a ter atenção para isso, se foi conversa entre amigos, ou na televisão. Houve uma vez que estava comendo um iogurte, e ela me pediu: ‘coloca no outro lixo, o para plástico’, achando que eu não sabia e estava tentando me ensinar também”. A assistente de marketing Maria João também traz como exemplo a importância da terceira idade na mudança de hábitos de higiene na sua família “foram as minhas duas avós que mais me educaram para a reciclagem. Uma, vindo de Tomar e com poucos estudos, e a outra, lisboeta e que terminou a escola formal. A opinião das duas era a mesma e elas absorveram bem o que aprenderam sobre a separação na época que o assunto passou a ser debatido”.

Abre-se um parenteses neste momento para realçar a importância da história na produção ou transformação de representações culturais para uma população. Se num período cronológico de décadas passadas era “comum” e “natural” encontrar os mais diversos dejetos no chão, como restos de comida, cigarro, fezes de animais (cachorros-animais domésticos, cavalos-coches ou carruagens), refugos de feiras como escamas de peixe, restos de galinha, lebre, entre outros, atualmente tais valores atribuídos para estes resíduos são de sujidade, contaminação, desrespeito com o próximo e falta de civismo. É o que nos traz à luz Hall (2003, p. 131) ao se referir as rupturas significativas

em que velhas correntes de pensamentos são rompidas, velhas constelações deslocadas, e elementos novos e velhos são reagrupados ao redor de uma nova gama de premissas e temas. (...) Tais mudanças de perspectiva refletem não só os resultados do próprio trabalho intelectual, mas também a maneira como os desenvolvimentos e as verdadeiras transformações históricas são apropriados no pensamento e fornecem ao Pensamento, não sua garantia de “correção”, mas suas orientações fundamentais, suas condições de existência.”

Considera-se justificável grifar a percepção do entrevistado Joaquim, quando explica tal fenômeno em suas próprias palavras: “o tempo e as culturas mudam. Esse lixo de hoje era uma novidade para os mais antigos. Porém, também penso que o que é considerado bom no contexto atual, pode ser visto como mal para gerações futuras. A ciência ajuda com isso”.

Deslocando um pouco a perspectiva da análise da narrativa dos entrevistados sob o enfoque histórico-pessoal, passa-se para a apreciação informacional que faz referência à percepção do lisboeta para com as pessoas que trabalham com o lixo, ou os cantoneiros de limpeza. Questionados sobre o que pensam sobre os indivíduos que desempenham a função de limpar, recolher e lavar a cidade, a palavra que sobressaiu-se pelos informantes foi o “**respeito**” para com o que denominam ser “um trabalho como outro qualquer”. No entanto, cabe debruçar-nos sobre a questão com mais afinco devido à sua significância para esta pesquisa acadêmica, a fim de observar mais detidamente o processo narrativo dos entrevistados e traçar uma análise cultural expressiva desta correlação, pois conforme nos indica Hall (2003, p. 136), a análise da cultura é “uma tentativa de descobrir a natureza da organização que forma o complexo desses relacionamentos”.

Indagados sobre o que pensam das pessoas que trabalham com o lixo, os informantes descreveram a profissão das seguintes maneiras: Joaquim (61 anos) - “É um trabalho pesado, mal remunerado”; Ana Lemos (31 anos) - “É um trabalho muito **relevante** e que por vezes não damos muito valor ou por não ser visível, mas admito que não gostaria de o fazer”; Elsa (30 anos) - “Respeito o que fazem, pois faça chuva ou faça sol eles tem de trabalhar e mexer com os resíduos das outras pessoas; **não é mesmo uma tarefa fácil**”; Alice (86 anos) - “**Coitados**, são operários mal pagos e se sacrificam muito. Claro que tem que haver quem faça, mas as vezes são pessoas que tiveram **pouca oportunidade** e aceitam qualquer coisa”; Olinda (83 anos) - “Acho que é uma profissão como outra qualquer. Acho que merecem ser bem pagos, pois **apanham tanta sujeira**”; Maria Farias (85 anos) - “Tem o meu apreço, pois limpam o que os outros sujaram. Mas tem que haver o trabalhador para isso também. **Nem todo**

**mundo pode estudar**, nem todo mundo tem emprego, e por isso o lixo é uma opção”; Pedro (28 anos) – “Há **falta de respeito** com estas pessoas”; Inês (24 anos) – “Não acredito que seja fácil, mas tem que haver quem faça. Penso que alguns deles podem ser **ex-presidiários**, e talvez por isso só consigam esse tipo de emprego, pessoas talvez **sem estudo**. Não que isso seja um problema, mas que talvez não tiveram outras oportunidades. Algumas vezes eles podem sentir-se **humilhados**, pois os cidadãos enxergam o trabalhador como alguém que está ali para servir, para cuidar mesmo do lixo e por isso eles ganham”; Maria João (34 anos) – “Acho que devia ser mais respeitada. Para mim são normais e talvez **não tenham muito de estudo**”; Manuel (59 anos) – “Não possuem infraestrutura necessária por parte da Câmara para executar bem seu serviço, a cidade cresceu muito e o turismo se desenvolve aceleradamente e não há pessoal necessário para fazer a recolha”; João Rosário (26 anos) – “As pessoas que trabalham com o lixo, ao meu entendimento, tem um dos trabalhos mais **importantes da sociedade**, pois o lixo é causa de doenças e desorganização”; Pedro Pina (28 anos) – “Acho que existe com essa carreira uma **associação**, por parte da sociedade portuguesa, de que é uma profissão **complicada**, por que tem **mau cheiro**, mas já vi que existe uma boa organização por parte deste sistema de recolha”; André (38 anos) – “Considero um trabalho como outro qualquer”.

Faz-se questão de destacar algumas palavras com o objetivo de tornar mais clara a identificação de algumas características, e até estigmas, embbedidos nas percepções dos entrevistados. Começamos pela expressão “coitado”, que efetuando uma busca breve em qualquer dicionário da língua portuguesa remeterá ao significado de pena ou compaixão.

Mas qual seria o real e subjetivo significado de esta informante ter utilizado esta palavra para descrever este trabalhador? Qual seria a razão de um sentimento abstrato de “pena” por um funcionário que é mensalmente remunerado e enquadra-se nas leis trabalhistas do país, que possui uma jornada de trabalho diária equiparada a de outros profissionais, de pessoas que são saudáveis, na medida que passam por exames médicos constantes por parte dos seus empregadores para garantir que gozem de boa saúde para o trabalho físico que desempenham rotineiramente? Em resumo, porque pensar neste cidadão, que possui todos os atributos morais e legais e segue os mesmos padrões cívicos impostos pela sociedade, como coitado?

Acredita-se que tal significado imaginário tenha importante ligação com o contexto histórico da profissão. Especificamente na cidade de Lisboa, conforme foi apresentado no decorrer desta pesquisa, com o sucesso das viagens marítimas ocorridas no período

quinhentista, Fonseca (2010) ressalta que eram os escravos que efetuavam os serviços de limpeza da cidade. Eram estas pessoas que executam os trabalhos mais braçais e pesados, ou o que a população local não queria realizar. Percebe-se que este passado histórico ainda não foi socialmente esquecido e tal representação simbólica permanece vívida nas representações coletivas dos lisboetas.

A falta de estudo/formação escolar e profissional é também apontada para alguns dos informantes como um dos fatores determinantes para caracterizar e enquadrar uma pessoa no universo da limpeza urbana. Ressalta-se aqui que esta também é uma representação simbólica internalizada nesta população, que provavelmente pode ocorrer por desconhecimento sobre os padrões de contratação destes funcionários atualmente, que exigem muitas vezes educação formal. Assinalam ainda que optar pela profissão de “senhor do lixo” decorre de uma possível falta de opção ou de oportunidades de algo “melhor”, informação esta que é refutada pelo entrevistado Manuel, que contou ter realizado concurso público, há dez anos, para se tornar cantoneiro. Ele, que relatou ter sido gráfico por muito tempo, escolheu entrar para profissão pela estabilidade profissional e como forma de garantir uma aposentadoria segura.

Portanto, estas percepções sociais sobre o lixo, a limpeza urbana e os cantoneiros, ou melhor, as condutas psicológicas por meio do qual o indivíduo organiza as suas sensações e toma conhecimento do real, podem vir carregadas de preconceito, logo, ideias formadas sem grandes fundamentos. Quanto ao preconceito, é necessário compreender que o trabalho dos cantoneiros não fica muito longe de uma valoração social relacionada ao elemento central da atividade, o lixo. Produto do descarte e destinado à inutilidade (a exceção de material reciclado), o lixo é maioritariamente associado à sujeira, aos expurgos da sociedade de consumo.

São estas exatamente as descrições fornecidas pelos lisboetas entrevistados quando referem o lixo como: “o excesso” na visão de Joaquim (61 anos), “a sujeira” no entender da jornalista Elsa (30 anos), “a sujeira” como interpreta Alice (86 anos) e Olinda (83 anos), “o que não queremos” na descrição de Maria (85 anos), e para João Rosário (26 anos) o lixo é tudo “o ser humano não precisa mais utilizar na sua rotina”. É o que faz lembrar Bauman (2005, p. 76) quando esclarece sobre as “delícias” da vida do consumidor. “É nisto que consiste o consumismo – e ele decerto não inclui o desempenho de tarefas sujas, cansativas, aborrecidas, ou apenas desinteressantes, ‘sem alegria’”.

A intenção em perguntar sobre o que os informantes entendiam por lixo, não era buscar uma definição formal, mas sim como os participantes percebiam o assunto. Foi possível registrar que, se por um lado, alguns entrevistados listavam palavras que faziam alusão ao lixo, de outro, muitos procuravam formular estabelecimento conceitual. O lixo é percebido pela maioria como algo sem mais utilidade, uma sobra, aquilo que as pessoas querem se desfazer, geralmente, vinculado à sujeira, imundície, sujidade e ao mau cheiro. Foi possível ainda observar, além da narrativa dos entrevistados, que ao pronunciar a palavra lixo, a maior parte dos lisboetas deixava transparecer, pela expressão facial, um sentimento de repúdio e reprovação. Confirmou-se, então, que o lixo é percebido como algo ruim, em outros termos, uma reprodução simbólica e cultural negativa.

Indubitavelmente há que se notabilizar a existência de elementos simbólicos, como os uniformes empoeirados, as mãos sujas, a pele marcada dos mais velhos na profissão por terem de trabalhar durante a noite e aguentar o mau cheiro diário. Todos estes elementos ajudam a compor um quadro sobre o trabalho de limpeza urbana que repercute diretamente na representação individual e coletiva dos seus trabalhadores.

É de se reforçar o tratamento dado pela população lisboeta ao cantoneiro de limpeza. Nas narrativas trazidas por 57,1 % dos entrevistados, esses funcionários do município não são bem tratados. Para Joaquim, de 59 anos e que informa fazer trabalho de biscate na Feira da Ladra, “o lixo é o que fica para trás deles, ou seja, tudo que envolve o ‘resto’ é visto como mal, ‘pobres do lixo’, assim são tratadas essas pessoas”. Na ressalva de Elsa, de 30 anos, os cantoneiros “talvez não sejam valorizados e sejam vistos até com certo preconceito, as pessoas podem olhar para esta profissão como algo menor”. A estudante Inês, de 24 anos, opina que “algumas pessoas ignoram o trabalhador que está na rua, como se ele fosse inferior. O informático Marco, de 34 anos, reflete sobre a “invisibilidade” da profissão: “acredito que não dão o devido valor, mas isso é uma visão geral e não só lisboetas. Quando vives uma forma automatizada, sabendo que todos os dias haverá alguém para recolher seu lixo, lavar as ruas, a valorização acaba por não ocorrer e sim quando há a falta destes serviços”, da mesma forma complementa a opinião a assistente de marketing Maria João, de 34 anos, quando afirma que as pessoas que trabalham com o lixo “são invisíveis para as pessoas. Penso que há pessoas que enxergam a profissão como algo depreciativo”.

Dado precioso vem do cantoneiro Manuel, de 59 anos, que descreve com primor e riqueza de detalhes exatamente o que vive um trabalhador desta área na cidade de Lisboa:

A população nos trata muito mal, não tem respeito por este trabalhador, chamam-nos por palavrões, jogam sacos de lixo nos funcionários, jogam água pela janela durante a madrugada pelo barulho que o caminhão faz. É um trabalho arriscado não só pela saúde já que corremos riscos de cortes com objetos quebrados, pegarmos alguma doença ao tocarmos acidentalmente em seringas e objetos infectados, mas também pela segurança, pois temos também que passar por locais problemáticos que podem trazer riscos para os trabalhadores, onde há drogas e pessoas violentas. Ou seja, todo o tipo de maus tratos que sofremos precisamos nos calar, já que a instituição para a qual trabalhamos não quer que tenhamos problemas com a população (ANEXO 11).

Ainda sobre esta questão avalia-se útil destacar o ponto de vista do jornalista Pedro Pina (28 anos), sobre a representação simbólica do lixo em reflexo na profissão de cantoneiro de limpeza:

Acho que a sociedade portuguesa vê isso como uma profissão normal, no entanto acho que as pessoas pouco notam a presença e o trabalho deles. Acho que é um de trabalho silencioso, ou seja, as pessoas só notam quando há a falta deles, com as greves e etc. Não me parece que seja por mal. É mesmo uma valorização e agradecimento silencioso realmente por parte da população. Acho que há uma certa ignorância por entender o processo, como o lixo é tratado e transformado. Ou seja, pode ser questão de desconhecimento e por isso gera pouco reconhecimento. Talvez também tenha alguma relação com a questão econômica, portanto, as pessoas sabem que não é uma profissão que se ganha bem, não há *glamour* algum pelo fato de andarem sempre sujos e lidando com a sujeira e mal cheiro. Pensando por este lado, não é fácil transformá-los em heróis do futebol, ou astros de novela. Em suma, respeita-se, mas não posso defender por exemplo, que um pai de família tradicional aceitaria ou veria com muito bons olhos que a sua filha namore ou se relacione com alguém que tenha essa profissão. Isso é algo muito português, essa questão mais retrógrada, mas não ofensiva (ANEXO 13).

Na declaração do informante é possível efetuar alguns recortes que podem clarificar alguns pontos fundamentais sobre as representações culturais enraizadas no contexto português e, em ênfase, no cenário lisboeta. É possível identificar algumas narrativas da nação no que Pedro diz, e tais ligam o indivíduo ao horizonte mais amplo dos acontecimentos históricos, conforme esclarece Hall (2005). O autor nos apresenta que a narrativa da cultura nacional é contada na mídia. Após dois anos vivendo em Lisboa, esta pesquisadora aprendeu que há dois grandes times de futebol na cidade, o Sport Lisboa e Benfica (1904) e o Sporting Club de Portugal (1906). Com mais de um século de história, estes clubes futebolísticos ultrapassam suas linhas geográficas e fazem deste esporte uma paixão nacional. Diariamente os jornais locais, impressos, televisivos e virtuais trazem não só informações referentes aos

jogos e resultados, mas sobre a vida íntima dos seus jogadores, que ganham salários infinitamente acima da média do país. Todos os aspectos esportivos são mediatizado para os lisboetas e portugueses, mas não só. Seus carros e mansões, contratos milionários, luxos e exorbitâncias são frequentemente compartilhados pela mídia local, criando uma percepção simbólica coletiva de que esta profissão é economicamente rentável e socialmente desejável.

Em relação aos atores e atrizes da teledramaturgia portuguesa, a fama, a exaltação estética e o fascínio também são retratados constantemente pela mídia. A narrativa da nação é contada através destas representações simbólicas e, assim como o futebol, criam no imaginário desta sociedade a idealização de carreiras. É neste momento que trazemos uma primeira reflexão do entrevistado, quando diz que a questão econômica influi contundentemente na construção de uma percepção por parte dos lisboetas em relação ao cantoneiro de limpeza em uma consequente não valorização profissional: “as pessoas sabem que não é uma profissão que se ganha bem, não há *glamour* algum pelo fato de andarem sempre sujos e lidando com a sujeira e mal cheiro. Pensando por este lado, não é fácil transformá-los em heróis do futebol, ou astros de novela”.

Como segundo ponto a ser esmiuçado na fala do entrevistado, aponta-se o desconhecimento pela profissão. Previamente esclarecido no capítulo 4, a percepção de um indivíduo é construída a partir do momento em que o sujeito se aproxima de um objeto e, geralmente, só é sensível ao que lhe interessa diretamente ou que tenha significado para ele. Desta maneira, uma pessoa só poderá elaborar uma ideia sobre algo, inclusive sobre um cenário negativo urbano, quando receber informações a respeito daquilo. Se o lisboeta não recebe dados satisfatórios sobre os processos pelos quais passam seus resíduos após o descarte (sistema de limpeza urbana e reciclagem), ou como os trabalhadores desta área são bem preparados e treinados para exercer suas funções, ou ainda como seus hábitos e comportamentos afetam direta e indiretamente na organização do município, como poderão ser sensíveis ao tema de forma a mudarem seus comportamentos e hábitos?

Alguns informantes destacam este ponto quando questionados se acreditam que o assunto “lixo” é debatido nas escolas, na mídia e pelo governo. Em outras palavras, se a população recebe conhecimento adequado sobre a questão. Para o cantoneiro Manuel, de 59 anos, “existem discussões e convenções dentro da Câmara, mas na prática não vejo muito. Os cidadãos receberam as informações, mas penso que já esqueceram, pois não fazem tanto”. A estudante de mestrado Inês, de 24 anos, corrobora com a visão do funcionário da Câmara,

pois esclarece que, ao seu entendimento, “acho que existiu a fase da reciclagem, que foi bastante debatida, com muitas campanhas publicitárias, nos *outdoors*, mas acho que tudo isso foi um pouco esquecido”. A jornalista Ana, de 31 anos, opina que existe uma carência de informação já que para ela: “a reciclagem, neste momento está esquecida pela grande mídia. A menos que ocorra outra greve dos trabalhadores da limpeza urbana, o tema poderia voltar a ser debatido”. A partir da análise deste aspecto, percebe-se que, possivelmente, uma das razões pelas quais o lisboeta não seja suficientemente sensível ao tema lixo seja em decorrência de uma insuficiência de informação a respeito do assunto.

Os dados coletados pelas pesquisas realizadas com os quatorze informantes, que passaram pelas diversas questões que foram elencadas na busca por percepções e narrativas por parte dos lisboetas investigados, ensejam uma análise de informações extremamente rica para os objetivos deste trabalho. Seria impraticável, no entanto, para esta pesquisadora desconstruir, em sua totalidade, os conhecimentos subjetivos narrados por parte de cada entrevistado, de formas que buscou-se trazer à luz as mensagens mais relevantes para elucidar as hipóteses elencadas.

## 7 CONCLUSÕES

A globalização acarreta um movimento de afastamento da ideia de que a sociedade é um sistema bem delimitado para migrar para um entendimento que as distâncias temporais e espaciais tornam-se cada vez mais inexistentes na organização da vida social, econômica, política e cultural das sociedades. Atualmente instaura-se uma sociedade do consumo, em decorrência dos avanços cada vez mais acelerados das tecnologias e da ciência e, como foi conceitualizado por Bauman (2007), estamos no período da “modernidade líquida”. Comparação feita com o líquido devido a solubiabilidade das atuações dos atores sociais, que alteram-se com tanta frequência que não é possível solidificar comportamentos ou permanecer no curso de suas ações por muito tempo. Esta nova maneira de existir, repleta de reinícios, incentiva o descarte indolor e irracional do ser humano, resultando em uma “sociedade do excesso e da fartura”, com mais e mais lixo.

Não se pode, porém, identificar o lixo como um tema recente da humanidade, uma vez que é produzido nas mais simples práticas do ser humano, como a alimentação, ou pelo próprio corpo, já que em sua forma biológica, gera dejetos. O ato de se desfazer das coisas que perturbam ou atrapalham o desenvolvimento humano já ocorre de longa data. Foram as preocupações em relação a este propósito que precisaram evoluir, ao mesmo passo que os povos habitantes do nosso planeta, em outras épocas, criavam processos e dispositivos que acarretaram no progresso da humanidade até chegar onde se encontra hoje.

Foi quando a raça humana migrou do campo para a cidade que a questão lixo ficou latente. As novas organizações sociais culminaram em mudanças nas noções de higiene uma vez que os aspectos estéticos e sensoriais tornaram-se presentes no cotidiano, como o mau cheiro dos excrementos humanos e animais em delimitações geográficas menores. O convívio em comunidade trouxe à superfície as pestes e as enfermidades e obrigou as recentes comunidades a formularem regras para melhorar a qualidade de vida humana.

Em Lisboa não foi diferente. Na sua história, marcada por conquistas muçulmanas e cristãs, a limpeza urbana já era debatida no período quinhentista. No recorte histórico da capital portuguesa, maior atenção deve ser dada para o terremoto de 1755, que fez com que Lisboa fosse reerguida para se tornar a primeira cidade europeia a urbanizar-se de acordo com um modelo racionalista do iluminismo. Os descobrimentos também são marcos importantes,

pois o comportamento da cidade em relação ao lixo fundamenta-se nestas ações históricas, no sentido de ter dado aos negros escravos o papel de “lixeiros urbanos”.

A preocupação com o meio ambiente começou a ganhar reconhecimento ao redor do mundo nas décadas de 1960 e 1970 com as discussões iniciadas pelo Clube de Roma, sobre os impactos que os sistemas industriais estavam causando à natureza. Deu o pontapé inicial para as conferências mundiais sobre sustentabilidade e formulação de legislação específica para tentar frear as consequências negativas da globalização sobre os recursos naturais. Acompanhando as crescentes preocupações mundiais com o meio ambiente, a correta gestão de resíduos ganhou forma de lei em Lisboa pelo Decreto-Lei n.º 239/97.

Ao falar de pessoas inseridas em um grupo profissional, refere-se a uma parcela da população, que, por sua vez, está enquadrada em uma sociedade. Viver em sociedade significar fazer parte de uma cultura. Como já explicitado, emprega-se, como preferência, o conceito de cultura para se referir à textura de uma sociedade, e a organização das práticas sociais por meio da linguagem, de símbolos, de significados, de crenças e valores.

Sobre a identidade cultural dos habitantes de Lisboa verificou-se algumas características específicas para enquadrar uma pessoa como lisboeta: modo de falar, a receptividade para com os estrangeiros e turistas, a valorização das tradições religiosas em especial as festas populares, como os santos populares e as romarias, maior tolerância com as diversidades se comparado ao jeito conservador de outras regiões do país e a maneira de ser mais despreocupada. Alguns pontos negativos também foram elencados, como o pessimismo e o descrédito com o que é desconhecido, e certo egoísmo no sentido de pensar mais em si próprio do que com o coletivo. Sabe-se que tais atributos podem ser encarados como estereótipos, mas não deixam de constituir expressivas representações culturais.

Como Hall (2005) elucidou, uma nação é “um sistema de representação cultural” e as culturais nacionais são compostas por símbolos e representações, que quando fazem sentido para um indivíduo, corroboram para a criação de uma identidade. Os discursos da cultura da nação acontecem pela literatura, mídia, imagens, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou representam as experiências partilhadas. Em Lisboa, o futebol e as telenovelas têm uma carga simbólica muito forte na formação do imaginário da sua população. As representações culturais coletivas sobre certas profissões foram trazidas pelos informantes da pesquisa, quando reconhecem o cantoneiro de limpeza como alguém que

escolheu esta carreira por “falta de estudo” ou por não ter conseguido “algo melhor”. Há uma “desvalorização silenciosa” para com este trabalhador, uma vez que seu trabalho é entendido como algo que não é economicamente rentável ou socialmente desejável, quando o oposto ocorre no caso dos jogadores e dos atores e atrizes.

Na tentativa de verificar se a diferença entre gêneros interfere na percepção sobre o lixo e com a limpeza da urbe, notou-se que entre as mulheres não existe um consenso sobre se Lisboa é mais limpa ou mais suja, sendo estabelecido que 57,2% das informantes do sexo feminino consideram o município sujo e 42,8% acreditam estar limpa ou equilibrada em comparação com outras localidades. Já no quadro masculino houve uma diferença expressiva em relação a percepção ambiental dos entrevistados sobre o lixo na capital de Portugal. Foram apenas 28,6% enxergando Lisboa como suja e 71,4% pensando ser limpa ou equilibrada se comparada a outra cidade. Pode-se esclarecer, por isso, que os lisboetas homens percebem a cidade de uma forma mais positiva do que as mulheres, em termos de sujeidade e limpeza urbana.

Os informantes foram também analisados sob o nível de escolaridade. O objetivo de agrupar neste segmento buscava investigar se em diferentes níveis de instrução educacional há diferenças importantes na interpretação do lixo e higiene urbana em Lisboa, isto é, correlacionar a formação formal com o comportamento cívico. Visualiza-se, portanto, que das pessoas sem formação formal, ou seja, sem concluir o ensino médio (secundário em Portugal), graduação, mestrado, entre outros, estes percebem a cidade de Lisboa tanto como suja (50%), como sendo limpa ou equilibrada (50%) em relação a outro local. No caso dos que possuem tal nível de instrução, a tendência é ter uma percepção urbana mais positivista sobre o lixo na cidade, somando 71,4% dos informantes considerando o município limpo. No entanto, destaca-se ainda que mesmo pessoas com nível superior concluído tendem a ver Lisboa como suja, denotando que a vivência experiencial do indivíduo é fator mais determinante que a instrução formal. Portanto, a percepção urbana não pode ser considerada como tendo relação direta com a formação acadêmica dos lisboetas, e sim com o processo que engloba a compreensão da imagem da urbe como fonte de informação sobre a cidade, e por isso, dos seus fragmentos, como o caso do lixo.

A idade também foi utilizada como fator aglutinador de informantes, da mesma forma que anteriormente, pois procurava identificar eventuais mudanças de percepção em relação à limpeza da urbe e o lixo em resultado das diferentes épocas históricas vividas pelos

pesquisados. Entre os jovens, 60% dos entrevistados pensam que a cidade de Lisboa é mais suja se comparada a outras cidades/países, já os outros 40% acreditam que a capital portuguesa não pode ser considerada uma cidade suja. Na faixa dos adultos, ou seja, dos lisboetas com idade entre os 31 até os 60 anos, a totalidade dos sujeitos entrevistados acredita que o município não pode ser considerado sujo, se for nivelado com outras localidades. No grupo dos idosos, pessoas com mais de 61 anos, 75% dos entrevistados enxergam a cidade como mais suja que outras localidades ou do que já foi há anos atrás, Entende-se que em termos de faixas etárias, a maior discrepância consiste na visão dos lisboetas com mais de 30 anos e menos de 60. Acredita-se que tal fenômeno possa ser o resultado de um período de transitividade pelo qual passaram as pessoas que cresceram nas décadas de 60 e 70 (coincidindo com o período de o início das conferências ambientais mundiais). Assim, tais habitantes viram a cidade passar por grandes transformações processuais no aspecto da limpeza urbana e tratamento do lixo. É provável que tenham atravessado a infância e a juventude sem qualquer tipo de preocupação relacionada a este tema, sendo para eles uma grande mudança comportamental e de hábitos ter de começar a separar os resíduos domésticos, passando a ser sensibilizados sobre os dejetos que não poderiam mais ser jogados na rua somente na fase adulta.

A percepção é um processo psicológico complexo, de “traduções e reconstruções cerebrais com base em estímulos ou sinais captados e codificados pelos sentidos” e é influenciada por valores, emoções, objetivos, expectativas e outros estados mentais de cada pessoa. Sobre a percepção ambiental, é de fundamental importância que o ser humano percepcione seu ambiente, pois isso desperta sua sensibilização em relação às realidades ambientais, propicia o alcance de diferentes níveis de conscientização sobre o meio ambiente e incita ações relativas à conservação dos recursos naturais. No ambiente citadino, a percepção urbana é a “prática cultural que concretiza certa compreensão da cidade”. Cada cidadão percebe Lisboa de pontos de vista e de experiências individuais, e recebe dela informações que lhe fazem agir culturalmente. Além disso, conforme Macedo (2000) indicou, a percepção ambiental depende ainda do nível de conhecimento acerca da natureza. Justamente por variar de pessoa para pessoa, e de depender de graus de consciência, as percepções ambientais e urbanas tendem a mudar, e com elas, os comportamentos e hábitos frente a aspectos específicos, como o lixo, objeto desta investigação.

Na intenção de avaliar de que forma o comportamento e os hábitos do lisboeta são afetados pela sua história, tradições culturais ou convenções, chegou-se na questão dos

cigarros e as bitucas (“beata” em português de Portugal), que são citadas pelos entrevistados como seguida e repetidamente jogados no chão, independentemente da idade, gênero, escolaridade ou classe social. Intenta-se perceber que tal “objeto” poderia ilustrar um símbolo de representação coletiva do que é o lixo para o lisboeta, ou seja, este é um signo, uma ideia partilhada pelo grupo (FARIA, 2001) do que é, nos dias atuais, um ato moral e comportamental inadequado de tal prática.

Ressalta-se a importância da história na produção ou transformação de representações culturais coletivas (as crenças religiosas, os valores morais, os símbolos e as ideias partilhadas pelo grupo), pois se num período cronológico de décadas passadas era “comum” e “natural” encontrar os mais diversos dejetos no chão, como restos de comida, cigarro, fezes de animais (cachorros e gatos como animais domésticos, e cavalos e bois usados como puxadores de carros, coches ou carruagens), refugos de feiras como escamas de peixe, restos de galinha, lebre, entre outros, atualmente tais valores atribuídos para estes resíduos são de sujidade, contaminação, desrespeito com o próximo e falta de civismo.

Em relação à percepção dos lisboetas sobre o trabalhador da limpeza urbana, muitos deles, mesmo afirmando ter respeito pela profissão, transparecem alguns detalhes subjetivos que acarretam em uma desvalorização e certo preconceito sobre esta carreira. É o caso de identificar este funcionário como “coitado”, ou como alguém que trabalha nisso por não ter tido mais oportunidades. Acredita-se que tal significado imaginário tenha importante ligação com o contexto histórico da profissão. Especificamente na cidade de Lisboa, conforme foi apresentado no decorrer desta pesquisa, com o sucesso das viagens marítimas ocorridas no período quinhentista, Fonseca (2010) ressalta que eram os escravos que efetuavam os serviços de limpeza da cidade. Eram estas pessoas que executam os trabalhos mais braçais e pesados, ou o que a população local não queria realizar. Percebe-se que este passado histórico ainda não foi socialmente esquecido e tal representação simbólica permanece vívida nas percepções coletivas dos lisboetas. Quanto ao preconceito, é preciso compreender que a atividade dos cantoneiros não fica muito longe de uma valorização social relacionada ao elemento central da atividade, o lixo. Produto do descarte e destinado à inutilidade, o lixo é fundamentalmente associado à sujeira e aos expurgos da sociedade de consumo. Há que se salientar a existência de elementos simbólicos, como os uniformes empoeirados, as mãos sujas, a pele marcada dos mais velhos na profissão por terem de trabalhar durante a noite e aguentar o mau cheiro diário. Todos estes signos ajudam a compor um quadro sobre o trabalho de limpeza urbana que repercute diretamente na representação individual e coletiva dos seus trabalhadores.

Buscando ainda responder a outro dos objetivos traçados por esta pesquisa, que visavam perceber uma cultura nacional em relação ao lixo, seguiu-se o que Hall (2002) defende sobre as narrativas da cultura nacional. Identificou-se a questão do futebol e das telenovelas reproduzidos midiaticamente pela televisão, rádio, jornais e internet, representações culturais bastante enraizadas nos lisboetas e no povo português. Foi fazendo esta relação comparativa que se descobriu o antagonismo que a profissão de cantoneiro de limpeza urbana produz no imaginário desta sociedade. Se a fama, o *status* social e a rentabilidade financeira são vistos como resultados positivos destas carreiras, sendo objetos de desejo e aceitação social, o mau cheiro e a sujidade são fatores de exclusão e subvalorização por parte desta população. A questão econômica, segundo um dos informantes, influi contundentemente na construção de uma percepção por parte dos lisboetas em relação a este funcionário em uma consequente não valorização profissional, ou como identificado em outras narrativas dos entrevistados, uma “valorização silenciosa”.

Conforme foi elencado no início deste trabalho e que foi fator motivador, Portugal estava atrás de países vizinhos da União Europeia, e dentro do contexto português Lisboa tinha dados piores sobre a captação de resíduo municipal. Cabe, no entanto, ressaltar que os avanços também ocorrem, mesmo que em passos um pouco mais lentos que as outras nações, informação que é baseada na coleta seletiva de resíduos, ou seja, da reciclagem. Em 2002 eram apenas 38,1 kg de resíduos recolhidos seletivamente por pessoa/ano na cidade de Lisboa. Doze anos depois, em 2014, os números já haviam praticamente triplicado, alcançando os 112,4 quilos por habitante/ano. É também relevante destacar que as campanhas incentivadoras por parte do governo para que sua população separe seus resíduos como forma de minimizar os impactos negativos causados ao meio ambiente foram exitosas, uma vez que os próprios números apresentam a melhoria. Porém, ainda de acordo com as informações trazidas pelos lisboetas entrevistados, é preciso que a autarquia não cesse seus esforços a este propósito, uma vez que o grupo identificou que atualmente o assunto não é mais tão amplamente debatido e divulgado, tanto em materiais educativos governamentais, como na própria mídia.

O conhecimento é fator crucial na percepção do ser humano, e para que seja sensível a um certo tema, como o lixo e os impactos negativos que isto pode trazer para os recursos naturais (água, ar, terra), é preciso que seja abastecido constantemente por informações, a fim de tomar consciência ecológica e poder mudar seus padrões de comportamento previamente estabelecidos pela sua história, experiência, valores e interesses. O mesmo poderia ser feito

em relação aos trabalhadores da limpeza urbana, pois quanto mais a população souber da importância deste serviço e como a sua atitude pessoal pode de fato melhorar ou piorar este processo, quais são e como ocorrem as etapas que envolvem a coleta seletiva e como isto pode resultar objetivamente na melhoria da qualidade da sua vida (na despoluição de recursos hídricos, do solo e do ar), é possível alterar o imaginário dos sujeitos sobre a profissão, transformando uma subvalorização em um reconhecimento social.

Frequentemente esquecidas ou ocultadas, as dificuldades encontradas no percurso das investigações não são evidenciadas dentro do desígnio da metodologia. Destaca-se que é deveras valoroso ressaltar as limitações do presente estudo, visto que os obstáculos acadêmicos fazem parte do processo de concepção da pesquisa e protagoniza a construção e a maturidade do conhecimento. Desta forma afirma-se que a limitação de tempo foi um fator crucial na elaboração deste estudo, posto que a intenção inicial era de vislumbrar narrativas sob dois enfoques a respeito da relação entre lisboetas e o lixo. A primeira objetivava correlacionar o habitante de Lisboa com os seus resíduos, através do resgate histórico e das relações socioculturais com o tema limpeza urbana. A segunda parte vislumbrava captar a visão por parte dos trabalhadores desta área, além de identificar como os profissionais da limpeza urbana do município se sentiam em relação ao tratamento dado pelas pessoas, o que se prende com a questão da valorização ou não de sua profissão por parte dos alfacinhas. Todavia, adentrar nas questões burocráticas dos órgãos públicos que fazem a gestão destes operários foi uma barreira complexa de ser transpassada. Após algumas tentativas de contato, a repartição mostrou-se acessível para disponibilizar acesso a materiais bibliográficos e históricos em relação aos seus resíduos e a limpeza urbana, e respondeu a mensagens de correio eletrônico com questões pertinentes a informações recentes, todavia, a tentativa de entrevistar profissionais foi descartada, em razão do limite temporal da pesquisa, sendo necessário a alteração do trajeto e permanência somente da primeira opção.

Concluimos este diálogo afirmando que o lisboeta é um povo que tem orgulho de suas origens históricas e tradicionais, é receptivo com seus estrangeiros e turistas e possui contundente percepção ambiental e conhecimento sobre o lixo e a limpeza urbana, por mais que possam haver divergências comportamentais frente a isto. Suas representações coletivas enraizadas, individual e coletivamente, têm reflexo direto no tratamento dos resíduos e das pessoas que trabalham nesta área. Mesmo estando relativamente vagaroso em se tratando de processos de reciclagem e coleta seletiva de resíduos, em comparação com outros países da União Europeia, as melhorias acontecem com o passar dos anos, denotando que os hábitos

dos lisboetas estão progredindo, juntamente com os esforços das instituições locais e mundiais para que os impactos negativos causados pelo lixo sejam mitigados e reduzidos.

A partir do até então exposto, faz-se questão de destacar que não intentamos apresentar um produto final. Pelo contrário, os conhecimentos e resultados obtidos por meio desse trabalho devem ser considerados como novos caminhos, e podem servir de base para futuras investigações sobre análise cultural, percepção ambiental e representações culturais do lixo e seu tratamento.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Nuno. Cultura e Modelo da Sociedade. **Cultura e Sociedade**. Porto: Cordão de Leitura. 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 2008.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulário português & latino: aulico, anatomico, architectonico**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 8 v. 1712-1728.

BRANDÃO, João. **Grandeza e abastança de Lisboa em 1552**. Lisboa: Livros Horizonte, 1990.

BRASIL, Senado Federal. Da Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente Humano, em Estocolmo, à Rio-92: agenda ambiental para os países e elaboração de documentos por Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. **Revista de audiências públicas do Senado Federal**. Ano 3, nº 11, 2012. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/noticias/Jornal/emdiscussao/rio20/a-rio20/conferencia-das-nacoes-unidas-para-o-meio-ambiente-humano-estocolmo-rio-92-agenda-ambiental-paises-elaboracao-documentos-comissao-mundial-sobre-meio-ambiente-e-desenvolvimento.aspx>>. Acesso em: 19 jul 2016.

CALEIA, Nuno; RAMIRES, Andreia (Coord.). **A economia de Lisboa em números**. Câmara Municipal de Lisboa, 2015. Disponível em: <[https://issuu.com/camara\\_municipal\\_lisboa/docs/economia\\_de\\_lisboa\\_em\\_numeros\\_2015\\_](https://issuu.com/camara_municipal_lisboa/docs/economia_de_lisboa_em_numeros_2015_)>. Acesso em: 28 abr 2016.

CASTELO-BRANCO, Fernando. **Lisboa Seiscentista**. 3ª edição, rev. e aumentada. Lisboa, 1969.

CHANTAL, Suzanne. **A vida Quotidiana em Portugal ao tempo do terremoto**. Trans. Lisboa: Edição Livros do Brasil, s.d.

COSME, João. As Preocupações Higio-Sanitárias em Portugal: 2ª metade do século XIX e princípio do XX. **Revista da Faculdade de Letras, HISTÓRIA.**, Porto, III Série, vol. 7, 2006, pp. 181-195. Disponível em <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3411.pdf>>. Acesso em: 11 jan 2016.

DEANE, Phyllis. **A revolução industrial**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. Estudo de caso. BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. – 2. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2006.

EIGENHEER, Emilio Maciel. **Lixo: A limpeza urbana através dos tempos**, 2009. Elsevier. Disponível em: <<http://www.lixoeducacao.uerj.br/imagens/pdf/ahistoriadolixo.pdf>>. Acesso em: 07 out 2015.

FARIA, Luísa Leal de. **A cultura e a análise cultural: um ensaio sobre a disciplina de cultura inglesa I na Faculdade de Letras de Lisboa**. Cadernos de Angolinguísticas – 3. Lisboa: Edições Colibri, 2001.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FERRARA, Lucrécia. **Olhar periférico: informação, linguagem, percepção ambiental**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

FONSECA, Jorge. **Escravos e Senhores na Lisboa Quinhentista**. Lisboa: Edições Colibri, 2010.

FONSECA, Teresa. **O município de Lisboa na política pombalina de absolutismo esclarecido**, 2014. Disponível em: <<http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/fotos/editor2/Cadernos/2serie/2/teresaf.pdf>>. Acesso em: 30 out 2015.

FORTUNA, Carlos. Património, turismo e emoção. **Revista Crítica de Ciências**, nº 97. 23-40, 1992.

FRANÇA, José-Augusto (1987). **Lisboa Pombalina e o Iluminismo**. 3ª edição revista e actualizada. Lisboa: Bertrand.

FUNDAÇÃO FRANCISCO MANUEL DOS SANTOS. **Pordata: Base de Dados Portugal Contemporâneo**. Lisboa: FFMS, 2009. Disponível em: <[http://www.pordata.pt/Municipios/Quadro+Resumo/Lisboa+\(Munic%C3%ADpio\)-6975](http://www.pordata.pt/Municipios/Quadro+Resumo/Lisboa+(Munic%C3%ADpio)-6975)>. Acesso em: 26 abr 2016.

GARCIA, José Manuel, et al. **História de Lisboa: Tempos fortes**. Lisboa: Gabinete de Estudos Olisiponenses. Direção Municipal de Cultura | Câmara de Lisboa, 2009.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Arilda. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v.35, n.2, Mar./ Abr. 1995.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Liv Sovik (org); Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1989.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **The invention of tradition**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista Narrativa. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes; 2002, p. 90-113.

LABORIT, Henri. **O homem e a cidade**. Portugal: Publicações Europa-América, 1971.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, E. V. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LE GOFF, Jaques. **Por amor das cidades**: conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

LISBOA, Câmara Municipal. **Limpeza urbana em Lisboa**. Lisboa: Direção dos Serviços de Salubridade e Transportes, p. 12, 1989.

\_\_\_\_\_. **A Guia do B.C.E.**: bom cidadão ecológico. Lisboa: Departamento de Higiene Urbana e Resíduos Sólidos, 1995.

\_\_\_\_\_. **Historial da limpeza urbana**. s.d. Disponível em <<http://www.cm-lisboa.pt/municipio/historia/historial-da-limpeza-urbana>>. Acesso em: 07 jul 2016.

Lixo. In: **Nova enciclopédia Larousse**. Lisboa: Círculo de Leitores, 1998.

MACEDO, R.L.G. **Percepção e Conscientização Ambientais**. Lavras: UFLA - Universidade Federal de Lavras/ FAEPE – Fundação de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão, 2000.

MACHADO, José Pedro. **Grande Dicionário da Língua Portuguesa**. Lisboa: Publicações Alfa. 1991.

MADUREIRA, Nuno Luís. **Lisboa: Luxo e Distinção (1750 – 1830)**. Lisboa. Editorial Fragmentos, 1990.

\_\_\_\_\_. **Cidade: Espaço e Quotidiano (Lisboa 1740-1830)**. Livros Horizonte, 1992.

MATTAR, Fauze Najib. **Pesquisa de marketing**: edição compacta. São Paulo: Atlas, 1996.

MOITA, Irisalva. **O povo de Lisboa**: tipos, ambiente, modos de vida, mercados e feiras, divertimentos. Exposição Iconográfica. Lisboa: Centro de Artes Plásticas dos Coruchéus, 1979.

MEADOWS, D.H; MEADOWS, D. L.; RANDERS, J. **The Limits of Growth**. New York, 1972.

MORIN, Edgar. **O método 4: As ideias**. Habitat, vida, costumes, organização. Porto Alegre, RS: Editora Sulina, 1998.

\_\_\_\_\_. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2000.

Percepção. In: **Dicionário Temático Larousse Psicologia**. Lisboa: Círculo de Leitores, 1999.

PIMENTA, Aline Figueiredo Freitas. **Gestão para o licenciamento ambiental de obras rodoviárias: conceitos e procedimentos**. Curitiba: UFPR/ITTI, 2014.

RODRIGUES, Teresa. **Cinco séculos de quotidiano: A vida em Lisboa do século XVI aos nossos dias**. Lisboa: Edições Cosmos, 1997.

SANTIAGO, David. Em Portugal apenas 13% do lixo municipal foi reciclado durante 2013. **Jornal de Negócios**, Portugal, 26 mar. 2015. Disponível em: <[http://www.jornaldenegocios.pt/economia/ambiente/detalhe/eurostat\\_em\\_portugal\\_apenas\\_13\\_do\\_lixo\\_municipal\\_foi\\_reciclado\\_durante\\_2013.html](http://www.jornaldenegocios.pt/economia/ambiente/detalhe/eurostat_em_portugal_apenas_13_do_lixo_municipal_foi_reciclado_durante_2013.html)>. Acesso em: 23 out. 2015.

SANTOS, José Rodrigues. **Comunicação**. Lisboa: Difusão Cultural, 1992.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 200.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

SERRÃO, Joel. **Pequeno Dicionário de História de Portugal**. Iniciativas Editoriais, 1976.

SILVA, Carlos, G. **Lisboa Medieval: a organização e a estruturação do espaço urbano**. Lisboa: Colibri, 2008.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações**. Nova Cultura, 1988. Disponível em: <<http://www.cefetsp.br/edu/eso/valerio/riquezanacoes.html>>. Acesso em: 15 dez 2015.

SOUZA, Fernando. **Alfacinhas: os lisboetas do passado e do presente**. Lisboa, s.d.

STEGER, Manfred. **A globalização**. Vila Nova de Farmalhão: Quasi Edições, 2006.

SWEEZY, P. (et al). **Do feudalismo ao capitalismo**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1972.

TAVARES, Maria das Graças Pinho. **Cultura organizacional: uma abordagem antropológica da mudança**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

TRINDADE, António; DIAS, Ana (et al.). **Caderno de recursos em educação ambiental: resíduos sólidos e animais em meio urbano**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Departamento de Higiene Urbana e Resíduos Sólidos, v. 1, 2007.

WILLIAMS, Raymond. Culture is ordinary. In: HIGHMORE, Ben. **The Everyday Life Reader**. London: Routledge, 2002.

**APÊNDICE A - Entrevista nº 1 – realizada com Joaquim no dia 06/06/2016**

1 - Qual seu nome completo? Joaquim

2 - Quantos anos tem? 61 anos

3 - Onde nasceu? Maternidade Alfredo da Costa/Lisboa

4 - Onde nasceram os seus pais? Lisboa

5 - Para você, existe uma maneira lisboeta/alfacinha de ser? Existe uma maneira de ser lisboeta, mas não sei explicar bem como. Caracterizar é difícil, apenas se sente.

6 - Você se sente como um(a) lisboeta/alfacinha? Tenho que ser, pois não tenho outra referência.

7 - Qual é a sua profissão? Não quero informar

8 - Qual é a sua atividade profissional atualmente? Não estou ativo no momento

9 - Para você, o que quer dizer “lixo”? Aquilo que transborda. É o que não precisamos mais, de momento, o excesso.

10 - Você costuma ver muito lixo espalhado pela sua freguesia? Pela cidade? Sim, nos caminhos dos subúrbios principalmente.

11 - Você considera Lisboa uma cidade limpa? Se sim, conte-me a razão. Médio, considerando que é uma cidade que tem seus guetos. Ainda consideraria suja em uma visão geral.

12 - Para você, pensar no que fazer com os seus resíduos é uma preocupação constante ou é algo que você não lembra durante o dia? Penso a toda hora, e acredito que o pessoal reciclador também, pois guardam as coisas a todo tempo, para tentar trocar por dinheiro.

13 - Na sua casa, você costuma separar o lixo: papel, orgânico, embalagens, metal? Mentalmente sim, se tivesse quintal poderia fazer reciclagem orgânica. “Se der, deu, se não der, não deu”. Quando acho, ponho no lugar certo.

14 - Você já vivenciou uma situação, entre amigos, familiares ou desconhecidos, que poderia deixar a cidade suja? Pode descrevê-la? Sim, o vandalismo, as festas descontroladas que deixam a cidade suja, se a limpeza não for organizada pela Câmara, as pessoas deixam as ruas sujas, os plásticos de copos, por exemplo. Para mim são os eventos que sujam mais.

15 - Como avalia sua postura em relação ao lixo? Considero-me preocupado. Não jogo papel no chão, deito a beata no sítio certo (jogo a bituca de cigarro no local certo). Eu conhecia o “lixo do jardim”, na minha época isso era usado para tratar a terra. Hoje em dia as pessoas pensam que tudo é lixo, mas na verdade tem é de ser bem tratado. A sensibilização tende a acontecer, mas ainda é complicado.

16 - Pensa que o assunto “lixo” é discutido suficientemente nas escolas, na televisão, pelo governo? Sim, talvez as vezes demais. O debate do lixo é falado, nas escolas não estou ligado, mas penso que sim.

17 - A sua atitude em relação a limpeza urbana mudou com o passar dos anos? Não mudou muito, apenas mudou um pouco em relação ao plástico. Eu fui educado que o plástico era bom, pela praticidade, com o passar dos tempos, as pessoas dizem que ele é ruim, pois polui. Agora, na verdade, penso que ele pode ser utilizado bem.

18 - A forma como você lida com o lixo poderia ser enquadrada da mesma forma que seus pais e avós tratam os resíduos? O tempo e as culturas mudam. Esse lixo de hoje era uma novidade para os mais antigos. Porém, também penso que o que é considerado bom no contexto atual, pode ser visto como mal para gerações futuras. A ciência ajuda com isso.

19 - Qual a sua opinião sobre as pessoas que trabalham com o lixo? É um trabalho pesado, mal remunerado, o lixo pode ser reciclado, mas fazer isso exige muito. O lixo, na verdade, é um problema.

20 – Como acredita que elas sejam tratadas pela população? São mal tratadas, e isso não é só em Lisboa. É um problema universal e cultural. Nos países do norte as tendências são diferentes, mas no sul, as pessoas são tratadas por escalões e castas. Isto é, guardadas pelos “intocáveis” (classes mais favorecidas). O lixo é o que fica para trás deles, ou seja, tudo que envolve o “resto” é visto como mal, “pobres do lixo”, assim são tratadas essas pessoas.

21 – Como respondem pela limpeza urbana na cidade de Lisboa as pessoas que executam esta função? Você já teve alguma experiência sobre isso? Conte-me qual foi, se a resposta for sim Você já teve alguma experiência sobre isso? Conte-me qual foi, se a resposta for sim. Dentro dos parâmetros, na cidade os serviços são bem executados, não é o bem ótimo, é o bem médio.

Faço trabalho de biscate na Feira da Ladra, e se pensarmos, aquilo é lixo. O velho é considerado como lixo para muitas pessoas e só agora virou moda. Eu fui educado a dar atenção às pessoas, e isso depende de indivíduo para indivíduo, e isso faço com frequência. Para mim é comum dar olá para quem trabalha nas ruas, mas sei que não é o mesmo para outras pessoas.

22 – Já viajou para fora de Lisboa ou Portugal? Se sim, onde? Não

23 - Se pensar no lixo de outras cidades, ou países, pensa que Lisboa está melhor ou pior, ao fazer uma comparação? Pode explicar como? Não tenho uma opinião formada sobre isso.

**APÊNDICE B - Entrevista nº 2 – realizada com Ana Lemos no dia 07/06/2016**

1 - Qual seu nome completo? Ana Lemos

2 - Quantos anos tem? 31

3 - Onde nasceu? Lisboa

4 - Onde nasceram os seus pais? Pai nasceu na Angola e a mãe na Guarda, norte do Portugal

5 - Para você, existe uma maneira lisboeta/alfacinha de ser? Aqui perto de Lisboa há praias, existem todos os serviços muito próximos (hospitais, escolas, universidades, cinema, etc.), espetáculos e atividades culturais, enfim, oportunidades que permitem que as pessoas daqui possam evoluir em muitos sentidos e muito mais rápido. Há uma característica na fala, há diferença na maneira de estar, um jeito mais “aberto” de ser. Quando sai da cidade com 12 anos para viver na Guarda, por opção dos meus pais, acabei voltando para a capital para ter emprego. Isso faz com que as pessoas também tenham um crescimento diferente, mais rápido, imediato e constante.

6 - Você se sente como um(a) lisboeta/alfacinha? Não me sinto, por que há um lado que não gosto muito. Quem é daqui se acha um pouco superior, eu estive fora daqui, numa cidade menor e menos evoluída percebia muito isso. Ou seja, tem uma mentalidade diferente e ao chegarem a um local se acham superiores, que podem mandar. Em Lisboa você pode encontrar as pessoas mais antipáticas. Com esse lado lisboeta não me identifico, uma certa arrogância de se portar

7 - Qual é a sua profissão? Jornalista

8 - Qual é a sua atividade profissional atualmente? Editora

9 - Para você, o que quer dizer “lixo”? Quantidade. Um dos maus que fazemos ao planeta e fazemos em grande quantidade. Faz alguns anos eu já faço reciclagem e já não consigo não o fazer. Foi neste momento que me dei conta e não tinha noção de quanto lixo nós produzíamos. Todas as semanas eu coloco 3 sacos de lixo orgânico, plástico também é mesmo muito. Custa me ver os contentores cheios, pessoas que não tem cuidados, ainda outro dia vi um colchão na rua. Falta de respeito pelo ambiente e pelos locais próprios.

10 - Você costuma ver muito lixo espalhado pela sua freguesia? Pela cidade? São Domingo de Benfica e por acaso é uma zona antiga com muitas pessoas mais velhas e até pensei que não teriam cuidado, mas eles estão sensibilizados com o tema. A Câmara faz ali um trabalho muito bom, pois os prédios são antigos e não há recolha de lixo do próprio edifício, apesar de ser um sistema primário, a meu ver, funciona bem. Posso não gostar do barulho que os caminhões fazem durante a noite, ou dos caixotes de lixo espalhados pela rua, mas acho que é uma zona cuidada e bem tratada, e tem muito verde. Há respeito por parte dos seus moradores. Já morei em Telheiras e na Expo e senti diferença. No Parque

das Nações, por exemplo, supostamente havia um sistema de reciclagem, que por acaso era estranho. O lixo devia ser colocado dentro do prédio, por uma conduta, mas depois a reciclagem era fora, pois passava o caminhão e levava. Eu fiz isso, no dia a seguir vi o saco aberto e todos espalhado pelo chão, ou seja, o sistema falhou. Decidi então passar a andar com o lixo dentro do carro para depositá-lo no ecoponto. Aí está, deveria ser uma freguesia em que tudo funcionasse, já que é moderna, mas não funcionou. Portanto, acho que a questão de idade da freguesia não tem muita relação com o processo de limpeza urbana.

11 - Você considera Lisboa uma cidade limpa? Se sim, conte-me a razão. Sinceramente acho que sim, claro que há beata (bituca de cigarro) no chão e eu própria já contribui para isso, mas de verdade não acho que seja tão suja como dizem. Talvez ela seja poluída pelos carros, mas não propriamente do lixo que há na rua. Claro que eventos e festas haverá mais sujeira, mas há caminhões de lixo a lavar as ruas.

12 - Para você, pensar no que fazer com os seus resíduos é uma preocupação constante ou é algo que você não lembra durante o dia e o faz de maneira automática? Penso nisso constantemente, inclusive fiz minha mãe começar a reciclar. Uma vez um colega meu me falou da opção de comprar embalagens de vidro ao invés das de plástico. Eu só não faço isso por uma questão que é o preço. Esses produtos são mais caros, tem que haver equilíbrio. Eu gosto de contribuir com o meio ambiente, mas também tenho que pensar no equilíbrio financeiro.

13 - Na sua casa, você costuma separar o lixo: papel, orgânico, embalagens, metal? Sim, separo orgânico, plástico e papel (cartão, embalagens).

14 - Você já vivenciou uma situação, entre amigos, familiares ou desconhecidos, que poderia deixar a cidade suja? Pode descrevê-la? Bitucas de cigarro. Já vi um amigo atirar o maço de tabaco pelo vidro do carro e o obriguei a voltar para pegar de volta. Também “enganarem-se” com os caixotes de lixo, de colocar o plástico no local onde era para ser o orgânico, papel no metal. No próprio escritório que trabalho pensávamos que a reciclagem correta não era feita, mas na verdade é. Acho que a quantidade de lixeiras no local também não está adequada ao número de pessoas, mas enfim, isso me causa incômodo.

15 - Como avalia sua postura em relação ao lixo? Faço a minha parte, não posso fazer pelos outros, faço um pouco mal com as bitucas de cigarro, mas de resto acho que faço bem

16 - Pensa que o assunto “lixo” é discutido suficientemente nas escolas, na televisão, pelo governo? Acredito que em escolas sim, mas não tenho muito conhecimento disso. Penso que a reciclagem, neste momento está esquecida pela grande mídia. A menos que ocorra outra greve dos trabalhadores da limpeza urbana, o tema poderia voltar a ser debatido.

17 - A sua atitude em relação a limpeza urbana mudou com o passar dos anos? Mudou no sentido de que ganhei consciência de que se todos fizerem sua parte talvez vamos contribuir para que o planeta seja melhor. Faço a minha parte e tento inculcar estas ideias nas outras pessoas, e me causa desconforto ver as crianças e jovens que não tenham esse cuidado, com a lógica de ter atenção ao lixo que fazemos. Tenho amigos que colocam todo o tipo de lixo no mesmo saco e isso me incomoda. Se todos fizermos o que devemos fazer, poderíamos contribuir para um bem-estar comum.

18 - A forma como você lida com o lixo poderia ser enquadrada da mesma forma que seus pais e avós tratam os resíduos? Sim, a minha família sim. A minha avó mesmo, com 80 anos, mudou seus hábitos por iniciativa própria e passou a separar o lixo. Ninguém precisou dizer-lhe nada e por acaso nem sei como foi que ela começou a ter atenção para isso, se foi conversa entre amigos, ou na televisão. Houve uma vez que estava comendo um iogurte, e ela me pediu “coloca no outro lixo, o para plástico”, achando que eu não sabia e estava tentando me ensinar também.

19 - Qual a sua opinião sobre as pessoas que trabalham com o lixo? São pessoas muito importantes, um trabalho muito relevante e que por vezes não damos muito valor ou por não ser visível, por fazer a recolha à noite, não sei. Não gostaria de fazer e admiro quem faz. Essas pessoas merecem a nossa consideração.

20 – Como acredita que elas sejam tratadas pela população? Não tenho bem noção como no geral são tratados. Trato como uma pessoa igual a mim, trabalhadores como pessoas que trabalham em restaurantes ou meus colegas. A função deles na sociedade é essa, como eu tenho a minha.

21 – Como respondem pela limpeza urbana na cidade de Lisboa as pessoas que executam esta função? Você já teve alguma experiência sobre isso? Conte-me qual foi, se a resposta for sim. Penso que sejam pessoas competentes, na minha zona é constante o cuidado que tem, esquema organizado por semana, ou seja, na segunda-feira recolhe-se o resíduo orgânico, na terça é o plástico e assim por diante. Porém não vivi nada para que possa citar no momento, não me ocorre nada de lembrança.

22 – Já viajou para fora de Lisboa ou Portugal? Se sim, onde? Algumas.

23 - Se pensar no lixo de outras cidades, ou países, pensa que Lisboa está melhor ou pior, ao fazer uma comparação? Pode explicar como? Sinceramente, acho Lisboa limpa. Nas cidades que onde estive sempre vi mais lixo do que cá. Até em termos de poluição no geral, como ar, é menos dos locais que já estive. Por exemplo, quando andei por Roma, por subúrbios da cidade, vi muito mais lixo que em Lisboa.

**APÊNDICE C - Entrevista nº 3 – realizada com Elsa no dia 07/06/2016**

1 - Qual seu nome completo? Elsa Gonçalves Pereira

2 - Quantos anos tem? 30 anos

3 - Onde nasceu? Lisboa

4 - Onde nasceram os seus pais? O meu pai nasceu em Castro Daire, distrito de Viseu; a minha mãe nasceu em Vila Cova à Coelheira, concelho de Vila Nova de Paiva, também distrito de Viseu.

5 - Para você, existe uma maneira lisboeta/alfacinha de ser? Acho que existe um sentimento de pertença por parte dos nativos, mas que vai pelo lado negativo. Ou seja, ‘o bairro é meu e faço dele o que eu quiser’. É uma questão cultural e deveria ser algo voltado para ‘o bairro é meu e vamos cuidar’. O que ocorre é que é cada um por si, sem pensar no próximo. Eu nem gostava de caminhar com meu cachorro pela rua, de tão nojento que as vezes estava (Graça). E não tem relação com a idade dos moradores, ali também vivem muitos jovens e que fazem o mesmo. Onde vivo hoje é o oposto. Em Amadora é impecável. Talvez as pessoas que vivem na Graça tenham um pouco menos de formação, não sei. Acho que essa cultura de individualismo do lisboeta, principalmente o residente da Graça, existe. É uma falta de respeito em vários sentidos, como não respeitar o espaço e bens do outro, encostar no carro sem saber de quem é, estacionar em qualquer lugar. Outra característica é a mentalidade portuguesa de descrédito. Não só os lisboetas são assim, os portugueses em si, tudo que não tem ação direta para os habitantes é visto com desinteresse.

6 - Você se sente como um(a) lisboeta/alfacinha? Pensando exatamente nessa característica tão egoísta de ser, não me sinto nenhum pouco lisboeta. Sobretudo, nos bairros típicos existe isso. Quem vem de fora que se acomode, o bairro é meu e vou fazer dele o que bem quiser. É bem difícil o português, ou o lisboeta admitir tais coisas.

7 - Qual é a sua profissão? Jornalista

8 - Qual é a sua atividade profissional atualmente? Editora

9 - Para você, o que quer dizer “lixo”? Tenho repulsa pelo lixo, mas para mim é sujidade

10 - Você costuma ver muito lixo espalhado pela sua freguesia? Pela cidade? Vivi por quase 10 anos na Graça e minha experiência é péssima. Lá é uma vergonha. Chegou a acontecer de termos o caixote do lixo roubado, pedimos à Câmara por uma nova e isso nunca aconteceu. O vizinho não autorizava que colocássemos nosso lixo na lixeira dele, ou seja, não tínhamos onde colocar. Era mesmo muito mal. Eu não sei bem ao certo quais os dias que a recolha ia lá, mas o cenário habitual era as pessoas deixarem cartão, garrafas, móveis antigos, à beira dos ecopontos. Eram portugueses, do bairro, nativos de lá. Enfim é uma cultura diferente, a Graça é muito particular. As ruas são muito sujas, as pessoas

não tem a consciência cívica de cuidar do local de onde vivem, de preservar. As pessoas não se preocupam com o que não as afetam diretamente e a curto prazo. Era comum passar pelas calçadas que haviam ecopontos e estarem entupidos de coisas para fora.

11 - Você considera Lisboa uma cidade limpa? Se sim, conte-me a razão. Lisboa é uma cidade suja, as ruas estão sempre cheias de sujeira.

12 - Para você, pensar no que fazer com os seus resíduos é uma preocupação constante ou é algo que você não lembra durante o dia e o faz de maneira automática? Eu me preocupo sim, mas a apreciação que tenho é que, mesmo eu tendo um cuidado, as pessoas do bairro não tem.

13 - Na sua casa, você costuma separar o lixo: papel, orgânico, embalagens, metal? Eu fazia dentro de casa, e sempre tive a preocupação com a reciclagem, mas a maioria das pessoas não. O caixote era colocado para fora do prédio todas as noites. Durante a manhã era recolhido, mas como contei a pouco, quando foi roubado, não tinha onde colocar meu lixo.

14 - Você já vivenciou uma situação, entre amigos, familiares ou desconhecidos, que poderia deixar a cidade suja? Pode descrevê-la? Nada que me lembre no momento de grande relevância, mas como eu fumo, sempre vejo meus amigos colocarem as bitucas de cigarro no chão e isso me incomoda.

15 - Como avalia sua postura em relação ao lixo? Acho que faço o necessário

16 - Pensa que o assunto “lixo” é discutido suficientemente nas escolas, na televisão, pelo governo? Acho que foi falado na televisão e certamente deve haver esforço por parte das escolas na conscientização das crianças, mas no mais não vejo muito em prática.

17 - A sua atitude em relação a limpeza urbana mudou com o passar dos anos? Sim mudou, sobretudo porque convivi com pessoas que não tinham essa preocupação e minha consciência cívica ficou mais aguçada, e por isso vou fazer diferente. Evoluiu com o tempo.

18 - A forma como você lida com o lixo poderia ser enquadrada da mesma forma que seus pais e avós tratam os resíduos? Acho que houve uma evolução. Meus pais tem consciência, mas ainda hoje minha mãe não faz reciclagem em casa, a não ser algumas garrafas, não tem caixotes diferentes. Eles vivem em Aveiro.

Só tenho uma avó viva que, curiosamente, mora no Brasil. Tanto quanto sei, os meus avós eram pessoas conscienciosas, mas não me recordo de fazerem reciclagem. Gente simples, do campo. Mas sempre houve uma gestão cuidadosa dos resíduos por parte da minha família.

19 - Qual a sua opinião sobre as pessoas que trabalham com o lixo? Respeito o que fazem, pois faça chuva ou faça sol eles tem de trabalhar e mexer com os resíduos das outras pessoas não é mesmo uma tarefa fácil.

É um pouco complicado, pois penso que não são remuneradas em equilíbrio com o trabalho que fazem, e talvez isso pode levar a alguma forma de negligência, já que eles podem pensar que não são devidamente pagos pelo que fazem.

20 – Como acredita que elas sejam tratadas pela população? Acho que as pessoas merecem respeito, mas acho que a maioria não tem a mesma apreciação. Talvez não sejam valorizados e sejam vistos até com certo preconceito, as pessoas podem olhar para esta profissão como algo menor.

21 – Como respondem pela limpeza urbana na cidade de Lisboa as pessoas que executam esta função? Você já teve alguma experiência sobre isso? Conte-me qual foi, se a resposta for sim.

22 – Já viajou para fora de Lisboa ou Portugal? Se sim, onde? Algumas, mas destaco a França.

23 - Se pensar no lixo de outras cidades, ou países, pensa que Lisboa está melhor ou pior, ao fazer uma comparação? Pode explicar como? Acho que Lisboa é mais suja, sem dúvida. As ruas são sujas, as pessoas jogam papéis ao chão tendo um lixo muito próximo. Acho que é mesmo uma questão cultural, penso que os lisboetas deveriam ter uma outra formação para esta causa, se não cuidarmos estamos a destruir. Pode não ter impacto na minha vida, mas temos que pensar a médio e longo prazo.

**APÊNDICE D - Entrevista nº 4 – realizada com Alice no dia 08/06/2016**

1 - Qual seu nome completo? Alice David de Melo

2 - Quantos anos tem? 86 anos

3 - Onde nasceu? Nasci na Rua da Graça em Lisboa, mas foi criada na província. Casei e voltei para Lisboa. Na Penha da França.

4 - Onde nasceram os seus pais? Os dois de Província, aldeia próxima de Coimbra.

5 - Para você, existe uma maneira lisboeta/alfacinha de ser? Acredito que sim. As oportunidades fazem com que os lisboetas tenham um jeito diferente, por exemplo, a pessoa de Lisboa quer ter o seu “empreguinho”, horas certas e ir para casa, já as pessoas que vem de outras terras, vem acostumados com o trabalho pesado. São esses que trabalham de sol a sol e que alcançam coisas que os da cidade não conseguem atingir. Esses que vem para Lisboa para tentar a vida, sabem dos sacrifícios. Mas é com essa força que se consegue dar vida melhor para os filhos e netos. Mas acho que sim, as oportunidades que a cidade oferece fazem com que as pessoas evoluam mais rápido que as pessoas da província.

6 - Você se sente como um(a) lisboeta/alfacinha? Não sou alfacinha, não me sinto lisboeta. Eu nasci em Lisboa, e fui para a Província com 9 anos e por isso cresci e aprendi o estilo da Província. Lá nós gostamos mais de falar e quando eu cheguei na cidade, tive um pouco de dificuldade de falar com as pessoas. Eu me sinto mais a vontade de falar com outras pessoas da minha cidade e não de Lisboa.

7 - Qual é a sua profissão? Comerciante / Dona de restaurante

8 - Qual é a sua atividade profissional atualmente? Aposentada

9 - Para você, o que quer dizer “lixo”? É sujeira e não faz bem para a saúde

10 - Você costuma ver muito lixo espalhado pela sua freguesia? Pela cidade? Sim dá para ver muito lixo. É preciso ter consciência de colocar as coisas no local certo. A calçada fica suja durante a noite. Há tempos atrás não era comum ver roupas espalhadas ruas, e agora roupas e calçados são colocados em qualquer lugar. Antes não era assim, mas agora tem muito.

11 - Você considera Lisboa uma cidade limpa? Se sim, conte-me a razão. É diferente. Na Província, por exemplo, não havia banheiros há alguns anos. Agora já há esgotos e todo o encanamento. Ainda sim, as casas são limpas e mesmo sem ter a estrutura toda necessária como na cidade, era limpa. Aqui havia tudo muito antes e via-se sujeira.

Na cidade há certo locais que as pessoas não tem respeito por nada. Elas não se incomodam muito com a sujidade. Há lisboetas que são criados “a toa”, sem muito regime ou disciplina, e por isso não

tem tanto respeito por regras de convivência, ou com respeito ao próximo. Esse pessoal que vive em barracas, posso dizer que são as pessoas que vivem em bairros sociais, tipo Chelas e etc. Para eles é cultural o lixo, claro que nem todas, mas o hábito deles tendem a ser menos cuidadosos.

12 - Para você, pensar no que fazer com os seus resíduos é uma preocupação constante ou é algo que você não lembra durante o dia e o faz de maneira automática? Sim é importante e eu penso sempre onde colocar meu lixo. Eu não coloco lixo na lixeira durante o dia, se eu sei que o lixeiro só vem recolher durante a noite. Antigamente não havia tantas embalagens como agora, isso é preciso destacar.

13 - Na sua casa, você costuma separar o lixo: papel, orgânico, embalagens, metal? Nós não temos caixotes de lixo separados. O que temos é na dispensa uma caixa onde coloca-se o papel cartão e embalagens e na cozinha o lixo orgânico. Eu vivo com meu filho e nora e eles se preocupam com isso e são rigorosos na separação, mas quando morava sozinha também cuidava no lixo.

14 - Você já vivenciou uma situação, entre amigos, familiares ou desconhecidos, que poderia deixar a cidade suja? Pode descrevê-la? Já vi diversas pessoas colocando lixo no local errado ou lixos abertos na calçada.

15 - Como avalia sua postura em relação ao lixo? Acho que poderia ter feito mais, mas na altura da minha vida já faço o que aprendi e posso.

16 - Pensa que o assunto “lixo” é discutido suficientemente nas escolas, na televisão, pelo governo? Nas escolas eu não posso afirmar, pois já não sei o que é ensinado às crianças. Mas no resto penso que sim.

17 - A sua atitude em relação a limpeza urbana mudou com o passar dos anos? Acho que mudou. Na Província não tinha essa preocupação toda. Em Lisboa sempre, pelo que lembro, o lixo era sempre colocado na porta e alguém vinha buscar.

18 - A forma como você lida com o lixo poderia ser enquadrada da mesma forma que seus pais e avós tratam os resíduos? Em relação a como meus pais faziam eu não lembro, pois eu era muito criança quando sai de Lisboa. O que eu sei é que 50 anos atrás o lixo não era recolhido como é hoje. As pessoas colocavam as sujeiras em um saquinho (que custava dinheiro) ou num balde e deixava na frente da porta e vinha alguém buscar, até às 8:00 da manhã. Não existia as lixeiras.

19 - Qual a sua opinião sobre as pessoas que trabalham com o lixo? Coitados, são operários mal pagos e se sacrificam muito. Claro que tem que haver quem faça, mas as vezes são pessoas que tiveram pouca oportunidade e “aceitam qualquer coisa”.

20 – Como acredita que elas sejam tratadas pela população? Acho que tratam bem, são funcionários e seres humanos como outro qualquer. Para mim pessoas que trabalham tem mais valor do que os “vagabundos”, que não querem fazer nada.

21 – Como respondem pela limpeza urbana na cidade de Lisboa as pessoas que executam esta função? Você já teve alguma experiência sobre isso? Conte-me qual foi, se a resposta for sim.

22 – Já viajou para fora de Lisboa ou Portugal? Se sim, onde? Não tive muitas viagens para poder comparar

23 - Se pensar no lixo de outras cidades, ou países, pensa que Lisboa está melhor ou pior, ao fazer uma comparação? Pode explicar como? Não tive muitas viagens para poder comparar

**APÊNDICE E - Entrevista nº 5 – realizada com Olinda no dia 08/06/2016**

- 1 - Qual seu nome completo? Olinda Antunes Tomaz Henriques
- 2 - Quantos anos tem? 83 anos
- 3 - Onde nasceu? Aldeia, Distrito Leiria, mas vivo em Lisboa a quase 60 anos
- 4 - Onde nasceram os seus pais? Mãe de Leira e pai de Coimbra
- 5 - Para você, existe uma maneira lisboeta/alfacinha de ser? Acredito que as lisboetas são mais vaidosas que as mulheres de outras regiões. Para mim tem muito a ver com o cuidado pessoal, a importância que dão para a estética.
- 6 - Você se sente como um(a) lisboeta/alfacinha? Considero-me lisboeta por que já vivo aqui por tantos anos.
- 7 - Qual é a sua profissão? Dona de casa
- 8 - Qual é a sua atividade profissional atualmente? Aposentada
- 9 - Para você, o que quer dizer “lixo”? É a sujeira, me dá nojo.
- 10 - Você costuma ver muito lixo espalhado pela sua freguesia? Pela cidade? Há lixo sim, principalmente perto das próprias lixeiras especiais, os ecopontos. As pessoas não respeitam este local e despejam as coisas de qualquer jeito.
- 11 - Você considera Lisboa uma cidade limpa? Se sim, conte-me a razão. Por acaso, na zona onde vivo, na Penha de França, já andou mais suja do que anda agora. Antes as pessoas não ligavam a mínima para as fezes dos cachorros nas calçadas, por exemplo, mas agora já levam sacos consigo para limpar depois.
- 12 - Para você, pensar no que fazer com os seus resíduos é uma preocupação constante ou é algo que você não lembra durante o dia e o faz de maneira automática? Agora é uma preocupação sim, pois como moro sozinha, sou eu que tenho que gerenciar isso. Por isso quero fazer certinho.
- 13 - Na sua casa, você costuma separar o lixo: papel, orgânico, embalagens, metal? Não necessariamente separo. Tenho apenas um lixo na cozinha onde coloco a sujeira. Mas ali não misturo uma garrafa de azeite, por exemplo. Quando compro uma coisa que vem em caixa, eu separo para colocar na lixeira especial na rua.
- 14 - Você já vivenciou uma situação, entre amigos, familiares ou desconhecidos, que poderia deixar a cidade suja? Pode descrevê-la? Não que me recorde de momento.
- 15 - Como avalia sua postura em relação ao lixo? Acho que faço o que sei.

16 - Pensa que o assunto “lixo” é discutido suficientemente nas escolas, na televisão, pelo governo? Eu acho que sim, já que tudo que aprendi sobre separação de lixo foi vendo televisão. Melhorou a cidade de Lisboa por causa disso.

17 - A sua atitude em relação a limpeza urbana mudou com o passar dos anos? Sim, mudou para melhor. Na aldeia de onde eu venho nem banheiros, luz e água canalizada haviam e hoje tenho noções maiores por causa da informação que tive mais acesso. Sei que muita coisa no lixo se transforma. Mudou para melhor as minhas atitudes. Antigamente tudo era misturado, e hoje o que é visto na televisão ensina que devemos separar, já que tudo se transforma hoje em dia.

18 - A forma como você lida com o lixo poderia ser enquadrada da mesma forma que seus pais e avós tratam os resíduos? O que lembro, da cidade que vivi antes de vir para Lisboa, não havia banheiro, esgoto. Portanto o que faço hoje e aprendi depois de velha é diferente de como meus pais lidavam com isso.

19 - Qual a sua opinião sobre as pessoas que trabalham com o lixo? Acho que é uma profissão como outra qualquer. Acho que merecem ser bem pagos, pois apanham tanta sujeira.

20 – Como acredita que elas sejam tratadas pela população? Não dou lá muitas conversas, mas devem ser respeitados.

21 – Como respondem pela limpeza urbana na cidade de Lisboa as pessoas que executam esta função? Você já teve alguma experiência sobre isso? Conte-me qual foi, se a resposta for sim. Acho que executam bem, sempre os vejo limpando certinho as ruas e no caminhão.

22 – Já viajou para fora de Lisboa ou Portugal? Se sim, onde? Nunca viajei por muito longe, mas fui a Espanha.

23 - Se pensar no lixo de outras cidades, ou países, pensa que Lisboa está melhor ou pior, ao fazer uma comparação? Pode explicar como? Na época que fui lá era muito mais limpo que Lisboa. Não se via um papel no chão. Mas como já disse, Lisboa está melhor do que já foi. Acho que a diferença é a obrigação imposta pelo governo. Lá deveria ser mais restrito, e aqui em Lisboa já acho que é mais livre.

**APÊNDICE F - Entrevista nº 6 – realizada com Maria Farias no dia 08/06/2016**

- 1 - Qual seu nome completo? Maria Farias da Silva
- 2 - Quantos anos tem? 85 anos
- 3 - Onde nasceu? Nasci em uma pequena aldeia chamada Sonim, concelho de Valpaços. Mas vim para Lisboa com 15 anos e estou aqui desde então.
- 4 - Onde nasceram os seus pais? No mesmo local
- 5 - Para você, existe uma maneira lisboeta/alfacinha de ser? Acredito que existe uma maneira peculiar de falar.
- 6 - Você se sente como um(a) lisboeta/alfacinha? Sim, pois sempre vivi aqui, tenho propriedades aqui. Desde que meus pais morreram, perdi o gosto pela terra que nasci e aprendi a gostar de Lisboa.
- 7 - Qual é a sua profissão? Dona de casa
- 8 - Qual é a sua atividade profissional atualmente? Aposentada
- 9 - Para você, o que quer dizer “lixo”? Tudo o que tiver que ser colocado fora, o que não queremos.
- 10 - Você costuma ver muito lixo espalhado pela sua freguesia? Pela cidade? Há muito lixo aqui pela freguesia de Penha da França. Tem vezes que tenho que pegar papel do chão e colocá-lo na lixeira. As pessoas não querem ter trabalho, por isso jogar as coisas no chão é mais fácil. Eu fico revoltada com isso.
- 11 - Você considera Lisboa uma cidade limpa? Se sim, conte-me a razão. Lisboa hoje é mais suja do que antes. Há 10 ou 15 anos atrás não se via tanto lixo nas ruas. Logo que vim morar aqui, com 15 anos, não havia separação nenhuma de lixo, ia tudo para o mesmo saco. As pessoas colocavam tudo dentro de um balde com tampa, as vezes forravam o recipiente com jornal e era assim que ficava a espera de alguém recolher, em frente as portas. Mesmo desta forma rudimentar, havia menos lixo e um pouco mais de cuidado. O lisboeta não cuida do lixo e da cidade, claro que não posso generalizar já que existem pessoas que separam lixo e se preocupam.
- 12 - Para você, pensar no que fazer com os seus resíduos é uma preocupação constante ou é algo que você não lembra durante o dia e o faz de maneira automática? Eu já estou habituada, não paro para pensar muito. Quando estou fora de casa, procuro uma lixeira para colocar meu lixo ou guardo na bolsa até encontrar.

13 - Na sua casa, você costuma separar o lixo: papel, orgânico, embalagens, metal? Sim, desde que se começou a ter que separar eu já fazia.

14 - Você já vivenciou uma situação, entre amigos, familiares ou desconhecidos, que poderia deixar a cidade suja? Pode descrevê-la? Vejo isso o tempo todo e chamo a atenção das pessoas se as vejo fazer algo errado. Hoje em dia existem muitos animais andando pelas ruas e algumas pessoas não se dão ao trabalho de limpar as fezes do animal. Isso aconteceu uma vez comigo, eu estava caminhando para vir para o Centro e vi um homem levando o cachorro para fazer suas necessidades. Vi que ele não recolheu o cocô que o bicho fez e então o intimiei: O senhor fingiu tirar um saco do bolso, pois vi que eu o encarava, mas ao final não vai limpar isso? Ele me respondeu: O que a senhora tem que ver com isso? Eu respondi que ele que levasse a sujeira do cão para que a mulher fizesse um pastel de ovos para ele. (Risos). Sei que muitas pessoas também vivem do lixo, o que é triste. Já vi pessoas revirando o lixo de restaurantes para procurar o que comer.

15 - Como avalia sua postura em relação ao lixo? Acho que faço até bastante coisa pela minha idade. Talvez mais que muito jovem.

16 - Pensa que o assunto “lixo” é discutido suficientemente nas escolas, na televisão, pelo governo? Já vi muitos jovens jogarem papel de bala no chão, por exemplo. Eles ainda reclamam quando eu repreendo sobre isso e me chamam de velha. Não posso dizer que falta falar disso na escola, mas também ocorre relapso dos pais.

17 - A sua atitude em relação a limpeza urbana mudou com o passar dos anos? Mudou muito e melhorou. A maneira como eu me importo com isso cresceu.

18 - A forma como você lida com o lixo poderia ser enquadrada da mesma forma que seus pais e avós tratam os resíduos? Sim, minha filha por exemplo, se vê que aqui perto de casa as lixeiras estão muito cheias, ela leva o meu lixo de carro até lixeira próxima da casa dela, que estejam mais vazias. Ela sempre compra sacos de lixo para ela e para mim.

19 - Qual a sua opinião sobre as pessoas que trabalham com o lixo? Elas tem o meu apreço, pois limpam o que os outros sujam. Eles trabalham a noite, faça chuva ou faça sol. Mas tem que haver o trabalhador para isso também. Nem todo mundo pode estudar, nem todo mundo tem emprego, e por isso o lixo é uma opção.

20 – Como acredita que elas sejam tratadas pela população? Posso estar errada, mas acho que as pessoas do interior tem mais cuidado com o lixo do que os de Lisboa. Porém, não posso dizer que existe diferença entre lisboetas e o provinciano no tratamento para com estes trabalhadores. Penso que como outro profissional qualquer.

21 – Como respondem pela limpeza urbana na cidade de Lisboa as pessoas que executam esta função? Você já teve alguma experiência sobre isso? Conte-me qual foi, se a resposta for sim. Acho que na medida do possível o fazem bem.

22 – Já viajou para fora de Lisboa ou Portugal? Se sim, onde? França e Bélgica

23 - Se pensar no lixo de outras cidades, ou países, pensa que Lisboa está melhor ou pior, ao fazer uma comparação? Pode explicar como? Depende, na França havia muito cuidado. Na Bélgica gostei muito da limpeza dos locais que fui. Cá em Portugal, eu acredito que no Porto há mais cuidado com o lixo do que em Lisboa. Para mim a grande diferença de Lisboa para outros países é a questão do policiamento. Lá existem muitos policiais e as pessoas respeito essa autoridade, ficam com vergonha ou receio de lançar porcarias ao chão, elas acabam tendo mais cuidado. Em Lisboa você anda por quilômetros e não vê policiais na rua e as pessoas abusam. Aqui é a capital do país, mas é a cidade que tem menos higiene, se comparada com Alentejo e Algarve. Não é a cidade, são as pessoas que fazem a cidade.

**APÊNDICE G - Entrevista nº 7 – realizada com Pedro no dia 18/07/2016**

1 - Qual seu nome completo? Pedro César (não quis revelar o sobrenome)

2 - Quantos anos tem? 28 anos

3 - Onde nasceu? Lisboa, São Sebastião da Pedreira

4 - Onde nasceram os seus pais? Meus pais são de Lisboa, o meu pai de Alfama e a minha mãe da Graça

5 - Para você, existe uma maneira lisboeta/alfacinha de ser? Somos Bairrista e temos orgulho da cidade. Tenho orgulho de ser lisboeta e português. Falo por mim, são pessoas simpáticas, extrovertidas e gostam de receber bem. Gostam de mostrar o quanto a cidade é linda

6 - Você se sente como um(a) lisboeta/alfacinha? 100% alfacinha

7 - Qual é a sua profissão? Motorista

8 - Qual é a sua atividade profissional atualmente? Motorista

9 - Para você, o que quer dizer “lixo”? Tudo aquilo que as pessoas não querem em casa, no carro. O que produzem e colocam fora. Também existe lixo em termos de mentalidades e atitudes, mas isso é outro assunto

10 - Você costuma ver muito lixo espalhado pela sua freguesia? Pela cidade? Cada vez mais, as pessoas tem cada vez menos cuidado com o lixo e colocam em qualquer lugar. Mas isso também se deve a Câmara de Lisboa, que não disponibiliza os meios necessários, falo isso em exemplos práticos e pessoas na rua onde morei muitos anos, na Graça, estive sem lixeira, uns 4 ou 5 anos, foi pedido para a Câmara, mas até hoje nada. As vezes os caixotes de lixo são pequenos demais, já que há alguns anos as famílias eram menores, o lixo era produzido em menos quantidade e estas eram adequadas. Hoje o tamanho delas deixa a desejar, já que hoje há mais pessoas, mais lixo, e o caixote continua o mesmo. Ainda me relação a Graça, o primeiro ecoponto que foi lá disponibilizado foi um amigo meu que fez o pedido. O mais próximo ficava perto da Baixa, e então a Graça ganhou. Desde meus 8 anos já separávamos em casa.

Nas zonas velhas de Lisboa existe a grande propensão à proliferação de animais e insetos, como ratos e baratas. Se hoje não são vistos pelas ruas não é pela falta de lixo, mas sim pelos produtos químicos que são colocados para os matar. Na Baixa de Lisboa, mesmo com a grande quantidade de estrangeiros e turistas, é tudo muito sujo. Não porque eles sujaram os locais, mas também porque a própria população não cuida. É como receber uma pessoa em sua casa, e ela estar imunda. Acho que é

assim que deveria ser em Lisboa. O português quer mostrar que tem um país organizado, mas assim fica difícil, com essa mentalidade fica difícil.

11 - Você considera Lisboa uma cidade limpa? Se sim, conte-me a razão. Pelo que já relatei, ela é suja ao meu ponto de vista.

12 - Para você, pensar no que fazer com os seus resíduos é uma preocupação constante ou é algo que você não lembra durante o dia e o faz de maneira automática? Acredito que faço de forma mais automática, não penso muito. Tenho a tendência a separar.

13 - Na sua casa, você costuma separar o lixo: papel, orgânico, embalagens, metal? Agora mais ou menos, cartões, vidro isso eu não misturo. Mas no mais acaba indo tudo para o mesmo lugar.

14 - Você já vivenciou uma situação, entre amigos, familiares ou desconhecidos, que poderia deixar a cidade suja? Pode descrevê-la? Todos os dias vejo algo desse tipo. Todos os dias as pessoas fumam e jogam as bitucas no chão, comem uma bala e o papel vai para o chão. Se comem algo e não há lixeira perto, a embalagem vai para o chão também. Mesmo os estrangeiros, muitos não fazem pela sua cultura nacional, mas alguns fazem em outros países.

15 - Como avalia sua postura em relação ao lixo? Acho que sou uma pessoa bem preocupada. No meu carro há sempre lixo, tudo que consumo estando dirigindo, espero acumular para que depois colocar no local correto. Não fumo, mas sempre que vejo pessoa a jogarem a bituca para o chão, eu chamo a atenção.

16 - Pensa que o assunto “lixo” é discutido suficientemente nas escolas, na televisão, pelo governo? São discutidos, mas para ser aperfeiçoado isso não vejo acontecer. Existe publicidade, como o vidro que tornam a fazer outras garrafas, papel que fazem reciclado para utilizar nas empresas, mas são campanhas que depois param. Por exemplo, se eu tiver uma empresa, é complicado como empresário comprar um papel reciclado para usar com meus funcionários, já que esse produto é muito mais caro que o convencional.

Acho que esse tipo de tecido que já existe, de material reciclado, ao invés de comercializar por um valor tão alto, eu gostaria de ver serem distribuídos para as pessoas que não tem roupas, pessoas mais carentes e sem tantos recursos financeiros. É o caso das camisetas da seleção nacional, que fizeram deste material e poucas vendas foram feitas. Acho que tudo corre em volta da publicidade, mas ação prática não muito. Vejo que a Câmara lava as ruas durante a noite, mas do que adianta se no dia seguinte vai estar tudo sujo de novo. As próprias pessoas não melhoram.

17 - A sua atitude em relação a limpeza urbana mudou com o passar dos anos? Não sinto que mudei tanto, já que fui educado a sempre ter um cuidado especial com o lixo. No carro, por exemplo, tenho os compartimentos sempre cheios, pois ao final de alguns dias eu junto todas as embalagens e o que

guardei e coloco fora, isso para não ter que abrir o vidro e despejar na rua. Também não fumo, mas sempre critico as pessoas que colocam as bitucas no chão, assim como manda isso, o papel de bala, vai acabar mandando uma embalagem para o chão também. As pessoas enxergam uma lixeira cheia e mesmo assim jogam o lixo ali, mesmo que vá para o chão. Passando pelos Anjos é comum ver lixeiras transbordando.

18 - A forma como você lida com o lixo poderia ser enquadrada da mesma forma que seus pais e avós tratam os resíduos? No meu seio familiar fomos todos criados na base da mesma educação, a de ter cuidado com o lixo. Mas há crianças hoje que você vê nos parques em Lisboa que jogam papéis de bala ou bolachas no chão e os pais não falam nada. A partir do momento que você não repreende uma criança a não jogar lixo no chão, ela não desenvolve esse tipo de preocupação. Para mim independe da idade, e sim da criação.

19 - Qual a sua opinião sobre as pessoas que trabalham com o lixo? Eu acho que o trabalho deles é visto como “remar contra a maré”. Todos os dias apanham, todos os dias haverá. Há falta de respeito com estas pessoas.

20 – Como acredita que elas sejam tratadas pela população? Acho que não muito bem.

21 – Como respondem pela limpeza urbana na cidade de Lisboa as pessoas que executam esta função? Você já teve alguma experiência sobre isso? Conte-me qual foi, se a resposta for sim. Não tenho nenhuma recordação disso que posso ressaltar.

22 – Já viajou para fora de Lisboa ou Portugal? Se sim, onde? Já viajei para algumas cidades, tanto dentro como fora de Portugal.

23 - Se pensar no lixo de outras cidades, ou países, pensa que Lisboa está melhor ou pior, ao fazer uma comparação? Pode explicar como? Em Londres não vi muito lixo, claro que já vi cidades mais sujas que Lisboa, mas vi muitas mais limpas. Na verdade não precisas ir para o estrangeiro para ter essa comparação. Mafra por exemplo é uma cidade muito limpa. Se comparar Lisboa com países nórdicos, a diferença é grande, já que a cultura deles é de serem metódicos e organizados.

**APÊNDICE H - Entrevista nº 8 – realizada com Inês no dia 19/07/2016**

- 1 - Qual seu nome completo? Inês Almeida Coutinho
- 2 - Quantos anos tem? 24 anos
- 3 - Onde nasceu? Lisboa
- 4 - Onde nasceram os seus pais? Cascais
- 5 - Para você, existe uma maneira lisboeta/alfacinha de ser? Simpáticas, acolhedoras, principalmente as estrangeiras, extrovertidas, pelo menos é o que ouço nas conversas de ônibus, de bairro. Ao mesmo tempo, são pessimistas, assim como um pouco da personalidade de tristeza do português, típico “vai se andando”, ao contrário do brasileiro que sempre está bem, mesmo se estando mal. É um povo apegados as festas, romarias, aos Santos, culturas e as tradições
- 6 - Você se sente como um(a) lisboeta/alfacinha? Identifico-me com os tipos de festejos tradicionais que ocorrem na cidade.
- 7 - Qual é a sua profissão? Estudante
- 8 - Qual é a sua atividade profissional atualmente? Estudante de mestrado – Gestão Cultural
- 9 - Para você, o que quer dizer “lixo”? Pilhas de lixo de Lisboa
- 10 - Você costuma ver muito lixo espalhado pela sua freguesia? Pela cidade? Nós olhamos para lixeiras, e é comum ver muito lixo na volta. Moro na freguesia de São Vicente. Vejo muito lixo pela cidade, por exemplo, na Graça, onde morei por mais de um ano, no largo da graça mais especificamente, onde existe 3 contentores para o local inteiro, é raro não se ver o lixo transbordar para fora, em finais de semana, feriados, é mesmo nojento. A maioria das pessoas tem o hábito de colocar seu lixo em qualquer lixo que vê, por exemplo, se passa por uma lixeira que está cheia, não espera para encontrar uma próxima, coloca ali mesmo, mesmo que aquilo vá para o chão. Mas acredito que a culpa por isso também seja da Câmara de Lisboa, que não faz o recolhimento como deveria, com regularidade.
- 11 - Você considera Lisboa uma cidade limpa? Se sim, conte-me a razão. Não é limpa, tanto por essa situação dos lixos, como os hábitos das pessoas. Elas andam na rua e tenho visto situações que colocam tudo no chão, papel, cigarro, latas, embalagens. Elas não tem esse cuidado. É uma cidade com hábitos sujos. As ruas não estão limpas, não se podem sentar nas calçadas, por exemplo. Principalmente zonas do centro como a da Baixa, onde deveria ser ainda mais limpa por causa do grande número de turistas, não é. Além disto, existe o problema dos cães, que os donos não apanham os cocôs que os animais fazem quando estão passeando nas ruas.

12 - Para você, pensar no que fazer com os seus resíduos é uma preocupação constante ou é algo que você não lembra durante o dia e o faz de maneira automática? Ao meu lixo é preocupação diária. Não gosto de vê-lo lá fora, e retiro-o sempre da minha casa, mantendo-a limpa.

13 - Na sua casa, você costuma separar o lixo: papel, orgânico, embalagens, metal? Não separo, para ser sincera.

14 - Você já vivenciou uma situação, entre amigos, familiares ou desconhecidos, que poderia deixar a cidade suja? Pode descrevê-la? Festas de Lisboa, quando vivi na Graça, as festas populares dos Santos, aquilo foi um pesadelo. Isso reflete os hábitos dos lisboetas de uma forma concentrada. É das épocas mais “nojentas” na cidade. Na Graça, na Alfama, só veremos lixo. Eu acho que as pessoas quando veem lixo no chão tem a tendência de, ao invés de não seguir o exemplo, parecem que usam o fato de outras pessoas já terem feito, para fazer o mesmo, por isso jogam tudo para o chão sem se preocupar muito. Não gostam, reclamam, mas fazem as mesmas coisas.

Tenho uma amiga que é asiática e ela não anda pelas calçadas por causa dos cocôS dos cachorros nas calçadas. Aí nota-se a diferença dos hábitos entre nós e outras nacionalidades. Além de não ter podido sentar ou estar confortável em algum local com amigos, por ter lixo. Em um parque por exemplo. Outra vez vi algo que achei muita falta de respeito com o senhor do lixo. Uma mulher jogou uma garrafa plástica no chão, tendo um gari tão próximo varrendo.

15 - Como avalia sua postura em relação ao lixo? Acho que existiu a fase da reciclagem, que foi bastante debatida, com muitas campanhas publicitárias, nos outdoors, mas acho que tudo isso foi um pouco esquecido. Não se ouve falar nos contentores de reciclagem, e acho que as pessoas não costumam fazer muito.

16 - Pensa que o assunto “lixo” é discutido suficientemente nas escolas, na televisão, pelo governo?

17 - A sua atitude em relação a limpeza urbana mudou com o passar dos anos?

18 - A forma como você lida com o lixo poderia ser enquadrada da mesma forma que seus pais e avós tratam os resíduos? Parece muito com a visão dos meus pais, já que tive uma educação para isso desde cedo. Fui habituada a não colocar lixo no chão, não ter lixo em casa e mantê-lo no local correto, fazer reciclagem. Com os avós é diferente, meus pais tem uma mentalidade mais moderna. Meus avós não tem tanto cuidado assim com o lixo. Não que joguem lixo no chão, mas a preocupação é diferente. Talvez para eles não importe ou incomode tanto o lixo. Cada vez há o cuidado maior, mas na minha visão dos mais velhos, eles seguem o mesmo ritmo, de não ter tanta preocupação.

19 - Qual a sua opinião sobre as pessoas que trabalham com o lixo? Trabalho complicado. Não acredito que seja fácil, mas tem que haver quem faça. Penso que alguns deles podem ser ex-presidiários, e talvez por isso só consigam esse tipo de emprego, pessoas talvez sem estudo. Não que

isso seja um problema, mas que talvez não tiveram outras oportunidades. Alguns são novos, e talvez eles não tenham cuidado já que fazem por obrigação. Mas vejo igual ocorrendo com os mais velhos, no entanto em termos de comportamento eles são um pouco mais cuidadosos. É uma profissão como outra qualquer, mas é uma maneira de ajudar a cidade. Podem ser pessoas castigadas e talvez por isso não fazem o trabalho tão bem feito. Acho que também deve ser complicado o trabalho em si, já que além de varrem, por exemplo, precisam coletar o lixo que deveria estar dentro da lixeira, mas está na volta, pois as pessoas não o fazem. Ou seja, acho que não há uma facilidade por parte dos cidadãos para que eles executem suas funções. As pessoas que trabalham e dos cidadãos podem ser semelhantes em relação ao descuido com o lixo e com a cidade. Se os lisboetas tivesse um pouco mais de cuidado com seu lixo, o trabalho destas pessoas seria muito mais fácil, e trabalhariam para ter uma cidade cada vez mais limpa, porém por verem tanto descuido e despreocupação, assumem esse caráter de “amanhã vai estar sujo igual”. Algumas vezes eles podem sentir-se humilhados, pois os cidadãos enxergam o trabalhador como alguém que está ali para servir, para cuidar mesmo do lixo e por isso eles ganham e devem cuidar.

Os trabalhadores têm uma profissão como outro qualquer. Eles merecem ganhar bem por tudo que tem que limpar. Devem mesmo fazer greves para pedir salários melhores.

20 – Como acredita que elas sejam tratadas pela população? Péssimo, claro que há as educadas, mas as pessoas, em sua maioria, são mal-educadas. Algumas pessoas ignoram o trabalhador que está na rua, como se ele fosse inferior.

21 – Como respondem pela limpeza urbana na cidade de Lisboa as pessoas que executam esta função? Você já teve alguma experiência sobre isso? Conte-me qual foi, se a resposta for sim. Já vi muitos destes trabalhadores serem descuidadas, pois normalmente eu já os vi arrastarem os caixotes contra os carros, por exemplo. Acho que tudo é feito com pressa e sem cuidado.

22 – Já viajou para fora de Lisboa ou Portugal? Se sim, onde? Holanda

23 - Se pensar no lixo de outras cidades, ou países, pensa que Lisboa está melhor ou pior, ao fazer uma comparação? Pode explicar como? Menos limpa, posso comparar com Amsterdam, onde não se vê lixo nas ruas, claro que pode ocorrer um situação ou outra, mas há um cuidado por parte dos cidadãos em não jogar lixo para o chão, cuidar mais da cidade em comparação com o lisboeta. Em vilas menores em Portugal, não se vê as pessoas jogando lixo ao chão.

**APÊNDICE I - Entrevista nº 9 – realizada com Marco no dia 21/07/2016**

1 - Qual seu nome completo? Marco Santos

2 - Quantos anos tem? 34 anos

3 - Onde nasceu? Lisboa

4 - Onde nasceram os seus pais? Pombal

5 - Para você, existe uma maneira lisboeta/alfacinha de ser? Eu nasci em Lisboa, mas nunca morei mesmo na capital e sim em Cacém. Acho que isso faz uma grande diferença, pois como fui criado fora dos limites do centro da cidade, e sim na periferia. Dessa forma a minha influência veio dos meus pais, que são do centro do país.

6 - Você se sente como um(a) lisboeta/alfacinha? Sinto-me lisboeta na medida que adoro a cidade, mas não posso dizer que sinto um orgulho absurdo por ter nascido na cidade. Acho que a característica marcante é a adoração por ser um Alfacinha, principalmente das pessoas que nascem e vivem em Lisboa, que demonstram todo o seu orgulho nas festas populares, por exemplo.

7 - Qual é a sua profissão? Informático/programador

8 - Qual é a sua atividade profissional atualmente? Gerente da área de TI

9 - Para você, o que quer dizer “lixo”? Depende do lixo: tem o lixo o que produzimos em casa, mas tem o lixo na rua, por exemplo as bitucas de cigarro jogadas no chão, o que as pessoas causam com suas ações na cidade como um todo.

10 - Você costuma ver muito lixo espalhado pela sua freguesia? Pela cidade? Não tanto, apenas em locais muito específicos, no geral não muito.

11 - Você considera Lisboa uma cidade limpa? Se sim, conte-me a razão. Particularmente eu acho a cidade de Lisboa limpa. No entanto, tiro essa conclusão com base em outras cidades que já conheci, tanto dentro de Portugal, como fora. Obviamente penso que podia estar melhor e que depende da zona.

12 - Para você, pensar no que fazer com os seus resíduos é uma preocupação constante ou é algo que você não lembra durante o dia e o faz de maneira automática? Acredito que isso não é uma coisa que está (ou não estava) embutido na cultura da maioria dos portugueses. Penso que existem progressos nos últimos anos. Portanto, para mim não é uma coisa natural pensar em separar e reciclar o meu lixo. Na última década penso eu, há um incentivo maior para sensibilizar as pessoas para este tema, mas ainda é um processo. Houve uma melhoria, mas ainda não é uma preocupação constante por parte dos lisboetas ou dos portugueses numa maneira geral.

13 - Na sua casa, você costuma separar o lixo: papel, orgânico, embalagens, metal? Separo orgânico de plástico e metal.

14 - Você já vivenciou uma situação, entre amigos, familiares ou desconhecidos, que poderia deixar a cidade suja? Pode descrevê-la? Posso elencar as lixeiras no escritório onde trabalho, onde a média de idade é de pessoas com 25 a 35 anos. É uma empresa de comunicação, portanto, parte-se do pressuposto de que as pessoas tem total acesso à informação e a grande maioria deles tem formação acadêmica. Na cozinha há lixeiras para separar lixo orgânico, plástico e metal. No entanto, é comum ver os lixos todos misturados. Acho que o ponto a ser destacado aqui é que as pessoas não se preocupam, talvez não tenham sido educadas assim. Acredito que filhos e netos já terão isso enraizado com mais facilidade que a minha geração, que passou pelo processo transitório. A não ser que o governo passe a cobrar multas, aí talvez as pessoas se obriguem a tomar consciência com maior rapidez, por ter a questão da punição.

15 - Como avalia sua postura em relação ao lixo? Como informei antes, acho que tenho uma preocupação, um esforço, mas ainda preciso evoluir para que minhas ações se tornem naturais.

16 - Pensa que o assunto “lixo” é discutido suficientemente nas escolas, na televisão, pelo governo? Acho que sim, até porque antes isso não era debatido de todo. Acredito que há muito ecopontos espalhados pela cidade, vejo investimento claro por parte dos governantes em esclarecer sobre o assunto em publicidades, tanto em *outdoors* como em televisão, portanto, há um empenho da autarquia para esta questão.

17 - A sua atitude em relação a limpeza urbana mudou com o passar dos anos? Sim, houve uma evolução a medida que fui me informando mais e sendo mais sensibilizado para este tema.

18 - A forma como você lida com o lixo poderia ser enquadrada da mesma forma que seus pais e avós tratam os resíduos? Acho que não. Eu fui educado a respeitar o meio ambiente, mas meus pais não tinha ainda essa conscientização ecológica e me criaram separando o lixo. Já não vivo com meus pais a pelo menos 10 anos, mas quando estava lá, eles não faziam separação de lixo em casa. Com os avós a mesma coisa, eles nunca falaram comigo sobre esse tipo de questão e nunca os vi fazer separação.

19 - Qual a sua opinião sobre as pessoas que trabalham com o lixo? É um trabalho bastante importante. Todas as profissões são iguais ao meu ver e não faço distinção de um médico para um lixeiro, visto que ambos lidam com a saúde pública da população, em suas diferenças.

20 – Como acredita que elas sejam tratadas pela população? Acredito que não dão o devido valor, mas isso é uma visão geral e não só lisboetas. Quando vives uma forma automatizada, sabendo que todos os dias haverá alguém para recolher seu lixo, lavar as ruas, a valorização acaba por não ocorrer e sim quando há a falta destes serviços. Com certeza não devem ser bem pagos, as condições de trabalho não são as melhores.

21 – Como respondem pela limpeza urbana na cidade de Lisboa as pessoas que executam esta função? Você já teve alguma experiência sobre isso? Conte-me qual foi, se a resposta for sim. Todos os dias que estou no trânsito e vejo motoristas jogarem papéis e bitucas de cigarro pela janela do carro. Acredito que isso tem haver também com uma questão de civismo e respeito com o seu próximo. Eu não fumo, mas não sinto que faltam lixeiras espalhadas pela cidade, por isso acho revoltante quando um fumador joga sua bituca no chão, sendo que é algo fácil juntá-lo e depositá-lo num local próprio.

22 – Já viajou para fora de Lisboa ou Portugal? Se sim, onde? Alemanha, Buenos Aires

23 - Se pensar no lixo de outras cidades, ou países, pensa que Lisboa está melhor ou pior, ao fazer uma comparação? Pode explicar como? De uma forma geral eu não acho que esteja tão mal. Se compramos com países nórdicos como a Alemanha, estamos piores. No entanto em relação a Buenos Aires, estamos infinitamente melhores, aí depende da realidade do país comparado.

**APÊNDICE J - Entrevista nº 10 – realizada com Maria João no dia 21/07/2016**

1 - Qual seu nome completo? Maria João da Costa Godinho Belo

2 - Quantos anos tem? 34 anos

3 - Onde nasceu? Lisboa

4 - Onde nasceram os seus pais? Lisboa

5 - Para você, existe uma maneira lisboeta/alfacinha de ser? Sim, e depende do bairro. Há zonas muito típicas. Mãe e avó nasceram na Graça e tem como característica serem muito bairristas. Em décadas passadas, no tempo delas, havia muitas vilas de operários e fábricas junto a zonas para cima de Santa Apolónia, e este tipo de pessoas tinha um comportamento diferenciado. Onde elas viveram, ao lado da Feira da Ladra, a mais antiga de Portugal, todas estas questões acabam por influenciar as pessoas dali. Minha mãe conta que as crianças brincavam na rua, que eram muito ingrimes. Já meu pai, mesmo nascendo em Lisboa, tem origem familiar de Tomar, com pais construtores civis, e cresceu no Campo Pequeno, uma zona nova e chique, e as brincadeiras dele, quando criança eram diferentes. Ele cresceu em casa maior, em local onde era comum haver esplanadas, avenidas largas, lojas melhores, havia espaço para carros, tudo muito diferente da Graça. Portanto acho que o comportamento geográfico influenciava a maneira do lisboeta crescer, a forma de estar e ver a cidade. A cultura em Lisboa é muito enraizada e a cidade é muito cosmopolita. Lisboa é diferente, o lisboeta é diferente, se comparado a outras cidades e mesmo dentro de Lisboa há diferenças entre lisboetas.

6 - Você se sente como um(a) lisboeta/alfacinha? Depois de Lisboa, minha família foi viver em Cascais, mas é uma cidade praiana, vila dormitório, transitória e turística. Assim que pude voltei para Lisboa. A maneira de falar é diferente. O lisboeta possui um jeito de ser mais confortável, despreocupado. Como lisboeta eu prefiro jardins a praias, ver partes históricas da cidade. Sinto que sou feliz e tenho qualidade de vida por trabalhar e viver em Lisboa. Quem não nasce em Lisboa odeia a ideia de estar na confusão da cidade grande, eu não.

Lisboeta gosta mas não sente necessidade de praia, e sim curtir a própria cidade, lojas, ruas, restaurantes. A tasquinha, bares a noite, é uma necessidade de aproveitar e valorizar a cidade, bairrista e tem muito orgulho. Acho que o lisboeta pode ser comparado ao nova-iorquino, que ama sua cidade e orgulha-se do pertencimento. É um fanatismo que vem crescendo, após a fase que não era assim. Houve uma época que as pessoas deixaram a cidade e ela tornou-se habitada somente por pessoas idosas.

Por exemplo, houve um crescimento em Lisboa após o regresso dos reformados da África que voltaram para morar nos recém construídos subúrbios (Odivelas, Loures) e houve muita migração na década de 60 e 70. Então, nos últimos 10 anos, houve um retrocesso a partir das políticas de incentivo

em restauração e de atração, para trazer de volta os lisboetas, principalmente os jovens e o turismo. Voltou a ser chique morar em Lisboa e o próprio comércio vem atraindo os lisboetas da minha geração. Há segurança, ciclovias, transporte, tudo é melhor para criar as crianças.

7 - Qual é a sua profissão? Licenciada em Comunicação e pós-graduada em Marketing

8 - Qual é a sua atividade profissional atualmente? Assistente de marketing

9 - Para você, o que quer dizer “lixo”? Caixotes amarelos, azul e cinzentos: reciclagem

10 - Você costuma ver muito lixo espalhado pela sua freguesia? Pela cidade? Não vejo. No Campo Pequeno, cada prédio tem a sua gestão de separação de resíduos, foi complicado as regras de ter dias específicos para recolha, mas depois de um tempo as pessoas aceitaram e se adaptaram. Ainda vejo móveis, mas que logo as pessoas carentes pegam ou a Câmara disponibiliza serviços para recolha. Acho que os próprios fumadores já começam a ter mais consciência e colocam menos suas bitucas no chão.

11 - Você considera Lisboa uma cidade limpa? Se sim, conte-me a razão. Acho que é uma cidade que está evoluindo, mas que está muito melhor. Acho que o povo português reclama um pouco quando há mudanças. Mas aos poucos acabam por absorver a nova informação e colocam em prática. Exemplo disso foi quando fumar em locais fechados passou a ser proibido.

12 - Para você, pensar no que fazer com os seus resíduos é uma preocupação constante ou é algo que você não lembra durante o dia e o faz de maneira automática? Para mim é automático.

13 - Na sua casa, você costuma separar o lixo: papel, orgânico, embalagens, metal? Separo vidro, plásticos, papel e orgânico.

14 - Você já vivenciou uma situação, entre amigos, familiares ou desconhecidos, que poderia deixar a cidade suja? Pode descrevê-la? Não sou radical, por isso se vejo jovens colocarem no chão, eu falo com eles e peço para colocar no local certo como já o fiz. Talvez por ter mais idade e isso gera certo respeito. O educar não pode ser só feito pelos pais e avós, acho que cabe as próprias pessoas educarem-se uns aos outros. Gostava que os mais velhos parassem cuspir no chão, mas sei que isso é culturalmente enraizado neles.

15 - Como avalia sua postura em relação ao lixo? Acho que sempre podemos melhorar, mas acredito que coloco em prático tudo o que sei sobre o tema. E tento passar tais ensinamentos para minha filha.

16 - Pensa que o assunto “lixo” é discutido suficientemente nas escolas, na televisão, pelo governo? Avalio que a comunicação sobre a reciclagem feita pelo governo é destinada para crianças. Quando na cidade passou-se a falar em reciclagem, penso que a estratégia adotada foi genial, pois não adianta muito querer reeducar adultos, por isso os mais jovens foram o foco. Realizando campanhas deste tipo, os idosos também acabam por ser influenciados, pois como aposentados e com tempo de sobra,

assistem mais televisão, por exemplo. A 3ª idade para mim também foram grandes responsáveis por começar esse movimento para a separação.

17 - A sua atitude em relação a limpeza urbana mudou com o passar dos anos? Mudou, com 16 anos fumava e colocava bituca fora. Hoje sou incapaz de fazer. Fui educada e uma conscientização ambiental e a comunicação da poluição esteve na moda. Tudo era pretexto sobre a camada de ozônio. Parou de ser falado, publicitado e agora já há a prática da coisa. Houve uma curva de aprendizagem. Era normal antes colocar lixo no chão, hoje se eu vejo me causa aflição. Na minha filha não lhe passará pela cabeça, pois ela não costuma ver, não dou exemplo. Espero que ela cresça diferente de mim.

18 - A forma como você lida com o lixo poderia ser enquadrada da mesma forma que seus pais e avós tratam os resíduos? Penso que sim. Como eu falei antes a respeito da terceira idade, foram as minhas duas avós que mais me educaram para a reciclagem. Uma, vindo de Tomar e com poucos estudos, e a outra, lisboeta e que terminou a escola formal. A opinião das duas era a mesma e elas absorveram bem o que aprenderam sobre a separação na época que o assunto passou a ser debatido. Meus pais, em Tomar, usavam o lixo orgânico para fazer fertilizantes e compostagem, e em Lisboa há quem faça, são pessoas com pensamento a frente, mas que daqui a pouco mais pessoas podem começar a fazer.

19 - Qual a sua opinião sobre as pessoas que trabalham com o lixo? Acho que devia ser mais respeitada. Trabalhava no Saldanha e todos os dias estavam os senhores a limpar os copos de cerveja, havia lixo que não cabia nas lixeiras, há preocupação da Câmara em relação ao local. Eu passava e dizia bom dia, mas reparava que as pessoas não faziam. Há cada vez mais jovens, não sei porque, nem o tipo de incentivo. Mas para mim são normais e talvez não tenham muito de estudo.

20 – Como acredita que elas sejam tratadas pela população? Elas são invisíveis para as pessoas. Penso que há pessoas que enxergam a profissão como algo depreciativo, não costumam falar com elas.

21 – Como respondem pela limpeza urbana na cidade de Lisboa as pessoas que executam esta função? Você já teve alguma experiência sobre isso? Conte-me qual foi, se a resposta for sim. Acho que executam bem.

22 – Já viajou para fora de Lisboa ou Portugal? Se sim, onde? Holanda

23 - Se pensar no lixo de outras cidades, ou países, pensa que Lisboa está melhor ou pior, ao fazer uma comparação? Pode explicar como? Se comparada a Holanda é pior. Por exemplo, em 2003, fiquei impressionada pela polícia ter dado uma multa a uma pessoa que estava a minha frente e que jogou o lixo no chão. Nesta altura a reciclagem era um tema em desenvolvimento em Portugal, e ainda hoje, não se faz isso em Lisboa. Não sei como está atualmente, mas isso me marcou. Também sei que os nórdicos são culturalmente diferentes de nós. A cultura do latino, como nós, é diferente. Não é por mal, mas se não for uma regra imposta, não são cumpridas.

**APÊNDICE K - Entrevista nº 11 – realizada com Manuel no dia 26/07/2016**

1 - Qual seu nome completo? Manuel Bento

2 - Quantos anos tem? 59 anos

3 - Onde nasceu? Lisboa, Santa Maria dos Olivais

4 - Onde nasceram os seus pais? Lisboa

5 - Para você, existe uma maneira lisboeta/alfacinha de ser? Uma pessoa que tem orgulho da sua terra, com princípios e ideias, apegado às raízes. Receptivos e bem-humorados.

6 - Você se sente como um(a) lisboeta/alfacinha? Sem dúvida.

7 - Qual é a sua profissão? Assistente operacional - Remoção do lixo, funcionário da Câmara de Lisboa. Sou concursado, passei por testes psicotécnicos e tenho curso de Segurança e Higiene do trabalho.

8 - Qual é a sua atividade profissional atualmente? Fui gráfico por muitos anos. Hoje sou assistente operacional, há 10 anos

9 - Para você, o que quer dizer “lixo”? É um amontoado de resíduos que as pessoas fazem, que algumas tem consciência embalam e colocam no contentor de lixo. Outras apenas colocam fora de casa, para se livrar.

10 - Você costuma ver muito lixo espalhado pela sua freguesia? Pela cidade? Somente eu, como funcionário, e mais um colega, tiro todas as noites 12 toneladas de lixo com o caminhão. Somente 6 horas de trabalho e de todo o tipo de qualidade de lixo. Eu diria que 50% da população faz reciclagem. As pessoas que não fazem realmente não estão nada preocupadas com o destino do seu resíduo. Vejo sim muito lixo espalhado no chão e muita sujidade.

Não há capacidade por parte da Câmara de Lisboa para dar vazão a quantidade de lixo produzido pela população, tanto da lisboeta quanto aos estrangeiros e turistas. Não tem material suficiente. Minha conclusão é que a Câmara de Lisboa não está preparada para o “boom” que entrou na nossa cidade. Os caminhões estão obsoletos e fazem muito barulho, as lixeiras são insuficientes e estão sempre cheias. O carro que transporta o lixo não passa nas artérias dos bairros, acontece que os lixeiros precisam arrastar os contentores para onde o veículo passa, e isso faz mesmo muito ruído e incomoda a população durante a noite, mas isso não há muito o que fazer.

As festas de Lisboa geram montanhas de lixo, é uma sujidade sem tamanho. Se os lixeiros fizessem greve nesses dias, as pessoas não andariam por aquelas ruelas, em Alfama por exemplo. Na minha opinião, os próprios vendedores das barracas deviam ter mais consciência e não deixar acumular tanto

lixo. Apesar dos lisboetas gostarem de ver a cidade limpa, a maioria parte deles não se importam. Não há preocupação com o próximo ou com quem vem limpar. Bitucas de cigarro, por exemplo, mesmo tendo cinzeiros, vai tudo para o chão. Isso acontece com garrafas, copos. As pessoas utilizam mal os ecopontos, colocando coisas nos lugares errados ou mesmo no chão.

11 - Você considera Lisboa uma cidade limpa? Se sim, conte-me a razão. Quando as pessoas acordam, as pessoas gostam de ver a cidade limpa. Digo pelos alfacinhas, gostam de ver a sua cidade limpa, independente da hora. Mas infelizmente todos produzem lixo e a preocupação não é exemplar.

12 - Para você, pensar no que fazer com os seus resíduos é uma preocupação constante ou é algo que você não lembra durante o dia e o faz de maneira automática? É constante, já que faz parte do meu cotidiano.

13 - Na sua casa, você costuma separar o lixo: papel, orgânico, embalagens, metal? Separo, e como funcionário, tenho o dever de fazer a reciclagem. As vezes não dá muito. É preciso destacar que com a reciclagem e os ecopontos, há uma diminuição de mão-de-obra humana, já que são as máquinas que fazem o trabalho de separação de forma automática. Mas temos que evoluir, por isso tem que haver.

14 - Você já vivenciou uma situação, entre amigos, familiares ou desconhecidos, que poderia deixar a cidade suja? Pode descrevê-la? Eu vejo lixo todos os dias, afinal trabalho com isso. Mas, por exemplo, é comum ver mendigos buscando alimentos no lixo para comer. Sei que não é a culpa deles, já que a cidade não está preparada para os tratar bem, mas eles não se importam com o lixo na cidade. Ao catar comida nas lixeiras, não se preocupam em deixar no chão tudo o que não lhes serviu. Isso influencia diretamente nosso trabalho, que parece que trabalhamos em vão.

15 - Como avalia sua postura em relação ao lixo? Acho que sou condizente. Faço em casa o que espero que as pessoas façam para facilitar o meu trabalho.

16 - Pensa que o assunto “lixo” é discutido suficientemente nas escolas, na televisão, pelo governo? Acho que não. As vezes existem discussões e convenções dentro da Câmara, mas na prática não vejo muito. Os cidadãos já receberam as informações, mas penso que já esqueceram, pois não fazem tanto.

17 - A sua atitude em relação a limpeza urbana mudou com o passar dos anos? Mudou para melhor, não só eu pessoalmente, mas como profissional. Antigamente não havia rodas nos contentores e o lixo deveria ser carregado nas costas pelos trabalhadores, hoje é facilitado pela mobilidade. Destaco também a tampa nas lixeiras, já que antes tudo ficava a céu aberto e a proliferação de insetos era enorme. Por serem fechados atualmente, isso melhorou muito as condições de saúde pública. Portanto, acredito que evoluiu, mas está longe do ideal.

18 - A forma como você lida com o lixo poderia ser enquadrada da mesma forma que seus pais e avós tratam os resíduos? É diferente, pois muita coisa mudou. Antigamente havia as chamadas montureiras, ou seja, as pessoas apenas acumulavam tudo nas ruas e depois vinha o caminhão e recolhia. O

problema é que havia problema de ratos e insetos. Naquela altura as condições não eram boas. Hoje existe processos e fábricas de reciclagem e incineração, o que facilita e melhora a qualidade de vida dos habitantes.

19 - Qual a sua opinião sobre as pessoas que trabalham com o lixo? Não possui Infraestrutura necessária por parte da Câmara para executar bem seu serviço, a cidade cresceu muito e o turismo se desenvolve aceleradamente e não há pessoal necessário para fazer a recolha. Tem pessoas de várias idades para executar o trabalho, desde 20 até 70 anos.

20 – Como acredita que elas sejam tratadas pela população? A população nos trata muito mal, não tem respeito por este trabalhador, chamam-nos por palavrões, jogam sacos de lixos nos funcionários, jogam água pela janela durante a madrugada pelo barulho que o caminhão faz. É um trabalho arriscado não só pela saúde já que corremos riscos de cortes com objetos quebrados, pegarmos alguma doença ao tocarmos acidentalmente em seringas e objetos infectados, mas também pela segurança, pois temos também que passar por locais problemáticos que podem trazer riscos para os trabalhadores, onde há drogas e pessoas violentas. Ou seja, todo o tipo de maus tratos que sofremos precisamos nos calar, já que a instituição para a qual trabalhamos não quer que tenhamos problemas com a população.

Por favor, acrescente aí também que somos muito mal pagos.

21 – Como respondem pela limpeza urbana na cidade de Lisboa as pessoas que executam esta função? Você já teve alguma experiência sobre isso? Conte-me qual foi, se a resposta for sim. Acho que fazem o trabalho de maneira organizada para aquilo que lhe é oferecido pela autarquia como material. Alguns caminhões estão em funcionamento a mais de 40 anos, e a manutenção deles não é rigorosa, por isso as vezes fazem tanto barulho, lançam a fumaça preta que faz muito mal para a respiração dos trabalhadores que ficam atrás do veículo. Portanto, acho que de acordo com o que possuem, os cantoneiros fazem até bem o seu serviço, afinal a cidade acorda sempre limpa após a nossa passagem diária.

22 – Já viajou para fora de Lisboa ou Portugal? Se sim, onde? Holanda

23 - Se pensar no lixo de outras cidades, ou países, pensa que Lisboa está melhor ou pior, ao fazer uma comparação? Pode explicar como? Para aquilo que temos: material obsoleto, falta de pessoal, apesar de ver muita sujeira, ainda considero a cidade limpa. Já tenho visto cidades mais sujas até a nível internacional. Tenta-se manter a organização. Destaco a Holanda que se as pessoas jogam lixo no chão, são multadas.

**APÊNDICE L - Entrevista nº 12 – realizada com João Rosário no dia 27/07/2016**

- 1 - Qual seu nome completo? João David Ferreira do Rosário
- 2 - Quantos anos tem? 26 anos
- 3 - Onde nasceu? Lisboa, São Sebastião da Pedreira
- 4 - Onde nasceram os seus pais? Pai nasceu em Orique, no Alentejo e a mãe nasceu em Cruz, no Ribatejo
- 5 - Para você, existe uma maneira lisboeta/alfacinha de ser? Para mim não existe uma maneira única de ser alfacinha, pois hoje em dia já existe uma multiculturalidade muito grande em Lisboa, claro que sempre existe tradicionalismo relacionado com a vida urbana, mas não me identifico muito com isso.
- 6 - Você se sente como um(a) lisboeta/alfacinha? Não me identifico com o que referi, sobre o tradicionalismo da vida urbana.
- 7 - Qual é a sua profissão? Gestor financeiro
- 8 - Qual é a sua atividade profissional atualmente? Consultoria financeira em uma empresa de construção civil.
- 9 - Para você, o que quer dizer “lixo”? É tudo aquele desperdício que o ser humano não precisa mais utilizar na sua rotina. Todo o material que ele descarta.
- 10 - Você costuma ver muito lixo espalhado pela sua freguesia? Pela cidade? Na freguesia em que vivo, em Santo Antônio, não se vê muito lixo pelas ruas. Entretanto, ao final do dia, quando as pessoas colocarem seu lixo fora dos prédios e casa para que seja recolhido, acontece de ver amontoados de lixo no chão e isso é realmente deplorável e pouco higiênico.
- 11 - Você considera Lisboa uma cidade limpa? Se sim, conte-me a razão. Em geral eu considero que Lisboa é limpa. Se bem que na periferia da cidade não é tanto assim. Obviamente, os pontos turísticos são mantidos limpos, isso com exceção do Bairro Alto e dos Santos, que ficam muito sujos com as atividades noturnas em que as pessoas costumam jogar muito lixo no chão, turistas ou não.
- 12 - Para você, pensar no que fazer com os seus resíduos é uma preocupação constante ou é algo que você não lembra durante o dia e o faz de maneira automática? É uma preocupação na medida em que sempre que tenho um lixo tento depositá-lo no local correto, inclusive se forem recicláveis, busco lixeiras específicas para depositar o material que preciso descartar.
- 13 - Na sua casa, você costuma separar o lixo: papel, orgânico, embalagens, metal? Separo o lixo em minha residência. Pelo menos plástico e orgânico, e o vidro no ecoponto.

14 - Você já vivenciou uma situação, entre amigos, familiares ou desconhecidos, que poderia deixar a cidade suja? Pode descrevê-la? A situação mais recorrente entre amigos e familiares é a questão da bituca de cigarro ser jogada no chão, em relação a desconhecidos, já vi situações de pessoas jogarem desde lixo orgânico, tipo frutas e restos de comida, no chão, como latas de refrigerante sendo jogadas para fora da janela do carro.

15 - Como avalia sua postura em relação ao lixo? Acredito que seja positiva, na medida em que já recolhi do chão lixo de pessoas, na frente delas, e coloquei na lixeira, para ver se com a vergonha elas mudam de atitude e tomem consciência do que estão fazendo de errado.

16 - Pensa que o assunto “lixo” é discutido suficientemente nas escolas, na televisão, pelo governo? Há 10 anos, mais ou menos, houve uma campanha de sensibilização nos meios de comunicação social para que as pessoas efetuassem a reciclagem. Hoje em dia já não vejo mais esse tipo de apelo.

17 - A sua atitude em relação a limpeza urbana mudou com o passar dos anos? Sempre tive a atitude de tentar ser o mais limpo possível para o meio ambiente, isso desde que posso me lembrar, portanto, desde a minha infância.

18 - A forma como você lida com o lixo poderia ser enquadrada da mesma forma que seus pais e avós tratam os resíduos? Meus pais e avós tem a mesma visão que eu em relação a este tema, visto que fui educado por eles para ter essa conscientização ambiental desde muito cedo.

19 - Qual a sua opinião sobre as pessoas que trabalham com o lixo? As pessoas que trabalham com o lixo, ao meu entendimento, tem um dos trabalhos mais importantes da sociedade, pois o lixo é causa de doenças e desorganização, por exemplo. Imagina se hoje não houvesse profissionais que recolhessem tudo o que produzimos de excesso?

20 – Como acredita que elas sejam tratadas pela população? Muitas pessoas avaliam a profissão com pouco mérito, uma vez que não envolve uma formação acadêmica para exercer o cargo. Há pessoas que, indevidamente, olham para essa carreira com algum desprezo.

21 – Como respondem pela limpeza urbana na cidade de Lisboa as pessoas que executam esta função? Você já teve alguma experiência sobre isso? Conte-me qual foi, se a resposta for sim. Não tenho nenhuma lembrança muito marcante disso que possa ser destacada.

22 – Já viajou para fora de Lisboa ou Portugal? Se sim, onde? Já estive em muitas cidades tanto dentro de Portugal, como no exterior.

23 - Se pensar no lixo de outras cidades, ou países, pensa que Lisboa está melhor ou pior, ao fazer uma comparação? Pode explicar como? A cidade mais limpa que já vi até hoje foi em Singapura, lá as pessoas são punidas por lei por jogar lixo no chão. Elas podem ser presas se forem pegas fazendo tal ação. Em relação a Europa, os países nórdicos, a maioria tende a ser mais limpa e organizada do que

os países do mediterrâneo. No Canadá, em Vancouver, era uma cidade bem limpa. No Alaska, por exemplo, era possível ver um pouco de lixo na rua. Já no Brasil realmente o lixo é um problema e é visto em diversos lugares pela cidade, podendo ser comparado a certos locais em Portugal.

**APÊNDICE M - Entrevista nº 13 – realizada com Pedro Pina no dia 27/07/2016**

1 - Qual seu nome completo? Pedro Pina

2 - Quantos anos tem? 28 anos

3 - Onde nasceu? Lisboa

4 - Onde nasceram os seus pais? Pai: Vale Formoso e Mãe é alfacinha

5 - Para você, existe uma maneira lisboeta/alfacinha de ser? Há um jeito diferente sim. Acho que quem nasce e vive na capital são mais abertos, tem mentalidade mais cosmopolita. Não sei ao certo apontar características ou descrições, mas o que mais sinto é a questão de cultura mais aberta do que a visão mais tradicional e conservadora que há no interior. Acho que o lisboeta é mais tolerante com as diferenças, por exemplo.

6 - Você se sente como um(a) lisboeta/alfacinha? Sim, sinto-me lisboeta.

7 - Qual é a sua profissão? Jornalista

8 - Qual é a sua atividade profissional atualmente? Redator

9 - Para você, o que quer dizer “lixo”? É o nosso desperdício, vejo isso com um grande problema da sociedade. É a acumulação. Claro que existe a questão de lixo doméstico, o que é mais próximo de nós, mas existe também a questão das poluições e etc., mas isso é uma questão mais global, pois existe as indústrias e etc. Mas faço a distinção dos fenômenos.

10 - Você costuma ver muito lixo espalhado pela sua freguesia? Pela cidade? Moro em São Domingos de Benfica, e por acaso lá as ruas são relativamente limpas. Claro que há pequenas sujeiras, como bitucas de cigarro, poucos papéis.

11 - Você considera Lisboa uma cidade limpa? Se sim, conte-me a razão. Quando morei em Marquês de Pombal, por exemplo, e ali acho que não está mais tão sujo como já foi. Acho que zonas verdes ajudam com a sensação de limpeza e por acaso acredito que em Lisboa falta um pouco disso, portanto, acho que há uma preocupação urbana deficitária neste sentido. Mas em resumo, acho que a limpeza urbana da cidade melhorou nos últimos anos. Claro que não somos nórdicos, e que temos hábitos de andar de bicicleta ou tomar mais cuidado com os resíduos. Não sei dizer que gerações tem mais este cuidado, se existe diferenças de classe social, gênero, idade, que tem maior preocupação nesta questão.

12 - Para você, pensar no que fazer com os seus resíduos é uma preocupação constante ou é algo que você não lembra durante o dia e o faz de maneira automática? É pontual. Tenho os meus cuidados com algumas coisas, coisas que separo, que evito, e faço em modo automático, mas existem situações que paro sim para pensar antes de agir.

13 - Na sua casa, você costuma separar o lixo: papel, orgânico, embalagens, metal? Sim.

14 - Você já vivenciou uma situação, entre amigos, familiares ou desconhecidos, que poderia deixar a cidade suja? Pode descrevê-la? Sim, com pessoas mais próximas existe a questão dos cigarros, e em zonas que há atividade noturna, como Bairro Alto, já vi pessoas tendo pouco cuidado com o seu lixo. Antes era comum ver muitos dejetos de animais espalhados pelas calçadas, acredito que hoje as pessoas tem maior cuidado, já que levam seus cães para passear, e já levam consigo um saco para recolher. Hoje é raro ver quem não faça isso. Já vi discussão na rua por causa disso, de uma mulher gritou do prédio por um rapaz que não recolheu as fezes.

15 - Como avalia sua postura em relação ao lixo? Acho que houve uma evolução e para mim é muito claro quando comecei a tomar consciência desta questão. Foi com meus 12 anos, enquanto estava na 7ª ou 8ª série, e lá aprendi sobre reciclagem, fui instigado e incentivado pelos professores a coletar tampinhas de garrafa, papel cartão.

16 - Pensa que o assunto “lixo” é discutido suficientemente nas escolas, na televisão, pelo governo? Acho que já foi mais, deve ser falado, mas com menos insistência do que quando me lembro na época que eu estudava. Houve uma fase introdutória, depois publicitária com relação aos ecopontos, inclusive da mascote que fazia a separação. Ou seja, aprendi a partir destas lições, destas dinâmicas. Na minha escola teve isso e anos depois, pensando hoje, os hábitos familiares em relação ao lixo foi introduzido por mim e por minha irmã.

17 - A sua atitude em relação a limpeza urbana mudou com o passar dos anos? Eu e minha irmã levamos a questão da reciclagem para dentro de casa quando éramos jovens. Na altura das campanhas publicitárias e dentro da escola, para separar material. Lembro-me desta febre de um momento para o outro que isso passou a ser muito debatido. Hoje já tenho mais conhecimento da área, mesmo ainda considerando-me ignorante em termos técnicos e processos de reciclagem, mas acho que estou em constante melhoria e evolução.

18 - A forma como você lida com o lixo poderia ser enquadrada da mesma forma que seus pais e avós tratam os resíduos? Na verdade não muito. Como comentei antes, meus pais passaram a ter noções e reciclar depois que alertamos na volta da escola. O mesmo aconteceu com meus avós, que a reeducamos. Minha avó já faleceu, mas ela veio do interior, não estudou, mas ela ouvia-nos quanto ao cuidado com o lixo. Ela passou a preocupar-se mais com a embalagem do leite, o vidro também não ia para o mesmo local. Pelo menos na minha geração, chegando nos 30, que é estudada, passou por faculdades, acho que essa visão ambiental é mais aguçada e bastante natural.

19 - Qual a sua opinião sobre as pessoas que trabalham com o lixo? Eu tenho algumas dúvidas em relação a isso, mas acho que em Portugal existem profissões que são mais mal pagas que outras e essa é uma delas. Acho que existe com essa carreira uma associação, por parte da sociedade portuguesa, de

que é uma profissão complicada, por que tem mau cheiro, mas já vi que existe uma boa organização por parte deste sistema de recolha. Parece um pouco como trabalho de fábrica, um tanto mecânico, mas organizado.

20 – Como acredita que elas sejam tratadas pela população? Acho que a sociedade portuguesa vê isso como uma profissão normal, no entanto acho que as pessoas pouco notam a presença e o trabalho deles. Acho que é um bocado de trabalho silencioso, ou seja, as pessoas só notam quando há a falta deles, com as greves e etc. Não me parece que seja por mal. É mesmo uma valorização e agradecimento silencioso realmente por parte da população. Acho que há uma certa ignorância por entender o processo, como o lixo é tratado e transformado e etc. Ou seja, pode ser questão de desconhecimento e por isso gera pouco reconhecimento. Talvez também tenha alguma relação com a questão econômica, ou seja, as pessoas sabem que não é uma profissão que ganha-se bem, não há glamour algum pelo fato de andarem sempre sujos e lidando com a sujeira e mal cheiro, portanto não é fácil de transformá-los em heróis, ou astros de novela. Portanto, respeita-se, mas não posso defender por exemplo, que um pai de família tradicional aceitaria ou veria com muito bons olhos que a sua filha namore ou se relacione com alguém que tenha essa profissão. Isso é algo muito português, essa questão mais retrógrada, mas não ofensiva.

21 – Como respondem pela limpeza urbana na cidade de Lisboa as pessoas que executam esta função? Você já teve alguma experiência sobre isso? Conte-me qual foi, se a resposta for sim.

22 – Já viajou para fora de Lisboa ou Portugal? Se sim, onde? Algumas cidades.

23 - Se pensar no lixo de outras cidades, ou países, pensa que Lisboa está melhor ou pior, ao fazer uma comparação? Pode explicar como? Acho que estamos em um nível equilibrado com cidades de outras capitais, como Madri, por exemplo. No entanto em Londres há menos lixo. Não estamos muito longe em relação ao ideal europeu, sei que temos mais atrasos, mas não que possa ser enquadrado como mais sujo.

**APÊNDICE N - Entrevista nº 14 – realizada com André no dia 28/07/2016**

- 1 - Qual seu nome completo? André Câncio Guimarães
- 2 - Quantos anos tem? 38 anos
- 3 - Onde nasceu? Lisboa
- 4 - Onde nasceram os seus pais? Mãe: Coimbra; Pai: Póvoa de Varzim
- 5 - Para você, existe uma maneira lisboeta/alfacinha de ser? Talvez sim. Diria que as pessoas de Lisboa, que vivem e nasceram em Lisboa, poderão ter determinadas características em comum, mas não sei muito bem descrevê-las.
- 6 - Você se sente como um(a) lisboeta/alfacinha? Sim. Creio que sim.
- 7 - Qual é a sua profissão? Eng.º do Ambiente
- 8 - Qual é a sua atividade profissional atualmente? Consultor / Chefe de Projeto
- 9 - Para você, o que quer dizer “lixo”? Material não (re) aproveitável, cujo destino final é a eliminação.
- 10 - Você costuma ver muito lixo espalhado pela sua freguesia? Pela cidade? Mais na cidade do que na freguesia. Incomoda especialmente os dejetos caninos.
- 11 - Você considera Lisboa uma cidade limpa? Se sim, conte-me a razão. Já foi muito mais suja. Atualmente e comparando com as cidades europeias que visitei, considero que Lisboa se pode considerar uma cidade limpa, nomeadamente nas zonas mais interessantes do ponto de vista turístico. Os bairros mais antigos, ou zonas de elevada densidade populacional tende a ser mais sujas/menos cuidadas.
- 12 - Para você, pensar no que fazer com os seus resíduos é uma preocupação constante ou é algo que você não lembra durante o dia e o faz de maneira automática? A gestão dos meus resíduos é feita de maneira automática e rotinada.
- 14 - Você já vivenciou uma situação, entre amigos, familiares ou desconhecidos, que poderia deixar a cidade suja? Pode descrevê-la? Alguns amigos ainda colocam resíduos no chão.
- 15 - Como avalia sua postura em relação ao lixo? Normal. Por vezes tenho que me lembrar que a reciclagem é importante para o não aumento de espaço ocupado em aterro desnecessariamente, e também para a tentativa de redução de depreciação de recursos naturais, quando são possíveis de aproveitar os materiais reciclados. Mas muitas vezes a pegada ecológica da reciclagem é superior à

fabricação com matérias não reciclados. Resumindo, preocupo-me, mas sem fundamentalismos nem cegueiras.

16 - Pensa que o assunto “lixo” é discutido suficientemente nas escolas, na televisão, pelo governo? Não.

17 - A sua atitude em relação a limpeza urbana mudou com o passar dos anos? Sim claro. Quando éramos crianças, não se falava em resíduos nem em reciclagem.

18 - A forma como você lida com o lixo poderia ser enquadrada da mesma forma que seus pais e avós tratam os resíduos? Nada parecidas. Visões muito diferentes, próprias de tempos e acesso à informação diferentes. Os meus pais já têm uma visão aproximada da minha, no entanto, creio que em determinadas visões, sou um pouco cético.

19 - Qual a sua opinião sobre as pessoas que trabalham com o lixo? Não tenho opinião. Considero um trabalho como outro qualquer.

20 – Como acredita que elas sejam tratadas pela população? De maneira normal. Talvez por vezes haja um preconceito associado aos cheiros e higiene desses trabalhadores, mas não me revejo nele.

21 – Como respondem pela limpeza urbana na cidade de Lisboa as pessoas que executam esta função? Você já teve alguma experiência sobre isso? Não.

22 – Já viajou para fora de Lisboa ou Portugal? Se sim, onde? Argentina, Chile, Cuba, Estados Unidos da América, Inglaterra, Marrocos, França, Bélgica, Holanda, Espanha, Brasil, Polónia, Croácia, Grécia, Itália, Maldivas, São Tomé e Príncipe e outros provavelmente.

23 - Se pensar no lixo de outras cidades, ou países, pensa que Lisboa está melhor ou pior, ao fazer uma comparação? Pode explicar como? Lisboa está, na globalidade, melhor. Mas também porque é menor, onde a mensagem nos grandes centros urbanos talvez seja mais fácil de passar. A gestão de resíduos em Portugal deve ser bem mais simples de que noutros países com maior dimensão e população.